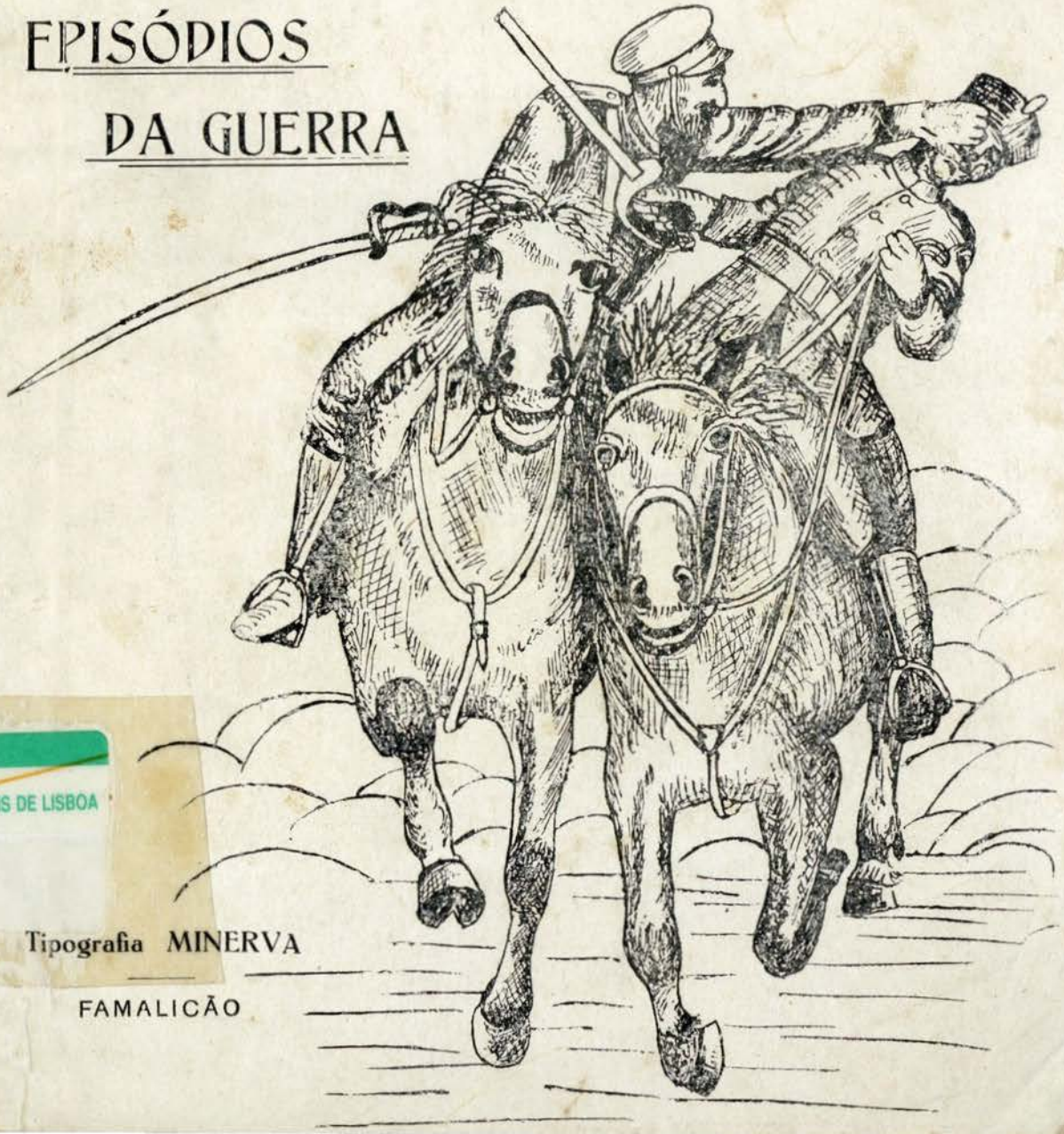
HUMBERTO BEÇA

Sob a Metralha

EPISÓDIOS DA GUERRA



ICIPAIS DE LISBOA

Tipografia MINERVA

FAMALICÃO

José Rodrigues Pires
LIVREIRO - ANTIQUARIO
R. 4 de Infantaria, 34-1.º Dto.
Telef. 65 02 55
LISBOA-3

N.º 5118

7179

Ao Exmo. Sr. Alvaro Coelho
Ilustre Director Geral do
Ensino Industrial e Comercial
com o mais subido apreço

Porto/1920

oferece
o autor

Sob a Metralha

Episódios da Grande Guerra

Impresso em maquina "Marinoni,,
na TYPOGRAPHIA MINERVA de G. Pinto de Sousa & Irmão,
Villa Nova de Famalicão

Humberto Beça

82P-34
BEC

BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

M

HUMBERTO BEÇA
(Gothofrede Humberto Beça Salgueiro)

Sob a Metralha

Episódios da Grande Guerra

137063
16604

EDIÇÃO
DA
ESCOLA SECUNDÁRIA DE COMÉRCIO
—
PORTO

821.134.3-34
94(100) "1914/18"

DO MESMO AUTOR:

A Tomada de Chaves, 1909 — Esgotada.
Justiça de Castela, 1909 — Esg.
Sonhos d'Alma, 1910 — Esg.
Anuário da Escola Dória, 1910.
A Bandeira Portuguesa, 1911 — $02.
Anuário da Escola Dória, 1911.
Azulejos, 1912 — $40.
Anuário da Escola Dória, 1912.
Noções de Comércio, 1.º vol., 1913 — 1$30.
A Árvore, 1913 — Esg.
Prática de Escrituração, 1.º ano, 1913 — $65.
Noções de Aritmética, 1914 — $95.
Anuário da Escola Secundária de Comércio, 1915.
Prática de Escrituração, 3.º ano, 1916 — $50.
Excertos da Juventude, 1917 — $80.
Noções de Comércio, 2.º vol., 1917 — 1$80.
O Ensino Comercial, 1918 — $60.
Ermezinde, monografia — Concluida.
Musa Trocista — Concl.
Flocos de Neve — Concl.
Dicionário Universal — Em preparação.
Noções de geografia geral — Em prep.

Aos meus camaradas da Ilustre corporação de oficiais do serviço de Administração Militar.

O. D. e C.

O autor.

Antes de começar

TINHA resolvido ha muito já, reùnir em volume os episódios da guerra que durante dois anos, desde 1916, publiquei em «O Democrata» de Aveiro, episódios que por diversas vezes mereceram a transcrição de jornais portugueses e estrangeiros.

Tinha também já escolhido para o futuro volumezinho, o título de «Episódios de Guerra», título a que estes despretenciosos artigos já se subordinavam ao serem insertos naquele jornal, e que de facto deixei já consignado no meu último volume «O Ensino Comercial em Portugal», na relação dos livros já publicados e concluidos, volume saído a público em meados de 1918.

Ultimamente, porêm, subscrito por uma senhora, apareceu à venda um volume intitulado também «Episódios de Guerra». Desgostou-me a coïncidência,

mas evitá-la não podia: o facto estava consumado, tratava-se de uma questão de acaso, curiosa, é certo, aìnda que para mim bastante desagradável, porquanto o título do meu livro, já ficára consignado, como disse, em anterior publicação.

Vacilei entre a escolha de um novo título ou a conservação do que escolhêra, e optei por deixar o que de direito pertencia ao meu modesto volume, como sub-título, dando-lhe o título de ***Sob a Metralha.*** *E' pois aìnda com o nome que ha três anos já tinha, que o meu volumezinho aparece.*

Dos meus contos de guerra não me cumpre falar, êles são apenas a trasladação mais ou menos dramatizada, mas real, fiel, de descrições encontradas nos livros de guerra estrangeiros, nas inúmeras revistas e volumes franceses, ingleses, espanhóis, americanos, brasileiros, italianos, suíços e portugueses, que constituem a minha biblioteca da guerra.

A «Junta Patriótica do Norte», pedira em cir-

cular aos jornais do norte do país, que a coadjuvassem na propaganda da guerra. O «Democrata» encarregando-me de o representar no seio da patriótica associação, incumbiu-me dessa propaganda, nas suas páginas, que efectivei por êste modo: os Episódios da Guerra. A sua acção propagadora foi todavia muito àlêm da esfera de acção de «O Democrata», pois muitos jornais e entre êles a «Sphere», uma das mais importantes ilustrações inglesas, e «O Espelho», revista também londrina publicada em língua portuguesa, dêle os transcreveram. Se outro elogio não merecerem, este é-lhes já bastante honroso.

Porto — Setembro de 1919.

H. Beça.

I

Um episódio da guerra

Ao capitão-tenente da Armada, meu amigo, Silvério Rocha.

UM episódio!

Quantos? ¿Quantos rasgos de heroísmo, de audácia, de generosidade, de bravura não passaram anónimos, não ficaram desconhecidos na acção individual de cada combatente, nessa luta em que cada soldado foi um patriota, cada patriota um herói e cada herói um gigante, multiplicando fôrças, reùnindo energias, na santa emulação de dar pela Pátria a maior sôma do seu esfôrço, a maior porção do seu sangue?

Quantos? ¿Quantos, que acto contínuo pagaram com a própria vida uma acção de temeridade, um rasgo de bravura, que a Patria coroaria com os loiros da glória, mas que uma bala inimiga coroou antes com as névoas da morte?

¿Quantos, que com a própria vida sepultaram entre montões de cadáveres, entre charcos de sangue, gestos da mais audaciosa valentia, arrojos épicos que fariam dêles épicos heróis, e por cujo sacrossanto esfôrço ali perdido, cortado pelas rajadas de ferro do inimigo, nem

o nome modesto poderão ter entre os de outros bravos que à Pátria tudo deram, perdidos êles, desconhecidos, na amálgama de carne, de terra, de aço, em que os confundiu a derrocada da batalha?

Quantos?!... Quantos!...

*

* *

A 23 de Fevereiro partira de Marselha para o Oriente, a bordo do *Provença*, um contingente de refôrço ao corpo expedicionário francês nos Dardanelos. Toda a viagem corrêra óptimamente. O transporte navegava com precaução, vigiando cuidadosamente a superfície das águas. A bordo, a ânsia da luta era o objecto único de todas as palestras entre soldados e marinheiros, todos almejando pelo momento solene de batalharem pela Pátria, de levar a toda a parte o nome dessa gloriosa França que ha dois anos se batia impávida pela Justiça, pela Razão e pela Liberdade.

Cada peito um valente, cada alma um herói!

No remanso negro das águas, escondido, agachado no seio das ondas, entretanto, o salteador dos mares — o submarino — aguardava com paciência a passagem da vítima para atacá-la de surprêsa, para ferí-la impunemente do seu esconderijo de covarde.

O *Provença* avança, o submarino espreita...

No paquete, a tranqùilidade dos que conhecem o Dever e sabem que é no desempenho dêsse Dever que ali se encontram.

No submarino, a tensão nervosa, o sobressalto do assassino que premeditadamente espera a sua vítima.

Depois... o mar que se fende... o rasto espumante do torpedo que avança e aparece... o grito de

raiva dos que não puderam descobrir a tempo o inimigo invisível!

.....

Sob a explosão formidável da traiçoeira arma, apanhado em cheio pela pôpa, o navio levanta-se um momento para logo cair pesadamente nas águas que se precipitam pelo boqueirão enorme que o torpedo lhe abrira no costado de ferro. A' surprêsa do momento, sucede a calma, o sangue frio, a ordem, a placidez, a tranqùilidade, que só é apanágio das grandes almas, e todos esperam com a mesma indiferença o salvamento ou a morte!...

De longe, o submarino, subindo à superfície, assiste sossegadamente à agonia do paquete, à morte dos naufragados.

Rápidamente, o navio afunda-se, mal dando tempo de se lançarem os escaleres ao mar, e momentos depois, à tôna de água só se viam, distanciados pela vaga, alguns barcos pejados de soldados e o bracejar dos náufragos que a submersão do navio não dera tempo de recolher.

*

* *

Numa jangada, trinta ou quarenta desventurados seguem, sem rumo, arrastados pela corrente.

Carregada de mais para a sua capacidade, mergulha na água constantemente, enregelando os desgraçados que conduz.

Na sua marcha, sem destino, passa por um soldado que pede que o salvem.

Impossivel!...

A jangada submerge-se já com a carga dos que leva.

Helas! — alguêm exclama no meio dêsses infelizes — *Le devoir d'un marin est abord de sauver les soldats.*

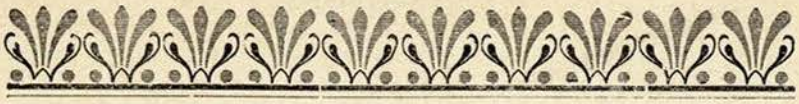
Esse alguêm, êsse super-homem, destacando-se do grupo amontoado no meio da jangada, aprumado, a cabeça nobremente erguida, no rosto aberto a energia das grandes decisões, dos gestos heróicos, agarra o soldado já meio desfalecido, pucha para cima, salva-o, arranca a sua blusa de marinheiro e precipita-se no mar!

¿ Quem é êste bravo?

¿ Quem é êste herói cuja grandeza de alma nada iguala, cujo heroísmo eleva uma nação, honra uma História, lava a humanidade da lama com que tantos a conspurcam?

Um simples marinheiro. Chamava-se apenas *Gauthier* então, e d'ora-àvante a História dirá dêle como de La Tour d'Auvergne:

Gauthier! Morto heróicamente pela Pátria no campo da batalha!



II

Suprema dor

A heróica defesa dos belgas havia sido esmagada finalmente pela brutal superioridade numérica do exército alemão, e a França mobilizava ainda o seu exército para uma guerra que só a Alemanha esperava.

A 10 de Agôsto as primeiras tropas francesas chegam a Dinant, de onde expulsam os alemães, mas são compelidas a abandonar pouco depois a cidade pela ofensiva fulminante dêstes, que em breve contavam ocupar Paris, e obrigados a retirar sôbre a fronteira, que pouco antes haviam transposto.

O movimento de retirada das divisões francesas começou então, e da fórma como essa retirada fôsse feita dependia a salvação da França.

Joffre precisava livres os seus movimentos e necessitava portanto assegurar o seu flanco direito apoiado nos campos fortificados da fronteira da Alsácia, onde

os alemães não deixariam certamente de tentar vibrar um golpe mortal no exército francês, diligenciando atacá-lo pela retaguarda.

Era sem dúvida esta a parte de maior responsabilidade do plano de Joffre.

Castelnau é investido no comando do exército de Nancy, cuja ala esquerda se apoiava pelo sul em Verdun, e onde igualmente se apoiava pelo norte a ala direita das fôrças de Joffre.

Castelnau devia manter-se em Nancy a todo o transe, barrando a passagem ao exército alemão, enquanto o de Joffre, girando sôbre Verdun como sôbre um eixo, se deslocava em leque desde a fronteira da Bélgica até qùasi aos muros de Paris.

Sôbre as tropas de Castelnau, o aristocrático general a quem a França republicana não duvidou entregar a posição de maior perigo no momento crítico da invasão, desencadearam os exércitos do Kaiser tempestades de metralha, avalanches de homens, em assaltos que foram horrores de carnificina e de sanha.

O bravo general bem compreendia que da sua posição dependia a segurança do exército do norte, e portanto a segurança da sua Pátria.

Um passo à retaguarda era a retaguarda ameaçada do exército de Joffre, era essa famosa retirada que foi qùasi uma vitória, transformada numa derrota sem remédio, quiçá na imediata aniquilação dos exércitos da Rèpública aìnda mal completos.

Vitrimont, Saint Dié, Cirey, Sainte Genévève, Bacarat, Champenaux, Amonce e outras, foram outros tantos cemitérios do exército alemão que nas suas retiradas de derrotados assaltos, deixou juncados de cadáveres.

Amonce, foi a 8 de Setembro de 1914 o túmulo dos couraceiros brancos do imperador, que os atirou pes-

soalmente contra as baterias francesas que os aniquilaram sob os seus olhos, como em 16 de Agôsto de 1870 o foi Rezonville, onde a cavalaria francesa os esmagou totalmente.

Em Loysy e Santa Genoveva, quatro regimentos alemães desfizeram-se qùasi inteiramente contra um só batalhão francês do regimento 314, formidávelmente entrincheirado no cemitério da aldeia e no alto de Atton.

A luta foi sem precedentes, mas Castelnau manteve-se e Joffre pôde operar sem preocupações a retirada estratégica que o levou à formidável vitória do Marne.

Foi nesta luta épica, incessante, interminável, que o exército francês, desde o soldado ao general, soube mostrar a sua superioridade moral sôbre o automático exército alemão.

O espírito do chefe absorvido na apreensão constante das fases da luta que em cada lugar tinha a cada momento um aspecto novo, olhando apenas os mapas onde se desenrolava essa trágica scena da comédia humana, cercado dia e [illegible]e do seu estado-maior, recebia a cada instante as con[illegible]icações da frente de batalha e a cada instante tran[illegible]itia as ordens que com tanta precisão mantinham nas linhas francesas o fogo sagrado da defesa, sempre elevado ao entusiasmo quando se baseia na confiança absoluta de chefes de incontestável valor.

No quartel-general de Castelnau o movimento era grande: as ordenanças cruzam-se, os telefones retinem a cada momento, oficiais de ordens partem e chegam com pequenos intervalos.

Inclinado sôbre uma grande mesa, o general segue a marcha dos dois exércitos de cujos menores movimentos é imediatamente prevenido.

São comunicações que chegam, ordens que partem imediatas, telegramas, ordenanças, oficiais e entre outros um, que se dirige logo ao comandante:

— Meu general!

Castelnau, absorvido, continua, esperando assim sem responder, que o oficial prossiga.

Com a voz comovida, pausadamente, o oficial recêm-chegado acrescenta:

— O alferes Javier de Castelnau acaba de morrer à frente da sua companhia, que perseguia o inimigo em retirada.

Apruma-se o general bruscamente, correm para êle, vêem-no levar a mão aos olhos fechados enquanto com a outra se empara à mesa, estremecer, qùasi cambalear.

O oficial morto era seu filho!

As ordenanças continuam chegando, os oficiais de ordens cruzam-se: pedem-se instruções.

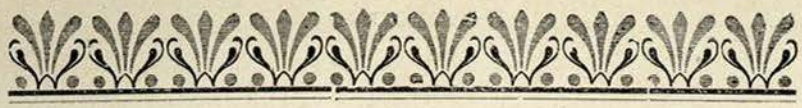
Um segundo mais; novas comunicações chegam: é a Pátria em perigo que chama o chefe ao cumprimento do seu dever.

Castelnau, levanta a mão dos olhos que premia como para não deixar penetrar na retina a imagem do filho morto, e exclama simplesmente:

— Senhores, continuemos!

E ditou as primeiras ordens aos oficiais que o aguardavam.

Quinze dias depois o general Castelnau recebia no próprio quartel general o cadáver do segundo filho, imolado também no altar da Pátria pelos inimigos da Justiça, do Direito e da Razão.



III

A Invàsão

A meu cunhado, alferes de Administração Militar, Alfredo César de Brito.

LOGO nos primeiros dias da guerra, Alfredo Moussy partira da sua casa de..... para se apresentar no seu antigo regimento de que era sargento de reserva.

Os alemães aproximavam-se vertiginosamente do coração da França e não era certamente com o seu esfôrço individual que êle poderia defender da orda invàsora a sua pitoresca aldeia, o seu lar tão querido, a sua família.

Era doloroso deixá-los—oh! se era...

Tinha o pressentimento de que a sua aldeia seria invàdida pelos prussianos, que já pisavam terra de França, e que as tropas do seu país não chegariam a tempo de salvá-la. Mas o seu dever era partir, o seu lugar era no seu regimento, onde a sua acção seria mais eficaz do que ali.

Alfredo tinha uns vinte-e-seis anos.

Alto, forte, resoluto, rosto aberto e franco, viveu sempre em casa de seus velhos pais que o adoravam e que com mais dois filhos, Berta de 20 anos e Réné de 17, formavam o lar mais estimado e mais feliz da pequenina aldeia.

Berta era uma linda rapariga de olhos azuis, cabelos loiros muito anelados, branca como as assucenas e tendo sempre a brincar-lhe nos cantos dos lábios, muito vermelhos, um estonteador sorriso, que punha as cabeças dos rapazes da aldeia à razão de juros.

Réné era o doidivanas próprio da sua idade, génio fantasista e aventureiro, garoto audacioso e atrevido, mas ao mesmo tempo humilde e generoso para os que lhe mereciam essa deferência.

O pai de Réné casára já de qùasi quarenta anos, e sua mãe Maria Barthé, bastante mais nova do que o marido, contava todavia já, na declaração de guerra, os seus 56 anos.

Vivia feliz a família Moussy.

Tendo amealhado algumas dezenas de milhares de francos, com o negócio honesto de uma modesta lojasinha de miudezas, viviam actualmente numa invejável mediania e numa união tão íntima que eram a admiração e o exemplo do pequeno lugar.

Alfredo era professor, Réné o futuro sucessor de seu pai.

Quando Alfredo se despediu entre soluços e lágrimas, numa convulsão de abraços e de beijos de que não havia desapartá-los, recomendou àparte a Réné que vigiasse bem e defendesse até à última extremidade a seus velhos pais e irmã, já que êle tinha de tomar parte na defesa da Pátria em mais larga acção.—«E se puderes, acrescentou, tem-me sempre ao corrente do que aqui se passar. Já sabes que estou no 141 de infantaria. Conta-me tudo.»

A partida foi dolorosa. A varonil irmã do militar, sucumbiu inteiramente, cravando os olhos assustados, lacrimosos, no irmão mais novo, como se nêle quisesse encontrar a firmeza da protecção, que um vago pressentimento lhe dizia que havia de precisar bem cedo.

O velho Moussy não podia esconder também as apreensões que lhe segredava o seu coração de pai e não conseguia disfarçar, por mais que se esforçasse, a comoção que o sufocava.

A mais forte era Maria Barthé.

Num último abraço, entre beijos sem conta, serêna, olhos enxutos para melhor encorajar o filho, recomendou-lhe: «não te esqueças de nós; mas não te esqueças principalmente de cumprir o teu dever».

Com mais oito rapazes que seguiam também a apresentar-se no mesmo regimento, o carro abalou por fim entre os gritos de despedida de todos, o acenar de lenços e o enxugar de olhos, que talvez nunca mais se tornassem a ver.

Até à volta da estrada o mar de braços que se agitava no ar, não parou. Depois, como que envolvida, toda a população da aldeia ali junta, para esse triste adeus, no vácuo da saùdade, a cada um parecendo que estava só, abandonado, no meio dos que o cercavam, ali ficaram sem se verem, mudos, pregados no chão, como que a prolongarem a imagem do último ósculo, como se aìnda sentissem o último amplexo, como se vissem aìnda, como se ouvissem os que partiram e que já iam longe.

Horas se passaram sem que essa pobre gente tivesse coragem para abandonar o lugar de onde os viu partir, os seus filhos, os seus irmãos, uns noivos, outros já esposos.

*

Cinco dias depois a aldeia era ocupada pelas avançadas alemãs e as notícias da França cessaram por completo. Na aldeia receberam-se ainda as primeiras cartas do regimento, cheias de saùdades, de esperanças, de entusiasmo e de fé na vitória. Depois ninguêm mais soube dos valorosos soldados que dali partiram dias antes.

O avanço dos alemães isolou a linda aldeiasinha da sua Pátria e o povo indefeso, já só composto de velhos, de mulheres e de crianças, ficou inteiramente à mercê do invàsor.

Réné era, dos poucos da sua idade, o mais velho e não mais abandonou a casa de seus pais; perdêra a vivacidade, a energia e audácia dos seus verdes anos. Percebiam-se-lhe de quando-em-quando estremecimentos, contracções e olhares rápidos, em que cerrava rápidamente e com violência os dentes, mas conservava-se no seu mutismo, passeando pela casa, cabisbaixo e pensativo.

A's vezes assaltavam-no explosões de lágrimas que abafava no seio de sua irmã, sem dizer palavra, e se esta se afastava, Réné seguia-a com os olhos, num doloroso e íntimo pensamento e as lágrimas deslizavam-lhe de novo pelas faces que começavam a perder já o brilho dos seus exuberantes 17 anos.

A pequena lojinha do velho Moussy fechára-se, as janelas não se erguiam e a alegre casinha da venturosa família tornou-se como que o seu próprio túmulo.

Sob a pata ferrada do alemão, a aldeia começava a sentir todo o pêso do seu odioso e brutal jugo.

Parte da gente da aldeia, da que ficára, porque alguns preferiram fugir à aproximação dos invàsores,

fôra já empregada pelos alemães em serviços diversos e a vez chegou também de receberem ordens de se apresentar aos dois filhos de Moussy.

Foi outro momento doloroso para a triste família.

Sem notícias do filho que partira; sob a pressão arripiante do avanço dos alemães, cujas divisões entravam como onda devastadora na desgraçada França; sabendo apenas que os seus exércitos retiravam, os pobres velhos sentiram-se qùasi que morrer, à ordem de apresentação de Berta e de Réné. A mais animosa, ainda assim, era Maria, a mãe.

Fingindo uma confiança que estava longe de sentir, mostrando uma energia que nem era a dela nos dias ditosos de paz na sua aldeia, a boa vèlhinha encorajava os três, beijava-os com palavras de confiança, qùasi tentava sorrir, reprimindo os soluços que por vezes a traíam e lhe embargavam a voz, para ir a correr, emquanto o velho Moussy acompanhava os filhos até à porta, esconder-se no seu quarto, ninho onde decorrêra toda a felicidade de vinte-e-oito anos de casada, atirar-se de joelhos contra o leito e abafar nas roupas que amarfanhava de dor, a ânsia de gritar, de gritar muito, que lhe esmagava o peito, emquanto os soluços em catadupa se lhe precipitavam para a garganta.

O regresso dos filhos era o único momento de desopressão que os pobres velhos tinham.

Olhavam-nos, apalpavam-nos, beijavam-nos, esboçavam só então um pálido sorriso, para depois todos caírem no mesmo silêncio, na mesma tristeza, no mesmo isolamento dentro da mesma salinha, mas em que os quatro tinham todos o pensamento longe, na França, no seu grande exército que se batia já para os salvar e em Alfredo, o filho estremecido de quem não mais tiveram notícias, de quem não mais souberam se era vivo ou morto.

*

São passados quatro anos-e-meio depois da partida de Alfredo e dos seus companheiros para o seu regimento.

O sargento Moussy, que a 4 de Agôsto se apresentára como reservista no 141 de infantaria, batia-se a 14 de Setembro no Marne e com tal bravura que as ordens do dia da sua divisão o citavam com elogio, pondo em destaque os seus actos de heroísmo.

Dois dias depois Moussy era promovido por distinção a ajudante.

Sempre o primeiro, o da frente, em todas as missões de perigo, o bravo militar pensava só em ajudar com o seu esfôrço constante a empurrar os alemães para àlêm da sua aldeia natal e levar assim aos seus o socorro que, quem sabe! se êles já teriam precisado.

Das brutalidades dos invàsores contavam monstruosidades todos os jornais.

Alfredo lia com horror, com os cabelos em pé, todo êsse estendal de ignominias, que ha-de ser eternamente o labéu vergonhoso a manchar-lhes a face deshonrada e conspurcar-lhes a história.

¿O que se passaria na sua aldeia?

¿O que terá acontecido aos seus, aos seus velhos pais?

E Berta? tão jóven e tão formosa... ¿Não teria ela sido já uma das vítimas dêsse exército de bandoleiros, porque o nome nobre de soldados não podem tê-lo as feras que Guilherme II atirou sôbre a França?

E o coração confrangia-se-lhe, passava-lhe uma nuvem de raiva represada pelos olhos, onde a imagem de Réné vinha aparecer iluminada, sorridente, que Alfredo fitava então perscrutador, jubiloso, como a que-

rer adivinhar naquele sorriso amargo a íntima satisfação do dever cumprido.

Depois o rosto risonho de Réné começava a empalidecer, os olhos fechavam-se-lhe e começam pelas faces e pela testa a correr-lhe fios de sangue.

O torturado irmão levantava-se de chofre, os soluços a apertarem-lhe a garganta, e vinha para a rua, para as trincheiras, esquècer na preocupação dos assaltos, dos raides, das patrulhas os pensamentos dolorosos da família.

Dois anos depois Moussy encontrava-se em Verdun, onde fôra ferido gravemente pelos seus contínuos actos de temeridade e onde os galões de *lieu-tenant* lhe cobriam já os braços.

Condecorado, citado em ordens de divisão e de exército, Alfredo pediu, logo que terminou o assalto da famosa linha de fortes, para voltar ao 141 que continuava a combater na mesma região, em frente à sua aldeia, de que desejava estar o mais perto possível para ser o primeiro a lá entrar, para com a sua audácia e tenacidade ir sempre levando os alemães na ponta das baionetas até lá, até a reconquistar.

A guerra das trincheiras prolongava-se e o almejado momento não chegava.

A sua aldeia, a uns quarenta quilómetros dêle, apenas, ficava para êle eternamente o pesadelo de todas as suas noites, o pensamento de todos os dias.

O grande ataque da Flandres, chamando ali reforços dos exércitos do sul, levou o alferes Moussy aos combates do norte onde, pelo seu heroísmo e desprêzo da vida, ganhou novas citações, novas medalhas, novos ferimentos e o posto de tenente.

Mas citações, medalhas, promoções, tudo para êle era indiferente, e terminada a grande luta da Flandres

o tenente Moussy pedia para regressar novamente ao seu antigo regimento, para mais perto da sua aldeia, com o pensamento sempre posto naqueles cujas lágrimas de despedida ainda não esquecêra.

¿ Que seria feito dêles?

Berta e Réné podiam ter resistido à tempestade que assolou toda a região invàdida; ¿ mas seus velhos pais? Êle tão alquebrado já pelos anos, ela, mulher... já vèlhinha também...

E novamente a imagem de Berta aparecia, santa da resignação e do sofrimento, e depois Réné, a quem recomendára que até ao último alento defendesse a vèlhice dos seus pais e a inocência da irmã, risonho, a testa a escorrer sangue...

Dias de tortura, intermináveis de pesadelos de que acordava em sobressalto, decorriam para Alfredo com a morosidade de séculos, e sempre, e só com o pensamento na sua casinha, na sua desventurada família.

*

Emfim!

Em Outubro de 1918 os alemães depõem as armas e Alfredo, retiradas as tropas invàsoras, pede licença para ir à sua aldeia, que estivera sempre em poder do inimigo, para saber finalmente dos seus, para os abraçar, para os apertar bem contra o peito, para os beijar muito, muito, para lhes sentir bem o palpitar dos corações contra o seu, para os olhar horas inteiras, para lhes ouvir a voz, para se embevecer nas suas festas, para descansar, para dormir o primeiro sono bom nos braços de todos, aconchegado no calor de todos, sentindo bem a branda pressão dos seus abraços amigos, o morno bafejar dos seus beijos consoladores.

Aproveitando os caminhões dos parques militares

que seguiam o exército que avançava para a fronteira Alfredo partiu para..... com o coração a saltar-lhe pela bôca.

Quarenta quilómetros. Era uma hora que pareceria um século.

Que pensamentos, que sobressaltos, que fantasias, que apreensões dominavam o espírito do moço tenente é facil calculá-lo, pois todo êsse estado de alma se lhe reflectia na ansiedade, na impaciência, na qùasi irritação com que consultava o relógio de minuto a minuto.

Por fim os lugares conhecidos começaram a aparecer e momentos volvidos, numa volta da estrada, a pequena aldeia divisou-se a curta distância, sossegadamente estendendo as suas casinhas muitas brancas, de onde sobresaía com galhardia a elegante tôrre da igreja, num valesito encantador.

O sol do outono dourava já o agrupamento das habitações muitas juntas, como que a aconchegarem-se mais umas com as outras.

O fresco da manhã animava a soldadesca dos caminhões que palrava largamente, quando Moussy absorvido nos seus pensamentos, vendo a aldeia surgir-lhe inesperadamente na frente, se precipita de um salto fóra do automóvel, como para correr ao encontro da sua terra que lhe parecia estender-lhe os braços.

O automóvel parou.

— Não foi nada, eu fico, póde seguir.

E ficou ali pregado no solo, a olhar a sua aldeia, a reconhecer a sua casinha, emquanto o enorme comboio passava com ruído pelas suas costas.

As lágrimas deslizavam-lhe pelas faces; queria avançar, correr, e tinha mêdo. Começava a caminhar e parava de novo, num sobressalto, numa suspeita pavorosa que lhe arripiava os cabelos, que o fazia estremecer de mêdo.

E a imagem do irmão com o rosto a escorrer em sangue veio mais uma vez estampar-se-lhe nos olhos, ao passo que lhe pareceu ouvir a sua voz que lhe dizia:—«Como tu, eu também soube cumprir o meu dever.»

A passo trôpego e vagaroso, quasi a tremer, êle que nunca tremeu no mais feroz das lutas das trincheiras, foi-se encaminhando para a aldeia.

A' medida que se aproximava, aumentava a ansiedade, aumentava-lhe o pressentimento que o fazia sufocar, parar a cada instante, vacilar, tremer por uma suspeita que teimava em persegui-lo e êle queria em vão afastar horrorizado do seu espírito.

Por fim a primeira casa chegou.

Era a primeira ruasinha da aldeia. Um pouco adiante a sua casa.

O oficial sentiu vergarem-se-lhe as pernas, faltarem-lhe as forças; amparou-se à espada e encostou-se ao muro para não cair.

Rara gente na aldeia. Alguns soldados e gente do povo, caras desconhecidas; dos antigos vizinhos nem um.

—¿Que quererá isto dizer?

Portas e janelas abertas; foi andando. Nos interiores das casas nada se sentia.

Um ou outro caminhante aparecia, olhando com curiosidade o oficial que parecia um convalescente, tal o vacilar dos seus passos e a palidez das suas faces.

Olhou a sua casa. Estava a algumas dezenas de passos apenas. Teve mêdo de entrar.

Dirigiu-se a um homem que passava e preguntou-lhe se era dali.

—Não, senhor, sou de....; tinha fugido da minha aldeia e volto para lá. Estou aqui ha dois dias.

—¿E a gente da povoação?

—Uma fugiu; outra foi mandada em levas para a Alemanha; outra morreu com as privações... contou-mo um morador cá da terra, dos que cá ficaram, que me recolheu por esmola.

—¿Como se chama êle? preguntou a custo o militar.

—Chamam-lhe o tio Samblet... é aqui perto.

—Bem sei, vou até lá.

—Se V. S.ª quer que o acompanhe... O senhor não está lá muito bem.

—E' desnecessário. Obrigado. Eu posso ir só.

*

No quinteiro de Samblet.

Dois homens olham-se oprimidamente. Um veste a farda de tenente do 141 de infantaria, outro a japona coçada dos lavradores do sítio e tem os cabelos completamente brancos.

—Alfredo!!... brada o mais velho, precipitando-se para o militar.

—Tio Samblet, exclama o outro abrindo-lhe os braços e desatando a chorar sôbre o peito do ancião.

—Meu grande amigo! meu pobre filho!—E os soluços dos dois homens confundiram-se no mesmo arranco, na mesma convulsão, por largo espaço de tempo.

—¿Os meus... pais? preguntou finalmente o oficial.

—Os teus! Os teus!... ¿e os meus? ¿e os outros e todos os desta desgraçada terra?, respondeu o ancião arrastando-o para um banco tôsco do quinteiro, onde o sol dava de chapa.—Sabes lá o que sofremos!

—Mas... morreram?... mataram-nos?... e Berta? e Réné?

«Conte-me, diga-me que é feito dêles, fugiram? ¿Estarão escondidos ainda? ¿E a minha irmã? Levaram-na? ¿E o Réné? ¿Que fez êle? Defendeu-os? Fugiu?

«Diga-me! Conte-me tudo! Explique-me! Passei ha pouco pela minha casa. Vi as portas abertas. A povoação está abandonada. Tive mêdo de lá ir. Adivinho não sei o quê.

«O' tio Samblet!... Se me espera uma desgraça...

E as palavras, as preguntas saíam-lhe em tropel, frementes, ansiosas, suplicantes.

O velho, olhos vagos postos num ponto incerto, as mãos convulsivamente apertadas entre os joelhos, parecia nada ouvir, espantado diante da recordação trágica dos dias da ocupação alemã, que as preguntas de Alfredo lhe tinham posto de novo diante dos olhos.

— Tio Samblet! exclamou suplicante o moço oficial, pousando-lhe a mão no ombro. Conte-me o que foi feito dos meus.

— Tens pressa? As más notícias quanto mais tarde melhor.

— Deixá-lo. Diga-me tudo. Dê-me notícias dêles. Morreram? diga-me por quê. Mataram-os? diga-me como. ¿E Réné, que concerteza me substituiu bem, e Berta, a minha irmãsinha, a minha pobre irmãsinha, tão cedo imolada pela fatalidade? Diga-me o que houve.

E rompeu em soluços.

O velho ia meneando a cabeça, ora afirmativa, ora negativamente, ao sabor da avalanche de preguntas que sôbre êle despenhava o desgraçado militar.

— Tens pressa. Pois sim.

*

Pausadamente, o velho começou a descrever a triste odisseia dêsses quatro anos de horroroso domínio do estrangeiro na linda aldeia da França.

—Saíste daqui a 1 de Agôsto, a... entravam os prussianos e nunca mais se receberam notícias da França. Era como se estivéssemos na Argélia ou na Guiana, quando estavas tão perto.

«As opressões de toda a fórma, as violências de toda a ordem começaram qùasi logo. A princípio aìnda respeitavam as pessoas de idade e as nossas filhas; tivemos aìnda a ilusão de que seria um período amargo, de trabalho para o estrangeiro, mas nada mais.

«A derrota do Marne exasperou-os, enfureceu-os, e a satisfação que não podíamos ocultar pela retirada dos invàsores foi a mecha que incendiou o rastilho de todas as vilanias, de todos os ultrages.

«Primeiro foram as requisições para trabalhos nos acampamentos, nos casões e oficinas, nos depósitos; só homens. Depois, com o pretexto de que não bastavam, requisitaram mulheres.

«Não havia razões que dispensassem: nem casa, nem filhos, nem doenças, nada.

«Se se insistia ia à má cara; se se protestava ia à coronhada.

«E êste estado foi-se agravando rápidamente, de fórma que poucos meses volvidos a aldeia era um enorme circo onde tudo, novos e velhos, andava debaixo do chicote dos oficiais ou da coronhada dos soldados.

«Alguns desgraçados tentaram fugir; ¿mas para onde haviam êles de fugir, se o departamento e todos os vizinhos estavam ocupados?

«Foi por Janeiro que um oficial prussiano começou a engraçar com tua irmã.

Os olhos tôrvos, o rosto afogueado, os queixos a tremer, o militar levanta-se como um raio; mas o velho, serenamente, puchando-o de manso pela manga do casaco, obrigou-o a sentar-se:—¿Não me pediste que te contasse tudo? Agora ouve até ao fim e resigna-te que eu e todos nos resignamos e tivemos a mais do que tu o horror de assistir a tudo... a tudo...

«Réné notou-o e o oficial notou-o a êle também. Era um homenzarrão. Cara alvar, toda escanhoada, já grisalho, monóculo atrevido no olho direito constantemente.

«Berta percebeu também as intenções do bandoleiro e evitava-o.

«Era a história do lôbo e do cordeiro.

«O mariola ordenou um dia que a pequena fôsse trabalhar para certo depósito que ficava nas Blagèlles; pretextou encontrar-se doente, mas foi debalde. O tarimbeiro tinha o seu plano e havia de executá-lo.

«A rapariga negou-se e êle foi lá com dois soldados para a levar.

«Eu não vou descrever-te os transes de teus pais nesse momento, mas para maior fatalidade chega teu irmão que tinha suspeitado da cilada no momento preciso em que Berta saía de casa entre os dois carrascos.

«Pára na porta e rouqueja aos alemães:

— «Daqui não sai nem um!

«O agaloado avança e, com ares escarninhos, diz para o rapaz:

— «Vem o menino então defender *la maîtresse;* tem razão, ela é linda como as rosas, mas é justo que nós agora saibamos também o que é bom e como é bom—

e passava libidinoso a mão pelas faces da desgraçada, lívida, mal se equilibrando nas pernas.

«Eu acudira também a... ver; ¿que podia eu fazer?

«Vi teu irmão tremer como um vime; vi-o transfigurarem-se-lhe as feições numa expressão medonha, como jàmais espero ver. Não era um rosto de homem, era uma fera que ali estava e que já ninguêm continha.

«Segredava-se-lhe calma, sossêgo, prudência; nada ouvia, de-certo, e a própria infeliz estava aterrada diante do olhar, mais do que louco, do irmão.

«O maldito continuava afagando as faces de Berta e dizendo «é linda, é mesmo linda», e ordenava aos soldados que seguissem.

«De repente, Réné recua um passo, agacha-se vagarosamente como um animal selvagem que vai firmar o salto e exclamando em voz rouca, com os dentes cerrados: «malandro! é linda mas não será para ti». Dum salto atira-se ao soldado que segurava a vítima, arranca-lhe num relâmpago a baioneta do cinturão e numa volta inconcebível, sem se saber como, sem que ninguêm percebesse como, enterra-a no peito do sádico até lhe sair pelas costas.

Alfredo, pouco-a-pouco, fôra-se erguendo, e como um autómato sob a pressão de uma carga eléctrica, ia-se contorcendo, agachando, erguendo, encolhendo, cerrando o punho na ilusão de que também ali tinha a arma justiceira que lhe salvára a irmã, e diante da descrição do velho, ia seguindo os movimentos do irmão, até cravar também no espaço, num peito imaginário que a sua alucinação lhe fantasiára ali, o punho desarmado, num gesto igual ao de René, gritando:

— Ah! que eu bem sabia que ficava bem substituido. Ah René, onde estás? vem a meus braços meu irmão, que eu quero beijar-te a mão justiceira que de-

fendeu o nome de teus pais e a honra de minha irmã.
— E numa exaltação crescente, dirigindo-se ao ancião: «¿ Mas Réné onde está, que não vem... de cabeça erguida, gritando «viva a França»?

— Réné foi fuzilado duas horas depois.

*

Decorreram alguns meses depois da scena anterior.

A exaltação nervosa de Alfredo, o seu estado de abatimento nas trincheiras que nunca abandonou, a depressão de energias que toda esta alteração da sua antiga existência de felicidade tinha produzido no seu organismo, deixaram-no incapaz de resistir a tão violento choque e ao ouvir a resposta sêca do ancião, o herói do Marne e de Verdun tombou redondo por terra, como se tivesse sido fulminado por um raio.

Convalescente da comoção cerebral que o teve entre a vida e a morte por muitas semanas, Alfredo reservou para mais tarde ouvir a continuação das desgraças que lhe arrancaram a familia e a ventura no meio de tão cruciantes sofrimentos morais.

Estava, de regresso do Hospital para onde fôra logo transportado, em casa de Samblet quando, no taciturno recolhimento em que vivia, passeando interminávelmente, ora no quinteiro, ora na eira, ora pelos corredores da casa, alguêm procurou pelo tenente Alfredo Moussy.

Era uma mulher de meia idade, tambêm da classe trabalhadora, modesta mas asseadamente vestida, que trazia uma carta subscritada para o tenente Moussy.

— Sei que é V. S.ª a pessoa a quem se destina esta carta e venho por pedido de quem m'a entregou, entregá-la eu em mão própria. Eu venho de....., departamento de.....

O oficial pegou na carta e vacilou ao atentar na letra do sobrescrito.

— Esta letra...

— ¿Não a reconhece?

— Parece de minha mãe... mas... E' dela, é. ¿Ela vive? ¿Está em sua casa?... Diga...

A pobre mulher limitou-se a baixar a cabeça, dizendo a meia voz: — Leia V. S.ª a carta.

Alfredo, cabisbaixo, vergando ao pêso de mais outro golpe, volvia a carta nos dedos, cravava os olhos na letra tremida do enderêço, quasi irreconhecível, e não se atrevia a abri-la.

Por fim, numa resolução rápida, rasgou o sobrescrito e leu:

«Meu estremecido filho
do meu coração.

«Não posso resistir por mais tempo a esta via dolorosa que o Destino me traçou tão injustamente.

«Estou só. Tudo perdi. O marido, o meu adorado companheiro de tantos anos, os filhos, tudo, tudo. Sinto-me acabar. Tenho procurado reünir todas as minhas fôrças para ver se conseguia prolongar a vida até poder beijar-te e beijar em ti, meu querido filho, os que perdi, os que perdemos: teu pai, os teus irmãos.

«Não posso. Não posso mais. Sinto-me acabar ao pêso de tanta dor. Sinto que vou morrendo aos bocadinhos, na agonia imensa de não tornar a ver-vos, de não tornar a beijar-te, meu adorado filho.

«¡Tanto sofrimento! tanta dôr! tão grandes! são superiores às fôrças de tua mãe, às fôrças de um coração de mãe... e morro, meu filho, levando ainda para a cova a imensa mágoa de não tornar a ver-te, de não

sentir junto do meu leito nas horas últimas desta vida que se me vai apagando tão dolorosamente, o único dos entes queridos que o Destino me deixou e que Deus tão injustamente levou para longe de mim. Perdoa-me se blasfemo. Mas tem sido tanto, tanto o que tenho sofrido — ¿ e porquê ? — que cheguei a descrer.

«Morro, meu filho, levando-te atravessado no meu coração. Morro com a mágoa enorme de não sentir as tuas mãos fecharem-me os olhos no meu último momento, morro com a dor inconsolável dos meus filhos, do teu pai assassinado, morro, com o sentimento doloroso de não ver a vitória da França por que tu te bates, por que os nossos morreram, e por que eu tenho sofrido tanto.

«Sinto-me acabar momento a momento, e quis ter o consôlo de me iludir, pois parece-me que falo contigo, escrevendo-te.

«Sei que és vivo e que pelos teus actos de bravura te deram já o posto de tenente. Que te tens batido como um leão para salvar a França e para nos salvar a nós. A França está qùasi salva, mas para salvar a Pátria morreram os teus irmãos, morreu teu pai de dor, morro eu de tanto sofrimento.

«Sinto-me orgulhosa por ti, meu filho. Bemdigo o sacrifício que te elevou tanto, que tanto nos fez sofrer, mas que liberta a França.

«Sei que vives, por um prisioneiro que aqui passou numa leva e combateu contigo na Flandres, onde foste promovido a tenente.

«Que orgulho o meu e que tristeza e que imensa dor a de tua mãe, tão desgraçada que nem vida já tem para poder esperar-te, que morre sem o último carinho dos filhos, que morre só, que morre sem ninguêm dos que amou a receber-lhe o derradeiro suspiro, que morre

sem ver que Deus é justo, castigando quem tanto mal tem feito, sem ver a vitória da nossa Pátria.

« Do que foi a nossa triste existência depois da tua partida da aldeia, alguêm lá to contará.

« Depois do fusilamento de teu irmão, arrancaram-nos a nossa pobre Berta, mandada numa leva de trabalhadores para a Alemanha, e nós e muito povo fomos expulsos da povoação, de onde devíamos sair em 24 horas. Partimos no dia seguinte a pé, escoltados por cavalaria. Recolheu-nos a boa mulher que te levará esta. Teu pai morreu de dor. Tua irmã, soube meses depois pelo regresso de um dos que tinham ido na mesma leva, que se deixára morrer de fome num hospital da Alemanha.

« ¡A minha filha, a minha desgraçada filha! Era muito, era demais para nós, já tão velhos. Fiquei só.

« Chega-me a vez de partir também. Não posso mais. Anseio pelo fim desta desgraçada vida, mas dói-me não poder beijar-te antes de morrer, pois que és vivo, meu filho.

(Aqui a letra da carta começava a tornar-se tão trémula que mal se entendia.

Alfredo com os olhos rasos das lágrimas, que a quatro-e-quatro lhe deslizavam pelas faces, mal via o que lia.)

« Deus te abençôe como eu te abençôo e vem rezar uma oração na campa de tua mãe, que até na morte é tão desgraçada, que nem póde ficar junto dos que amou.

« Beijo-te muito, muito, muito, meu filho.

Maria Barthé.»

Acabou a leitura, estendeu os braços sôbre os joelhos e ficou imóvel, estátua da desolação, soluçando

baixo, dando largas à sua dor, à saùdade da sua casinha destruida, da sua família morta, toda morta, de que só êle ficára.

Samblet, que se aproximára vagarosamente, pôs-lhe a mão no ombro.

— E' preciso ser forte, Alfredo. Aìnda has-de ter dias felizes. Deus é grande.

A tempestade acumulára-se durante toda a leitura da carta e levantando-se, atirou-se para os braços que o velho lhe abria e desatou a chorar numa convulsão de soluços e de lágrimas.

*

Assim esteve largo tempo, em que o deixaram desabafar a sua dor represada.

Depois beijou a carta repetidas vezes, guardando-a carinhosamente; e dirigindo-se à portadora:

— ¿E quando morreu minha mãe?

— No dia seguinte; faz hoje precisamente cinco meses. Morreu como uma santa. Está enterrada no cemitério da nossa aldeia.

— ¿Quando tenciona partir para lá?

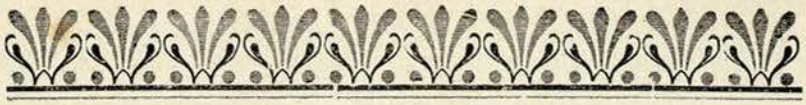
— Hoje mesmo, se V. S.ª não mandar o contrário.

— Ficava para àmanhã e partirei comsigo. ¿Meu pai, sabe onde está sepultado?

— Êsse ficou no cemitério de.....

— Começarei já àmanhã a reùnir na morte os que a desgraça separou na vida.

No dia seguinte o tenente Moussy partia para..... a dar comêço à triste missão de levar para o cemitério da sua aldeia a sua desventurada família, tão ditosa antes da invàsão alemã.



IV

O atirador de Verdun

Foi em princípios de Março.

Os ataques às posições de Verdun assumiam proporções gigantescas e os alemães, sacrificando colunas e colunas, pareciam decididos a tomar de arrancada e sem olhar par trás as formidáves posições da famosa praça de guerra.

Os assaltos sucediam-se vertiginosamente; uns após outros, os batalhões alemães tombavam, varridos pela metralha francesa, mas uns após outros, como que surgiam do chão no moto-contínuo de cair na frente para reviver na retaguarda e começar essa interminável carga para a morte a que os soldados do Kaiser pareciam indiferentes.

No solo, a artilharia ia abrindo, a explosões de granadas, os túmulos onde enterrava as suas próprias vítimas, que, caíndo às dezenas, deixavam nas suas filas clareiras que, ao aparecerem, davam a impressão de que os homens se tinham sumido pelas entranhas da terra.

Nas trincheiras francesas as baixas eram também numerosas, mas todos os que pudessem agùentar-se de

pé, fazendo fogo, se negavam a abandonar o seu posto emquanto o inimigo não fôsse repelido em debandada, desmoralizado pelo fogo infernal das Lebels, das metralhadoras e da artilharia francesas, tão pavorosamente certeiras.

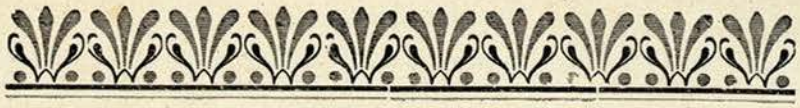
Numa das trincheiras do forte de... a maioria dos soldados estava ferida e, após longas horas de tiroteio, impossibilitada pela fadiga e perda de sangue, de continuar a resistência. Só o soldado L. mantinha o fogo e era necessário não o enfraquecer daquele lado, pois tornava-se impossível receber qualquer refôrço.

— Armas! — brada o valente, já sòsinho no parapeito da trincheira — dêem-me armas!

Erguem-se três ou quatro feridos dos que ainda podiam fazê-lo a custo, carregam as suas armas e vão-lhas entregando à medida que o bravo atirador vai esgotando os carregadores.

Durante algum tempo o valente soldado, ajudado pelos quatro feridos, sustenta, êle só, o fogo daquele lado e, impassìvelmente, como se atirasse numa carreira de tiro, dizima um poletão prussiano que bate em retirada com sessenta baixas, sem poder, contra um só homem, ganhar um palmo de terreno da trincheira que o heróico soldado teve a glória única de defender sòsinho!

Só quando o ataque fraquejava é que se reparou então no valoroso soldado, entre os seus quatro auxiliares, atirando ainda lentamente, para melhor ajustar o seu tiro, sôbre o inimigo em fuga, e pôde levar-se-lhe o socorro de alguns soldados, de que êle já não carecia.



V

Nestheroff

Ao Raul Tamagnini
como recordação do avião que a 4 de Fevereiro de 1919 nos trouxe ao Porto, o consôlo da sua proclamação.

TINHA 23 anos sòmente.

Audacioso, valente, sonhando as glórias da sua pátria prêsas à glória do seu nome, o bravo oficial fôra inscrever-se na lista dos voluntários da aviação, certo de que seria nos ares, desafiando as nuvens e olhando de frente as águias e os condores, que o destino lhe marcaria o seu posto de honra quando fôsse chamado a somar o seu esfôrço inteligente e individual, ao esfôrço comum dos filhos da grande Rússia, contra o inimigo natural e hereditário: a Germânia.

Quando rebentaram as hostilidades, a Áustria foi a primeira a transpor as fronteiras da Rússia e o jóven tenente-aviador apressou-se a pedir a sua imediata colocação numa das colunas de aerosteiros que marchavam para a frente da batalha.

Dias depois encontrava-se no campo de aviação

de... como chefe de uma secção de monoplanos a que incumbia a vigilância constante dos movimentos do exército austríaco e quiçá o seu ataque ou a redução e inutilização da aviação do inimigo.

Desde aquele momento Nestheroff não descansou. Ou só com o seu aparelho, librando-se no espaço na ansiedade de quem sente distender as asas sôbre o infinito, de quem sonha sentir-se como alma livre na imensidade do céu, como astro, qùasi como sol fascinando o velho globo com a luz fulgurante do seu olhar de águia, com o assombro dos seus arrojos épicos de herói, com a auréola fascinante do seu nome de bravo ou com a esquadrilha do seu comando, Nestheroff, alma de sonhador e de valente, não descansava noite e dia, ora em simples mas constantes ascensões de observação, ora na incumbência das mais arriscadas missões, ora na luta com os aviões inimigos que já diversas vezes pusera em fuga, quer escalavrando-lhe os aparelhos a bombas de dinamite, quer inutilizando-lhe os aviadores a tiros de metralhadora.

Foi efémera a glória para a Áustria de ser a primeira na invàsão.

Os russos fizeram-lhe pagar caro o atrevimento; poucos dias volvidos, os austríacos retiravam em toda a linha e a Rússia invàdia a Áustria.

A Galícia foi sucessivamente ocupada pelas tropas russas, que levaram de derrota em derrota os exércitos de Francisco José até às faldas dos Karpathos.

Foi então que os alemães, vendo que a Áustria só era incapaz de fazer frente à avalanche moscovita, enquadraram divisões suas nas esfaceladas hostes da aliada, para as obrigar à resistência.

Começou aqui a grande luta em que os aviadores russos desempenharam um importantíssimo papel.

*

* *

Foi em Setembro de 1914.

Uma esquadra de aviões inimigos surge no horizonte, como bando de pombas que de asas brancas, todas estendidas, se dirigissem ao pombal.

Singular contraste! Era debaixo da fórma do mais cândido dos voláteis que a infernal máquina escondia as suas garras de morte...

Atento no seu observatório, Nestheroff dá conta da aproximação, fórma a esquadrilha e em dois ou três minutos vogava no espaço ao encontro do seu adversário.

O russo eleva-se; as esquadrilhas defrontam-se, atacam-se, bombardeiam-se.

Um dos austríacos desce quasi logo nas linhas russas; outro, avariado, consegue chegar às suas linhas e, excepto um a quem Nestheroff corta a retirada, os restantes fogem.

Os dois aviadores encontram-se sós no espaço.

O austríaco procurando escapar ao seu perseguidor, o russo procurando que lhe não fuja das garras.

Em vôos vertiginosos, em curvas assombrosas de pequenez e multiplicidade, os dois aviadores, num jôgo formidável de táctica e agilidade, procuravam simultâneamente a posição favorável, um que lhe permitisse escapar da terrível perseguição, outro que lhe proporcionasse despedaçar o seu inimigo.

Habilíssimos ambos, nem o russo deixava escapar a prêsa apetecida, nem o austríaco consumar a victória do seu adversário.

Nestheroff desesperava e multiplicando fôrças e esforços, ora subia com o seu inimigo a altúras inconce

bíveis, ora se precipitava das alturas, não largando o austríaco que forcejava por lhe passar para oeste.

A luta prolongava-se e o combate estava indeciso. Nem o austríaco conseguia fugir, nem Nestheroff derrubá-lo.

Os dois sentiam esgotar-se naquele combate singular travado a 800 metros de altura. Exasperado, o russo, num vôo vertiginoso procura sobrepujá-lo, mas o outro vê o golpe e de um salto coloca-se-lhe ao lado; torneia-o aquele; sobe em espiral, emquanto o seu inimigo, numa linha como que o eixo da curva do avião, sobe como êle.

Nestheroff reconhece os recursos do seu adversário e, extenuado, sente que vai fugir-lhe a prêsa que ha tanto tempo mantêm sob o seu domínio.

Num relance, vê como um crime, deixar livre, numa ameaça constante para a sua Pátria, o perigoso adversário que o mantêm em cheque; vê o seu nome apagado depois, esquècido, vilipendiado talvez, quando se lhe abria entre auréolas de luz o caminho do futuro, a promessa das suas ambições; e resolvendo vencer ou morrer matando, ilude o seu adversário num ataque simulado, obriga-o a colocar-se bem ao seu lado, e num retorno brusco, atira-se sôbre êle vertiginosamente, fazendo chocar os dois aparelhos, num fragor inagualável de ferros que estalam, de cavernas que rangem, de metais que se chocam.

Metidos um pelo outro, os dois aviões desequilibram-se, voltam-se, precipitam-se do espaço e veem esmagar-se no solo feitos estilhaços, numa amálgama sinistra à que a explosão das bombas que transportavam juntou ainda a sua obra de destruição.

*

* *

No solo, entre as carcaças dos aparelhos, reduzidos a uma massa sangùínea, esborrachados, as cabeças e os arcaboiços achatados como se tivessem sido batidos por um martelo pilão, jaziam os cadáveres dos dois aviadores, lado a lado, eternamente unidos na morte, êles que tão afastados estavam na curta existência que a desesperada heroìcidade de Nestheroff tão cedo cortou, pela situação de guerra das suas Pátrias.

VI

A administração militar francesa bate-se na batalha da Flandres

Ao meu velho amigo major da Administração Militar, lente da Escola do Exército, Vitorino Guimarães.

A formidável batalha do Marne, que atirou com os prussianos de escantilhão para a fronteira francesa, seguiu-se a batalha do Aisne e a esta a da Flandres, em que os aliados consolidaram definitivamente as suas posições nos terrenos conquistados ao invàsor.

Eram batalhas que duravam semanas, que começavam sem se saber quando e terminavam sem se dar por tal!... As refregas parciais eram ininterruptas, não deixando, por assim dizer, solução de continuìdade nessa luta gigante que na generalidade é conhecida hoje por *Batalha de França!*

Tão extensa a sua frente que ocupa toda a fronteira da pátria heróica de Bonaparte e de Turénne, e tão espantosa a sua duração que, tendo começado ha dois anos, continua ainda.

A 18 de Outubro de 1914, os alemães chegavam às margens do Yser, e o que foi a luta nas diferentes tentativas que os exércitos do Kaiser fizeram para atravessar a já agora celebrada ribeira, difícilmente haverá pêna de inspirado escritor que possa dela dar a imagem exacta, por mais veementemente que consiga pôr toda a vibratilidade da sua alma de artista no burilado das suas palavras, por mais talentosa, por mais sugestiva e colorida descrição em que conseguisse materializar as arrojadas concepções do seu pensamento de privilegiado.

Difícilmente!

Por mais pavorosa que se descreva a morte, a Morte é-o sempre mais do que o próprio Pavor, e não ha côres bastante negras, não ha lutos, não ha crepes, não ha dor, não ha angústia, não ha estorcer de braços, esfacelar de carnes, não ha lágrimas bastantes, nem soluços, nem gemidos, nem gritos, nem uivos, com que possa pintar-se fidedignamente em todo o seu incomensurável horror, a hecatombe inegualável do Yser em cujas águas lodoso-sangùíneas, sob a metralha dos franceses, dos ingleses e dos belgas se subverteram em alguns dias, batalhões, regimentos, brigadas, divisões inteiras do exército alemão!

O que foi essa incomparável batalha, só tarde poderá saber-se na sua mais aproximada exactidão, quando sob as asas brancas protectoras da paz, a História imparcial, não sentindo já o olhar ofuscado pelos clarões do canhoneio, possa então serenamente, friamente, implacávelmente descrever o que foi a arranrancada furiosa dos alemães sôbre as linhas do Yser e paralelamente a épica defesa da pequena ribeira pelos exércitos das nações aliadas.

*

* *

O primeiro embate com as tropas alemães foi terrível na linha do Yser.

Ypres era o ponto de apoio da esquerda francesa e da direita inglesa.

Os alemães atacam com fôrças superiores a linha francesa e com tal fúria que os seus defensores teem de ceder terreno diante da pressão irresistível do inimigo.

Os seus intuitos são visíveis: romper a linha dos aliados cortando os ingleses, então em pequena fôrça aìnda na frente de batalha, batê-los em separado com os restos do valente exército belga e quiçá obrigá-los a reembarcar, ao mesmo tempo que, envolvendo a esquerda francesa, punham novamente em cheque os exércitos de Joffre e ameaçavam outra vez Paris.

O golpe era de tentar e os alemães não costumam desprezar boas ocasiões que se lhe deparam.

Para fazer frente ao terrível ataque do inimigo os franceses tiveram de chamar todas as suas reservas divisionárias.

Reforços perto não ficavam, mas era necessário acudir à situação momentâneamente crítica do sector e o general Moussy, seu comandante, não duvidou empenhar nessa dicisiva batalha todos os homens de que dispunha.

A batalha é interminável! Os alemães não cessam os seus furiosos ataques e, heróicamente, os franceses, exaustos de cansaço, não recuam, não cedem à fúria teutónica.

Os atacantes, em número superior, são revesados na luta incessantemente. Os franceses são sempre os mesmos!

Não teem já reservas para os substituir em alguns momentos de descanso.

A um assalto sucede-se outro, e a êste outro ainda, outro e outro e sempre.

Moussy compreende a fraqueza de alguns dos pontos da sua linha, onde as baixas teem sido numerosas e os seus valentes soldados se encontram extenuados por uma luta que parece eternizar-se.

Vendo a probabilidade duma rutura em qualquer ponto, chama o comandante da sua escolta e ordena-lhe que procure na retaguarda toda a gente válida que possa encontrar, que a arme e a conduza à linha de batalha.

O oficial parte com os seus dragões, percorre a região, mas na retaguarda só encontra oficiais e soldados da administração militar que se ocupam nos misteres da sua missão: vestir e alimentar o exército em campanha.

Expõe o oficial ao chefe das intendências a ordem do general e aquele, sem demora, mandando reùnir os seus soldados que abandonam as oficinas, os depósitos, as cozinhas, as padarias, armam-se imediatamente e, juntos aos vinte dragões da escolta, partem em acelerado para a frente de batalha.

São ao todo 250 homens armados como puderam: uns de espada, outros de carabinas e os encarregados dos talhos armados de machados.

A' sua frente os seus oficiais!

Vão bater-se como se bate a infantaria ou a cavalaria; vão bater-se como se batem todos os homens quando a Pátria está em perigo.

Era outra a sua missão. E' outro o papel da administração militar nos exércitos modernos, e se não é tão brilhante como o dos seus irmãos de armas da infantaria, da cavalaria e da artilharia, nem por isso é menos honroso.

Um exército, por mais aguerrido e disciplinado que seja, não poderá avançar um passo no teatro da guerra se os seus serviços de administração militar não estiverem completa e convenientemente organizados.

*

* *

Dois quilómetros para a frente, o estrondo inegualável da batalha que se fere em toda a sua violência.

Moussy, como ha cem anos Bonaparte esperando em Waterloo a chegada de Grouchy, sondava impaciente a cada momento, com o seu binóculo, os caminhos da retaguarda, à espera de ver aparecerem os dragões da sua escolta com os reforços que pudessem ter conseguido.

A luta aumenta de furor.

Os prussianos compreendem a fraqueza do seu adversário e procuram esgotá-lo completamente para o esmagar.

Mais um assalto, mais outro, à granada, à baioneta, e um pouco ao sul de Ypres, a linha francesa começa a inflectir-se, a recuar, a curvar-se e rompe-se por fim...

A encarniçada peleja trava-se ali com um regimento bávaro que se precipita pelo boqueirão em gritos de fera, em uivos de chacal, no antegôzo de uma vitória certa e decisiva.

Moussy, os olhos esgazeados, os cabelos em pé, vê a catástrofe e vê que não tem um soldado com que possa tentar laquear a artéria tão funestamente rôta.

Olha com pavor para a retaguarda por onde avançam já os soldados teutões, e quando esperava assistir aterrado ao desbordar da onda invàsora, sem entraves nem resistência, vê surgir repentinamente na sua frente em passo de carga a brava coluna dos soldados

da intendência que, inopinadamente, aos brados de entusiasmo dos seus oficiais, caía a fundo sobre a testa do regimento bávaro que se detêm, vacila, desorganiza-se e começa a retroceder!

A golpes de machado; a tiro, à espadeirada, os valentes soldados da administração militar francesa, com os poucos dragões da escolta do general, atiram-se num desesperado arranco ao regimento bávaro, que debanda aterrado ante êste ataque de nova espécie, em que vê dezenas dos seus homens com as cabeças e os peitos rachados a machado ou esborrachados à coronhada das pequenas carabinas tão facilmente manuseáveis.

A galope com o seu estado maior, o general Moussy salvo, entusiasmado, parte a pôr-se à frente da pequena coluna, animando-a com a sua presença e com sua voz.

Mas a luta pouco se prolonga. O regimento bávaro dizimado e desmoralizado, debanda numa fuga louca, deixando o chão juncado de centenas dos seus abatidos a machado, cortados meio a meio e regressa em pequeno número às suas linhas, tendo perdido nas mãos dos franceses quasi todo o seu armamento e um têrço do seu efectivo prisioneiro.

Moussy deveu aos bravos oficiais e soldados da administração militar, nesse dia, a glória do seu nome e essa parcela de vitória da batalha da Flandres.

VII

Ficamos!

---

9 de Abril de 1918

Ao Dr. José Domingues dos Santos.

FUI ha dias, numas raras horas de ócio, até Leixões.

A bacia do pôrto, pouco freqùentada, abreviou-me o passeio. Entrei num café-restaurante, onde abanquei a uma pequena mesa de uma salinha de jantar, branca de neve e cheia de luz vivificante e acalentadora, do sol que entrava a jorros pelas janelas abertas de par-em-par em duas faces do aposento nesse esplêndido dia de Fevereiro.

Na mesa junto da minha, dois tipos de estrangeiros conversavam animadamente na língua do seu país, que vi ser a inglesa.

— *Oh! the terrible war!...*

Prestei toda a minha atenção, ouvindo falar no sector português.

Tratava-se sem dúvida do Corpo Expedicionário Português à França, e escutei.

Tão fielmente como lh'a pude compreender, transcrevo a narração do estrangeiro que com tanta admiração falava dos soldados portugueses:

«A tempestade de ferro que os alemães despejavam sôbre a frente anglo-portuguesa, era absolutamente irresistível e os nossos começaram a ceder terreno vagarosamente, tendo em vista apenas que as formações se não desorganizassem para evitar uma rutura que seria uma catástrofe em algum repentino e inesperado assalto do inimigo.

Protegidos pelos seus fogos infernais de barragem, revolvendo a terra decímetro a decímetro, destruindo abrigos, trincheiras, comunicações, tudo, impotente para resistir ao dilúvio de metralha que caía ininterruptamente sôbre nós havia umas poucas de horas, os alemães avançavam ao assalto das nossas posições, que não lhes era difícil tomar, pulverizadas como estavam pelo bombardeio colossal de canhões de todos os calibres, que tudo deixavam numa amálgama indiscritível, tudo arrasado, tudo nivelado, tudo revolvido pelo estoirar fragoroso das granadas, dos obuzes, das *schrapnels*, das bombas de todas as espécies e tamanhos.

Toda a infantaria retirava, e sentíamos que a nossa artilharia, de cujas posições nos íamos aproximando, retirava também, pois a sua voz potente ouvia-se sempre à mesma distância, mau grado a nossa marcha para a retaguarda.

Um pouco para a minha esquerda notei todavia que uma bateria das nossas ripostava furiosamente ao fogo dos alemães e orientei a retirada do meu batalhão nesse sentido, procurando proteger-me assim com o fogo dessa bateria que eficazmente m'a cobria.

A bateria destacou-se por fim, admirávelmente entrincheirada numa pequena colina donde varria com um fogo certeiro e ininterrupto as fileiras alemães.

¿Que heróis seriam êsses que no meio da retirada geral, êles sós, faziam frente ao inimigo que avançava irresistívelmente, não só dizimando-o cruelmente, mas protegendo ainda a nossa retirada, que de tal fórma se fazia com relativa ordem, no meio do cáos infernal do bombardeio, mantido assim, naquele ponto, o inimigo a distância, pelo fogo mortífero da audaciosa bateria?

«Subimos a colina no anseio natural de nos salvarmos de um ponto perigoso a atravessar e de conhecer que espécie de militares eram os que tão heróicamente nos defendiam de cima.

Chegamos!

No reduto já meio esbarrondado da bateria quatro canhões fumegavam, queimando a água que os serventes lhes deitavam para lhes arrefecer o aço em brasa, vomitavam metralha, servidos por vinte homens, que um oficial ainda jóven comandava serêna e plácidamente, como num exercício de manobras.

Sujos os rostos, afogueados, olhos fuzilando lume, mas serenos e calmos, os vinte homens da bateria, a que me dirigi em conjunto na pessoa do moço oficial para os felicitar pela sua inegualável bravura, não compreenderam, porêm, as minhas palavras e a minha surprêsa foi maior ainda, então.

A artilharia que nos protegêra a retirada não era inglesa!

—*Who are you? Misters.*

—*Je ne vous comprend pas, monsieur;* respondeu o oficial em francês, comandando: — 3.ª peça, fogo!

— *Are you, portuguese soldiers?*

—4.ª peça, fogo! *Artillerie portugaise, monsieur.*— 1.ª peça, fogo!

Então disse-lhe, falando-lhe em francês:

— E' uma temeridade ficar e uma inutilidade o seu sacrifício.

— 2.ª peça, fogo! — Não temos ordem de retirada, senhor, e pelo contrário...

O oficial, falando, não despregava os olhos dos seus homens que iam carregando e disparando à sua voz os canhões, como autómatos que êle movesse por oculta mola, e continuou, comandando:

— 3.ª peça, fogo! — ... recebemos ordem de nos manter até à última extremidade. — 4.ª peça, fogo! — Essa não chegou e temos ainda munições.

Entretanto, algumas granadas iam caindo no reduto da heróica bateria portuguesa, continuando a obra da sua destruição, e alguns homens já haviam caído no chão ardente da luta para não se levantarem mais.

— Não ha um momento a perder, abandone a sua posição, que não se desdoura a sua bravura nem a honra da sua farda.

— Ficamos, senhor!

E comandou de novo o fogo dos seus canhões, que fumegavam ardentes pelo fogo violento e ininterrupto de umas poucas de horas sem água para os refrescar, porque se lhes tinha esgotado já a dos próprios cantís que sacrificaram para poderem continuar a sua incomparável abnegação.

Abracei o jóven oficial, tipo imberbe, quasi de criança ainda, e parti.

Uns passos andados e uma explosão formidável me suspendeu a marcha.

Olhei, retrocedi um pouco, fôra o primeiro canhão que rebentára escandecido pela pólvora, cujas explosões já não podia aguentar. Julguei ver o pequeno trôço de homens abandonar tudo, e retirar também, quando ouvi com pasmo a voz do oficial, forte, pausada, um pouco abafada pelo estrondear do canhoneio, comandar envolvido em nuvens de fumo: — 2.ª peça,

fogo!—Pegou-me uns momentos, os pés ao chão, a surprêsa daquela voz que eu julgára emmudecida já, e não sei que senti de suprema admiração por êsse punhado de portugueses que tão alto levantava o nome de Portugal e cujos rolos de fumo em que se envolviam, me pareciam já nimbos divinos a glorificá-los!

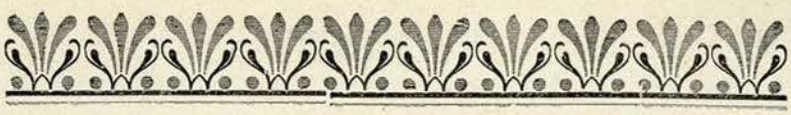
Parti por fim.

A' vaga formidável dos alemães nada já podia opor-se, e nessa maré cheia da invàsão a horda teutónica trasvasava, desbordava, sem diques que no momento pudessem contê-la, pelos campos lindos de França.

Parti, por fim, mas levando bem gravado na retina êsse heróico exemplo de épica resistência, que difícilmente encontrará igual na história.

Senti afrouxar o fogo da bateria, senti-o com horror calar-se e já longe, dum montículo donde se descortinava o campo destruido da peleja, olhando para trás, eu vi aìnda cinco homens, serenamente, acolher-se por detrás do escudo da única peça que restava de pé, arrancarem com mão segura das pistolas, apontaremnas friamente, como quem já não pensa sequer que aìnda vive e desfecharem-nas sôbre a nuvem de pó e de fumo que avançava para êles e que em três segundos os envolveu completamente, escondendo-os para sempre dos meus olhos extasiados!»

Naquele momento, eu tive a nítida intuìção de que aos meus ouvidos chegava aìnda, clara, pausada e forte, a voz do heróico oficial comandando aos cinco homens que lhe restavam, detrás do escudo da derradeira peça: — **Fogo!...**



VIII

Argolado

Um episodio de 1870

A 16 de Agôsto do *ano terrível*, os exércitos adversários encontravam-se frente-a-frente nas alturas de Saint Privat e os franceses eram mais uma vez batidos nessa desgraçada campanha que o seu espírito irreflectido desventuradamente provocou.

A cavalaria francesa estava formada na planície de Doncourt. Eram oito regimentos, brilhantes de metais e de coloridos uniformes, que assistiam ennervados e inquietos ao desenrolar da batalha, esperando o momento oportuno de intervir na sangrenta luta que foi qùasi uma vitória dos franceses, mas que pela sua falta de preparação para essa inolvidável campanha, êles deixaram fugir para o campo inimigo.

À esquerda de Bruville veem tomar posição algumas baterias alemãs, procurando atacar de flanco o exército francês.

Um regimento de caçadores a cavalo de África, carrega as baterias, que retiram precipitadamente abandonando a posição aos franceses e deixando a descoberto as intenções dos alemães.

Na retaguarda, três divisões de cavalaria esperavam também, como do lado dos franceses, a ordem de cair sôbre o flanco e retaguarda do inimigo, para o aniquilar de um só golpe.

Toda a cavalaria francesa recebe ordem de ocupar a posição e atacar à arma branca a cavalaria prussiana.

Sente-se que um frémito de entusiasmo passa por sôbre os esquadrões gauleses, ansiosos por saírem da situação de meros espectadores da formidável batalha.

Na frente um regimento de hussares em coluna de esquadrões, e à testa, o coronel que, erguendo-se sôbre os estribos, e levantando a espada, como a apontar o céu, último refúgio de esperanças e de sonhos de tantos milhares de bravos que a sua voz ia lançar numa carga de morte, onde tantos dormiriam o último sôno, comandou:

— Esquadrões!... Para carregar... Em guarda... Ao galope...

E como uma avalanche, saltando sebes e valados, o regimento de hussares parte, e a seguir, espadas na mão rebrilhando ao sol em lampejos de prata como numa auréola enorme que cobrisse toda a massa de cavalos e cavaleiros, os oito regimentos franceses despenham-se pela planície em ondas, em vagas, vagas de um mar de homens que vão chocar-se como as vagas do oceano batendo, nas tempestades, as penedias das costas; que vão despedaçar-se mútuamente como dois navios que o mar atirou um contra o outro; que vão esmagar-se como locomotivas que se chocam em plena velocidade, como feras que se rasgam as carnes, que se esfacelam os membros... sem saberem por quê.

Rápidamente o espaço entre as duas cavalarias vai-se encurtando.

A alemã avança tambêm, mas, como para mostrar a sua superioridade, a confiança na sua fôrça, avança a passo!

A distância encurta-se, ouvem-se as vozes de comando dum lado e de outro, os clarins tocam à carga e entre hurrás, incitações, gritos e ordens, as duas massas batem-se, chocam-se, esmagam-se, penetram-se, abrem-se brechas profundas a golpes de sabre ou tiros de revólver, e momentos depois amalgamadas, misturadas, atacam-se em fracções, em grupos, em combates singulares, onde só se ouvem os relinchos dos cavalos feridos, as espadas batendo nas espadas, os gritos dos chefes misturando-se com os gemidos dos moribundos numa visão infernal que a pêna é impotente para descrever.

Durante horas, setenta esquadrões bateram-se, esfarraparam-se, reconstituiram-se, para tornar a atacar-se, lutando sôbre montões de cadáveres de homens e de cavalos, até que por fim a cavalaria alemã cedeu ante a valentia da cavalaria francesa, abandonando-lhe o terreno da luta, esmagada, derrotada, aniquilada.

Dão-se as últimas cargas de perseguição e na retaguarda toca a reúnir.

*

* *

Frente à retaguarda os esquadrões franceses galopam para o local da concentração e muito para trás, sôbre o seu cavalo a trote, um oficial cambaleia; o rosto ensangùentado, os braços caídos, as rédeas soltas

Outros oficiais correm para êle.

Era tarde. O desventurado desequilibra-se, inclina-se para a frente, resvala do selim, e cai.

Na queda o pé esquerdo entrára pelo estribo e o desgraçado, prêso pela espora, ficára pendurado do lóro da sua montada.

— Argolado! — exclamaram os oficiais metendo os cavalos à desfilada.

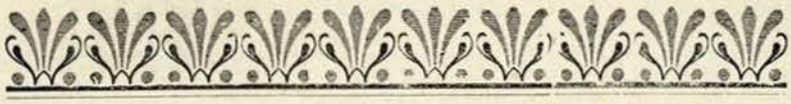
Sentindo o estranho pêso, o cavalo espantado larga a galope por sôbre os combros do campo da batalha, arrastando o mísero que se despedaça pelo chão. Os camaradas galopando ao lado do cavalo desbocado, seguram-no por fim, erguem o oficial que respira ainda, banham-lhe o rosto com água dos seus próprios cantis, estendem-no no chão e de joelhos amparam-lhe a cabeça com os braços.

Ergue-se-lhe o arcaboiço em ânsias de ar, abre difícilmente os olhos embaciados, aperta na mão esquerda com fôrça, num mudo mas eloqùente agradecimento, a mão do oficial que segurava a sua, consegue levar a mão direita ao lado esquerdo da farda e num último esfôrço, qùasi sem vida, imperceptívelmente, as palavras a apagarem-se nos lábios, pôde ainda dizer:

— Sou casado... tenho dois filhos... na carteira... uma carta... para minha mulher... por favor... mandem... lh...

Não pôde mais; moveu ainda os lábios, inclinou vagarosamente a cabeça e ficou imóvel.

Estava morto.



IX

Col-di-Lana

A meu tio, o general Adriano Beça.

Os italianos avançavam em toda a fronteira austríaca através de obstáculos insuperáveis, nessa memorável passagem dos Alpes tiroleses, que é uma das maiores façanhas da guerra actual.

Descendo vales, trepando montanhas, subindo penosamente os píncaros mais elevados dessa abrupta região de profundos desfiladeiros onde as tropas se sumiam como numa eterna descida para o inferno, e de elevados picos onde parecia quererem guindar-se a combater nas nuvens, as valentes falanges do exército italiano invàdiam lenta mas seguramente o país seu tradicional inimigo, na libertação ansiada de milhões de irmãos da mesma raça, cujo solo o jugo imperialista amputára ha muito violentamente à mãe pátria, contra todos os direitos de raça, de sangue e de nacionalidade.

Mas, de cumiada em cumiada, subindo sempre, de mais alto a mais alto, os italianos esbarram por fim

com o Col-di-Lana, o mais elevado píncaro da acidentada região, onde os austríacos se haviam fortificado poderosamente.

A posição domina inteiramente toda a campanha, constituindo um observatório esplêndido para a artilharia inimiga, que com as indicações do alto cabeço, ajusta com facilidade as suas pontarias.

E' uma posição formidável e para avançar necessário é tomá-la a todo o custo.

A' voz dos seus oficiais correm os italianos ao assalto, deixando o solo coberto de cadáveres e sem poderem conseguir a conquista da terrível posição.

Não esmorecem os bravos do general Cardona.

Renovam o ataque, assaltam com verdadeira fúria, entram nas trincheiras inimigas, acutilam, ferem, matam, mas as perdas sofridas ao treparem a íngreme ladeira, a penhascosa encosta onde com dificuldade se mantinham de pé, obrigam-nos a retirar, deixando essa fortaleza ainda nas mãos dos seus irredutíveis inimigos.

Mas é preciso tomar o Col-di-Lana.

Entrincheiram-se a 200 ou 300 metros das posições dos austríacos e aferram-se ao terreno inferior, apesar do fogo infernal dos de cima e da inferioridade da sua situação.

— E' preciso tomar o Col-di-Lana, repetem apenas.

Aos ataques e contra-ataques sucedeu por fim uma espécie de trégua completa entre os dois adversários.

A 2:400 metros de altura os dois exércitos combatentes observam-se numa desconfiança que parece eternizar-se e sem que nenhum dêles tente romper a aparente indiferença em que vão deixando decorrer o tempo.

Um dia, nas trincheiras austríacas apareceu o seguinte repto, atirado lá do alto aos soldados italianos:

— *Podereis tomar Trento ou Trieste, mas Col-di-Lana, nunca!*

Entretanto, no campo italiano trabalhava-se noite e dia para arrancar aos austríacos a inexpugnável posição.

*

* *

Depois do último fracasso, um jóven tenente de engenheiros dirigindo-se ao comandante do sector, declarou-lhe muito simplesmente que tomaria êle o Col-di-Lana.

Foi em Dezembro, e momentos depois os soldados do seu destacamento de sapadores abriam na rocha a primeira fenda da mina, que lhes daria a posse do famoso monte.

Ia minar-se a montanha!

Ante o arrôjo do destemido oficial, os seus camaradas assombram-se: a tarefa é impossível!

Minar a montanha, fazê-la abater, saltar, destruí-la, rebentá-la como quem rebenta um simples fornilho, uma pedreira...

Impossível!

Mas o tenente e os seus soldados entranhavam-se já pela terra dentro, numa construção de galeria que tinha de atingir o cume do cabeço.

O trabalho é gigantesco, mas os sapadores não desanimam.

A galeria avança em espiral para o alto do monte.

Á medida que avançam no ventre da montanha, como que procurando feri-la em pleno coração, o ar falta, as luzes apagam-se mas o trabalho redobra com a resistência da rocha cada vez mais compacta e mais dura.

O tempo passa, mas a mina avança.

Pelo escuro da noite, cuidadosamente, silenciosamente introduz-se na mina uma perfuradora de fôrça, e o trabalho continua então com maior afan.

De quando em quando os soldados mineiros veem à extremidade da mina respirar por momentos, bôcas escancaradas, o ar puro que lá dentro lhes falta.

Os dias correm, as semanas vôam e a perfuradora, com os soldados, vão roendo a rocha, incessantemente, contínuamente, nessa marcha helicoidal, nesse romper para o alto, onde aos pobres trabalhadores parece que nunca chegam.

A fadiga aumenta, mas a tenacidade dos mineiros também.

Com os próprios soldados, e como êles, o bravo tenente trabalha também.

A mina está perto do alto!

— Cuidado agora — manda o oficial, avaliando com justeza a curta distância que os separa da plataforma do monte, da praça de armas do forte inimigo.

São quasi três meses de trabalho sem que os austríacos suspeitem da colossal obra dos seus adversários debaixo dos seus pés!

A montanha está minada! As galerias estendem-se para todos os lados. Mas é preciso trabalhar ainda, empregar as últimas energias, mas cuidadosamente, sem ruído, que os de cima podem surpreender.

Trabalhava-se sem descanso, quando um dia, num curto momento de sossêgo, aos ouvidos dos soldados chegou o ruído surdo, muito de leve, como de uma serra entrando na madeira...

— Parem! — brada o tenente aplicando o ouvido à rocha...

No meio de um silêncio tumular, pálidos, os soldados, atentos, ouviram então todos, entreolhando-se, na

surprêsa de um cataclismo iminente, pela parte de cima das suas cabeças, o ruído da perfuradora austríaca que mal se distinguia aìnda mas que ia abrindo cautelosamente a contra-mina que havia de inutilizar-lhes qùasi quatro meses de trabalho e cortar-lhes a esperança de tomarem o Col-di-Lana.

Tinham sido descobertos!

— Está longe aìnda — exclama o oficial — mãos à obra!

E cautelosamente, mas febrilmente, sob a emoção horrorosa de verem de repente as abóbadas da mina desabarem sôbre êles, os soldados italianos brocavam sempre, subiam sempre, alongando a espiral que qùasi tocava já o cume do monte.

De quando-em-quando paravam para escutar.

Do lado de cima, o ruído cada vez mais perceptível da perfuradora austríaca, lá estava roendo tambêm a rocha, pondo arripios na espinha dos pobres soterrados que só descansam quando caem de fadiga.

Termina emfim a mina. O moço tenente julga, pelos seus cálculos, que a galeria tem chegado ao ponto necessário para fazer voar o monte com a carga de dinamite que préviamente calculou tambêm. Escuta uma vez mais.

A outra perfuradora rói aìnda.

*

* *

Cautelosamente, no extremo da extensa galeria, nas câmaras de explosão, acumulam-se agora 100 quintais de nitro-glicerina, diante dos quais se levanta a blindagem formidável que ha-de resistir à inegulável explosão.

A mina fecha-se por fim, ficando apenas a ligar

com as câmaras carregadas, o condutor eléctrico que ha-de deflagrar a formidável carga.

É noite quando o trabalho de sapa fica concluido.

Um centenar de soldados voluntários oferece-se logo para o assalto após a explosão.

Mão no comutador, o enérgico oficial, pronto a concluir a sua obra infernal, trémulo de comoção, lívido, receando êle próprio o cataclismo que vai provocar, espera sem saber porquê, retarda involuntáriamente essa volta terrível que vai produzir uma hecatombe e subverter o monte.

A postos os soldados.

Alguns oficiais acercam-se do seu heróico camarada, como para lhe incutir coragem.

O oficial consulta o seu relógio em que o luar claro, de quando em vez cortado de nuvens que passam, lhe mostra onze e vinte-e-cinco minutos.

— São onze e vinte-e-cinco, diz, pausada e solenemente, para os soldados que de espingardas armadas e baioneta calada olham ansiosamente o seu denodado chefe, como a consultá-los sôbre a oportunidade do momento terrível.

Ninguêm responde, mas no meio do silêncio que se fez à voz dêsse homem que tem sob a sua mão os destinos, a vida de tantas centenas dos seus semelhantes, podia ouvir-se o palpitar precipitado de cem corações batendo espavoridos no peito de cem bravos, vacilando ante o desconhecido prestes a cair-lhes aos pés, duma simples manivela, de um qùasi brinquedo infantil.

Os oficiais italianos entreolharam-se num arripio que os fez estremecer dos pés à cabeça, cravando os olhos ansiosamente no jóven tenente de engenheiros.

Contam-se os segundos, que parecem séculos...

Então, no silêncio lúgubre daquela noite luarenta, de súpito, como grito de águia que cortasse o espaço, o tenente grita: — Viva a Itália! e voltou o comutador.

*

* *

Como terramoto inesperado, abala-se a terra, sacudida violentamente pela deflagração da nitro-glicerina, cujos gases explosivos erguem a cúpula do monte, que sacode em estremeções de agonia, em convulsões de gigante nos últimos estertores da morte.

Sob os pés dos soldados austríacos aterrados, a terra sacudida como por erupção vulcânica, pulveriza-se, abre-se, desconjunta-se, desmorona-se, esbarronda-se e no meio do terramoto a que horrorizados procuram fugir, sem poderem avançar um passo, aos tombos pelo solo, nos arrancos formidáveis do monte na agonia, a cratera abre-se vomitando no espaço as entranhas do cabeço e com elas os cadáveres esfacelados dos defensores do que fôra o forte inexpugnável do Col-di-Lana.

Sob o abalo ainda do monte, convulsionado pela deflagração da nitro-glicerina, os soldados italianos lançam-se ao assalto, indo encontrar apenas nos restos do que foram as trincheiras austríacas, duas dúzias de desventurados semi-loucos, os olhos esgazeados pelo terror, ao sentirem sumir-se-lhe debaixo dos pés a montanha subvertida pela explosão formidável de cem quintais de dinamite.

Momentos depois, o bravo tenente italiano içava nos escombros do Col-di-Lana a bandeira do seu país.

X

A Retirada dos Sérvios

Ao tenente-coronel de cavalaria
António Maria de Freitas Soares.

Foi a 8 de Outubro de 1915 que começou para êsse homérico povo, o calvário da sua tortura.

Foi preciso que três grandes nações congregassem os seus esforços para aniquilar um povo de três milhões de almas, e não o conseguiram!

Sucessivamente derrotada por três vezes quando sòsinha tentou a invàsão da Sérvia, a Áustria, batida implacávelmente pelo pequeno exército do rei Pedro, precisou chamar em seu socorro a Alemanha e a Bulgária, para acometer o pigmeu que ousava afrontar e vergastar desapiedadamente o colosso do Danúbio.

Suprema das vergonhas com que uma grande nação, ou antes, uma *nação grande,* póde esborratar as páginas da sua história.

A retirada dos sérvios, fazendo com menos de 200:000 soldados, duzentos mil bravos, frente a três

exércitos de cêrca de 600:000 austro-búlgaro-alemães, sem se deixarem cortar, sem se deixarem surpreender, sem se deixarem aniquilar, mas antes frustrando sempre as tentativas do inimigo, que os atacava por três lados, pretendendo envolvê-los, longe de ser uma derrota é a mais gloriosa fôlha da história militar da Sérvia, é o mais alto documento da bravura do seu exército, da alta competência dos seus generais, da inegualável abnegação e heroísmo dos seus soldados e oficiais.

Sublime povo que preferiu um êxodo qùasi em massa, sabendo que fóra dos seus tugúrios só privações e sofrimentos de toda a espécie os esperavam, a suportar o jugo dos seus inimigos.

A retirada dos sérvios foi o mais espantoso estertor da agonia de um povo, que os seus algozes não conseguiram, afinal, sufocar.

*

— Depois da tomada de Belgrado pelos alemães, porque os austríacos jàmais conseguiriam pôr ali os pés,— conta um capitão de cavalaria sérvia,— as nossas fôrças retiraram simultâneamente para a linha Vichegrade — Pojega — Kralievo-Kruchevatz — **Nich** — Pirot, estabelecendo-se o grande quartel-general em Kralievo.

Tínhamos aìnda as nossas tropas em contacto com os valentes montenegrinos, que ocupavam naquela data o sul da Bósnia.

Depois das tremendas lutas de 1914 e 1915, que nos tinham custado tantas perdas com que conquistámos a vitória, e isto a dois anos apenas da campanha de 1912, o exército sérvio estava reduzido a cêrca de 250:000 homens, tendo-se nessa ocasião chamado às

armas os rapazes de 18 e 17 anos para o reforçar e defender a extensa linha das nossas fronteiras, todas atacadas.

Pelo lado do Drina entravam na Sérvia 250:000 austríacos, pelo Danúbio 200:000 alemães e pela fronteira de leste cêrca de 300:000 búlgaros.

¡Tanta gente era precisa para esmagar o exausto exército da pequena Sérvia!

Do acto de coragem, valentia e nobreza militar da Bulgária, aproveitando o ataque de duas das mais poderosas nações da Europa, para nos agredir também, que fale a História quando tempo fôr.

A retirada fez-se na melhor ordem e rígida disciplina, até à linha referida.

Ao mesmo tempo, para fazer frente aos búlgaros, tínhamos estendido as nossas divisões ao longo do Morava e do Vardar, até Veles, onde chegavam já as avançadas francesas e inglesas.

Era no prometido auxílio dos aliados que estava toda a nossa esperança, pois bem sabíamos que era impossível resistir vitoriosamente a um exército três vezes superior e dispondo de todo o material de guerra necessário, que a nós já nos faltava em parte, inutilizado nas anteriores campanhas.

Tentamos organizar-nos defensivamente nesta linha e opor ali a mais feroz resistência até à chegada das tropas aliadas.

Chegamos a convencer-nos de que tal resistência era possível... porque o esperado socorro era infalível.

Entretanto os alemães avançavam em toda a frente e em alguns pontos tinham já tomado contacto com a nossa linha.

Encontrava-me a 29 de Outubro em Kralievo com o meu regimento.

Era a linha da resistência e ali se tinha resolvido fazer frente ao inimigo até à chegada dos prometidos reforços aliados.

Animavam-nos as mais risonhas esperanças.

A cada instante se esperava a notícia do avanço dos aliados, tanto mais que sabíamos terem chegado reforços russos e italianos.

Na nossa frente ouvia-se contínuamente o canhão longínquo, mas cujos disparos eram cada vez mais próximos.

Os alemães avançavam.

A 30, reconhecimento sôbre L., onde encontrei já as avançadas das nossas fôrças que se batiam sempre em retirada.

A 31 começaram a chegar em grandes comboios os arquivos e colunas de víveres do exército; juntamente a cidade recebia também contínuamente fugitivos civis que começavam a abandonar as suas povoações diante da invàsão.

O movimento nas ruas era enorme.

Por todas as estradas chegavam tropas, comboios, carros, gente a pé.

Um de Novembro.—A invàsão avança. O ribombar da artilharia ouve-se agora distintamente.

A batalha trava-se mais incarniçada do lado de T., onde o canhoneio é formidável.

Saem fôrças importantes a sustentar a retirada dos que se batem para êsse lado.

Na cidade aumenta a confusão com a chegada constante de novas tropas, nòvos comboios de material, nòvos fugitivos.

Dois de Novembro. Àlerta na cidade, alta madrugada. Inimigo à vista. No meu regimento tocou a botas-selas acelerado às 4 da manhã.

Recebemos ordem de concentração em S. com a divisão *Marvot*.

Choviscava. O frio da manhã cortava-nos as faces.

No escuro da noite a coluna marchava silenciosa, como um exército de sombras.

O canhoneio aumentava à medida que avançávamos.

Ao longe grossas colunas de fumo avermelhado, subiam lentamente em vários pontos para o ar. Pareciam incêndios.

Tomamos contacto com as nossas tropas pelas 11 horas da manhã de três.

A 1.ª brigada avançou acelerado para apoiar a ala direita do exército em retirada. Era o nosso 2.º exército fortemente batido pelos alemães do lado de Kraguievatz, que procuravam a sua junção com os búlgaros.

O primeiro grupo do meu regimento partiu com a brigada destacada.

Ás 6 da tarde suspendeu-se o fogo e chegou ordem de retirada: dizia-se que fôrças búlgaras haviam penetrado no território sérvio, por Zazechar e que as nossas tiveram de abandonar as defesas do Timok atacadas de frente e de flanco pelo inimigo.

Desenhava-se nítidamente o envolvimento pelo nosso flanco direito.

Durante todo o dia o meu esquadrão esteve com o pé no estribo, à espera de ordem de avanço.

A ordem chegou, mas para retirar. A retirada do nosso 2.º exército da barreira do Timok deixava a descoberto o caminho de ferro de Zazechar a Kruchevatz, outro dos pontos importantes da nossa linha de resistência.

Recomeçamos a marchar para a retaguarda.

As estradas continuavam cheias de fugitivos, que se faziam acompanhar por gados e carros de todas as espécies, o que dificultava bastante a nossa marcha.

Aproveitava-se a noite para o recúo, mais fóra das vistas do inimigo.

A chuva caíra todo o dia quasi constantemente e os meus homens achavam-se encharcados até aos ossos.

Entramos de novo em Kralievo. Escuridão completa. O comando ordenara que se não acendesse a iluminação com receio de que a cidade fôsse bombardeada.

Encontramos já a ordem de retirada geral: os búlgaros avançavam em grandes massas no sul, tendo já atingido Veles e Uskub.

Estas notícias caíram-nos como pingos de chumbo candente sôbre os ouvidos:

— Retirar! retirar ainda!

¿Mas os aliados? ¿Se recebiam reforços, o que significava a morosidade do seu avanço?

¿Onde estavam as suas avançadas?

Reùnimo-nos vários oficiais do regimento, debaixo do alpendre de um quinteiro, depois do grupo ter atravessado a cidade na confusão inenarrável da barafunda que ali ia, no escuro da noite, para o início da retirada.

Acendeu-se um pavio.

Era de abatimento o aspecto de todos nós. Esperávamos encontrar no grande quartel-general notícias animadoras do avanço dos aliados ao sul.

Ninguêm se atrevia a romper o desolador silêncio.

Raros monossílabos.

Preparamos camas com alguns molhos de palha e deitamo-nos entre ela aconchegando-nos uns aos outros emquanto deixávamos os capotes a enxugar.

Durante a noite sentíamos por toda a parte o tropear dos regimentos que atravessavam a cidade e o rodar dos carros militares e dos fugitivos.

Montamos a cavalo às 6 horas do dia 4, e partimos em seguida.

Tomamos a estrada de Kruchevatz a Nich.

Marchávamos à uma hora. Por volta das 7 um oficial a galope comunica-nos a ordem de seguir a mar-

chas forçadas a fim de sustentar o 2.º exército em Nich, para onde retirava já a divisão Slovock, que evacuava Pirot.

Lançamo-nos a galope largo com dificuldade, tal a quantidade de fugitivos que pela estrada aumentavam de hora a hora.

Na lama escorregadia da estrada os cavalos chapavam-se a cada instante, espantando as pobres azémolas e rebanhos que a pejavam.

Pobres mulheres, umas com criancinhas ao colo, tiritando de frio, outras e homens e rapazes, com carregos e troixas à cabeça, pequenos carrinhos, carroças, carros de bois e de cavalos, transportavam mil e um objectos dos lares desfeitos de toda essa pobre gente que ia sem destino, fugindo espavorida diante da invàsão.

A nossa galopada lançava ainda mais a opressão e confusão nesses desgraçados, que chicoteavam os pobres animais na ânsia de se afastarem o mais possível dos seus lugares assolados.

Numa galopada de hora e meia alcançávamos o primeiro regimento de infantaria que marchava à nossa frente, passo estugado, todo salpicado de lama; lá bastante para trás distinguia-se o rodar pesado da artilharia que retirava também.

—¿Então, que novidades ha? pregunta numa ansiedade um alferes imberbe que comanda um pelotão.

— As avançadas alemãs estão à vista de Kralievo, que deve ser hoje abandonada.

—¿Mas a nossa marcha é de retirada de Kralievo ou de avanço para Nich?

—E' as duas coisas... O exército Stefanovitch está em perigo de ser envolvido pelos búlgaros que do Pirot avançam para Nich, onde apoia a sua direita. Ou chegamos a tempo de deter o movimento dos búlgaros, ou a derrota é certa.

O meu esquadrão distanciara-se já.

— Boa jornada, camarada, e felicidade.

Apertamo-nos longamente a mão, e parti à desfilada, olhando aìnda p'ra trás para um último acêno de despedida ao juvenil oficial.

Não o viu, enxugava os olhos com um lenço, talvez de saùdade pelos seus, talvez de dor pelas desditas da pátria.

Ao passar, qùasi todos os oficiais me preguntavam num grito:

— Que ha?

— Nich em perigo.

Alto em Thirtenik, onde pusemos pé em terra. Encontramos aí o 11 de cavalaria e duas baterias a cavalo que seguiam também para a frente.

Reùnimo-nos todos os oficiais, transmitindo impressões:

— ¿Então os aliados?—foi a primeira pregunta que a todos acudiu.

— Nada se sabe...

— Mas então a resistência é impossível!...

— ...

E o silêncio do acabrunhamento que nos esmagava pintava-se visìvelmente nos rostos de todos.

Na povoação, a confusão infernal dos que fogem com os que chegam.

Nas ruas estreitas e tortuosas acotovela-se uma multidão que não sabe o caminho que tomar no dédalo de ruelas e becos da vila.

Das casas saíam apressadamente famílias inteiras com troixas e fardos, às costas uns, à cabeça outros e em toda a espécie de transporte os restantes.

Era a confusão que começava, era a onda de pavor que alastrava por toda a parte.

Uma hora depois entrava na povoação, clarins à

frente tocando a marcha de guerra, o regimento de artilharia cujo pesado rodar ouvíamos na nossa retaguarda durante todo o caminho.

Toda a cavalaria montou por volta da uma hora, continuando a galope o caminho para Kruchevatz.

Tinha deixado de se ouvir o canhão. Os campos eram cilenciosos na sua monotonia de outono.

Árvores despidas, como esqueletos enormes; regatos por toda a parte engrossados pelas chuvas dos dias anteriores, o abandôno e a devastação por todos os lados.

Só a estrada abarrotava de caminhantes, como um enorme colector que despejasse a vasa de uma enchente.

Por vezes tínhamos dificuldade em avançar, no meio da desordem de veículos de toda espécie que enchiam a estrada.

De quando-em-quando, sentados pelas pedras e valetas das bermas, pobres fugitivos, o arcaboiço arquejante de fadiga sob os fardos dos pobres tarecos que transportavam — ¡sabiam lá para onde! — a angústia e o terror estampados nos seus rostos de olhar parado, estúpido, inconsciente.

A marcha continua sempre nesta galopada infernal.

Lá para a retaguarda, começa a perceber-se outra vez o rodar pesado da artilharia que avança de Trestenik.

Cai a tarde. Chuvisca. A fila interminável dos fugitivos não tem fim.

Estampa-se no rosto de todos o terror que os persegue. Muitos levam constantemente os lenços aos olhos.

O galope da cavalaria chapinhava os desgraçados, encharcando-lhes as roupas que a chuva miudinha começava a ensopar.

Chegamos pela noite a Kruchevatz.

A mesma confusão, o mesmo movimento, o mesmo terror pânico que por toda a parte vai espalhando o

avanço da invàsão. Num prado à margem da povoação acampam fôrças de cavalaria.

Reconhecemos as suas vedetas. Era o 1.º grupo do nosso regimento.

Oficiais e soldados correram para nós, abraçando-nos. E uma infindável série de preguntas nos fazemos mútuamente.

— Então?

— Os alemães?

— E de Nich?

— E os aliados?

— E aqui?

Mas não sabíamos mais uns do que os outros. Em Kruchevatz encontramos já concentrada toda a 3.ª divisão de infantaria. A 1.ª do 1.º exército tinha retirado pelas estradas de Ugitze para Nova Varos e a 2.ª pela de Kralievo a Rashcka.

— Parece que se prepara a resistência aos búlgaros em Nich.

— O Pirôt foi já ocupado por êles.

— O 2.º exército deve estar já concentrado ali.

— E nós?

— Naturalmente vamos apoiá-lo.

— ¿E' então a batalha que recomeça?

— Sem dúvida àmanhã entraremos em fogo.

Anoitecêra. A artilharia da divisão acabava de entrar no povoado.

Nas ruas e largos inteiramente às escuras a balbúrdia infernal da constante chegada dos comboios militares.

Distribue-se às praças rancho frio e aguardente.

Muitos fugitivos entravam no bivaque, pedindo um pouco de palha para repousarem.

Debaixo dos carros regimentais e da administração

militar, amontoavam-se, uns sôbre os outros, os desgraçados que não encontravam outro abrigo, extenuados de muitas léguas já de marcha.

Pouco depois descansávamos tambêm ou em montes de palha, ou nos carros cobertos, ou sob algumas tendas que se armaram.

Sono profundo; sono de fadiga; sono reparador depois de seis dias de marchas contínuas.

Desde manhã que deixáramos de ouvir o canhão.

Dormíamos.

De quando-em-quando, um ventosinho do norte trazia-nos aos ouvidos um ruído como de marcha de viaturas muito ao longe, e que nos embalava como num sonho.

Acordei ouvindo dar onze horas na torresita de uma igreja.

¡Que emoção despertou no meu espírito a voz fraquita do sinosito da vila!

¡Que saùdades dos dias afastados de paz nos nossos lares felizes pelo remanso das cidadesinhas provincianas, não evocou em mim o som plangente das badaladas do sino, caindo como soluços de agonizante no espaço agora silencioso da aldeia!

Não sei o que senti apertar-me o coração, sufocar-me na garganta.

Quis resistir a êste momento de fraqueza, reagir, e parece que quanto mais me esforçava por me libertar dessa impressão de tristeza que num momento me avassalou, mais o coração se me oprimia.

O sino repetiu a toada lastimosa das onze horas e o magneto em que me transformara a comoção daquele momento a que não pude ser superior, descarregou em duas lágrimas que me saltaram dos olhos e que não pude suster.

Todos teem os seus momentos de fraqueza.

De repente, nos acampamentos do outro extremo da povoação, um tiro de peça punha os bivaques num relâmpago a pé.

Chega um oficial de ordens a galope. Lanterna na mão para iluminar o caminho.

— Que será? interrogamo-nos.

Ouve-se nos bivaques da infantaria o toque de botar correias.

Chega uma ordenança. Momentos depois o toque de bota-selas retine nos nossos bivaques e nos da artilharia.

A noite está descoberta, mas fria. Como farrapos que o vento rola pelo chão, os desgraçados que se acoitavam debaixo dos carros, saiem dali, lastimosos, encolhidos, a tiritar de frio e de mêdo.

Toca a comandantes de esquadrão.

Aguardamos ansiosos.

¿ Que ordens teremos?

São uns minutos apenas.

Chegam os capitães: ordem de marchar já para Nich.

Todo o 2.º exército retira precipitadamente diante da pressão simultânea de búlgaros e alemães.

Pela madrugada deve combater-se na capital provisória da Sérvia. Devemos tomar parte no combate.

A infantaria devia marchar directamente pela estrada de Kursulya a Prichtina.

Marchamos toda a noite.

Em Alexivatz encontramos a cavalaria divisionária do general Licowsky. Eram o 7 e o 10 de cavalaria. Éramos quatro regimentos de cavalaria e seis baterias de artilharia que ali nos encontrávamos.

Breve descanso.

Começava a rugir o canhão distintamente na nossa frente e sôbre a nossa esquerda.

Tempo de uma breve refeição para homens e animais e pusemo-nos de novo a caminho.

A estrada menos atravancada de fugitivos, cuja maioria havia tomado o caminho de Kursulya.

Amanhecia.

Aproximávamo-nos da batalha. O canhoneio era formidável.

Abandonamos a estrada para cortar a direito por campos e ravinas que nos levassem rápidamente ao local da acção.

A frente da coluna tinha já tomado contacto com as fôrças do 2.º exército.

Paramos.

Que haverá?

Sente-se já perfeitamente o crepitar da fuzilaria que parece formar uma meia-lua na nossa frente.

Mais um avanço, a passo; entramos em uma vasta planície, onde os regimentos formaram em coluna de esquadrões.

Esperam-se ordens.

Entretanto, alguns oficiais iam-se aproximando para trocar algumas palavras.

Que haverá?

O ribombar do canhão é formidável.

Um oficial de ordens entra a toda a brida no enorme prado que ocupamos.

Fala rápidamente com o general e o estado-maior que lhe saíu de encontro, e segue à desfilada, acompanhado de duas ordenanças, para a retaguarda.

Que será?

Mas a rápida troca de palavras do estafeta correu logo. — Ordem de avanço para a artilharia sôbre a nossa esquerda, para apoiar mais eficazmente a infantaria da 1.ª divisão que retira pronunciadamente.

De facto a fuzilaria parece apròximar-se de nós por aquele lado.

Os nossos cavalos estavam bastante fatigados e tínhamos posto pé em terra.

O tempo decorria lento sob a pressão do canhoneio infernal que parecia cercar-nos.

Sobretudo do norte, dos lados de Rachani e Soko-Bania, a luta devia ser feroz.

À nossa retaguarda passa à desfilada a artilharia da nossa divisão.

Distribue-se à pressa a refeição fria aos soldados. Ninguêm sabe quando poderá tornar a fazer-se.

Outro estafeta! ¿Que ordens trará?

Dirige-se ao comando. Conversam alguns minutos. Entrega alguns papéis e retira para a frente a galope.

Será connosco?

O canhoneio, sente-se que se estende mais para o sul, sôbre a nossa direita.

O tiroteio redobra de intensidade por toda a parte e apròxima-se de nós a cada instante.

Um oficial vem transmitir ordens. Aguardamos com impaciência.

O coração pulsa-nos mais violentamente; latejam-nos as artérias sôbre as fontes...

A ordem chega: marchar a galope sôbre Gru, para sustentar a ala direita da 2.ª divisão.

Partimos através de matos e florestas, onde a marcha teve de fazer-se por vezes em várias colunas a um de fundo.

Vamos entrando no campo da batalha.

Em alguns pontos altos distinguem-se já os movimentos da nossa infantaria de reserva, que entra em acção, e vê-se, coroando todos os outeiros e colinas, a auréola do fumosito esbranquiçado da fusilaria.

Nalguns pontos o fogo é por descargas.

Toques de corneta retinem e vibram de momento-a--momento no espaço, como gritos de morte.

Nas curvas do terreno ordenanças e estafetas à desfilada, transmitem ordens às fôrças empenhadas na acção.

Nas sombras das ravinas, massas escuras de infantaria esperam a voz de lançar no enorme brazeiro o fôgo das suas espingardas.

Algumas granadas veem estoirar por sôbre as nossas cabeças.

O sol levantára-se pouco-a-pouco do seu invólucro de nuvens e começava agora a doirar as cumiadas ardentes do fogo do combate.

Por todo o espaço o explodir das granadas punha estremecimentos na atmosfera, onde o relâmpago brilhante das explosões semelhava uma chuva de diamantes em revérberos de luz.

O local onde nos encontrávamos começava a ser batido pelas granadas búlgaras, evidentemente com o fim de atingir as nossas reservas, ocultas nas dobras do terreno.

O crepitar da fuzilaria aumenta; vemos avançarem para a linha da batalha algumas unidades de infantaria; à nossa direita avança a tomar posição um grupo de baterias.

A intensidade do fogo é cada vez maior.

Compreende-se a pressão dos búlgaros para acompanhar os alemães no movimento e ir fechando em volta de nós a tenaz que nítidamente os seus exércitos desenham.

Chega ordem de avançar para a nossa direita, prontos a intervir na carnificina.

A cada instante passam por todas as veredas dezenas de maqueiros transportando para a retaguarda os feridos no combate.

A nossa linha inflecte-se já por oeste de Nich, que fôra abandonada.

Caminhamos a galope por terrenos horríveis, cheios de barrancos e ravinas, absolutamente impróprios para a nossa manobra.

Por todo o caminho nos acompanha o estralejar fragoroso do bombardeio por sôbre as nossas cabeças, e alguns soldados foram já atingidos por estilhaços de granadas.

Caminhamos assim por espaço de mais de uma hora.

Em volta de Mramor a luta é feroz: a povoação foi já tomada e retomada quatro vezes.

A posição dos nossos é boa, mas os búlgaros recebem constantemente reforços.

Ao longe percebe-se o avanço rápido de tropas que veem aìnda entrar na batalha.

A povoação está qùasi cercada e a retirada dos nossos é extremamente crítica; pelo sul avançam novas fôrças ao assalto.

Na nossa frente um vale amplíssimo se estende agora.

Uma ordem chega.

Os búlgaros, descendo a encosta oposta, dirigem-se a passo de carga para a colina onde assenta Mramor, que os nossos defendem furiosamente.

Encobertos pelo outeiro de Mramor, desenvolvemo-nos rápidamente em coluna de esquadrões.

A ordem manda-nos deter o avanço dos búlgaros a todo o custo, para dar tempo à evacuação da povoação e salvar a brigada comprometida na sua defesa.

São dezasseis esquadrões em massa cerrada que aguardam, segurando sob a tensão violenta dos seus nervos as rédeas de 4:000 cavalos, o momento de intervir.

Na orla do bosque fronteiro começam a aparecer as primeiras filas dos atiradores inimigos, que não suspeitam sequer da nossa presença ali.

Agachados sob os selins dos cavalos, a mão esquerda trémula nas rédeas, a direita apertando nervosamente o punho da espada, aguardávamos, mudos, olhos esbugalhados para o bosque, reprimindo a respiração com receio de que ela nos denunciasse a dois quilómetros de distância, as vagas de assalto que, alinhadas, arma cruzada, a passo de carga, apareciam sucessivamente, como se surgissem do chão, na outra extremidade do vale.

Uma! Outra! Quatro, intervaladas, isócronas, regulares.

Mais outra!

As vagas ocupavam já uma larga faixa do terreno plano do vale, que desaparecia rápidamente debaixo dos pés dos soldados búlgaros.

Seis!...

Seguindo o movimento de avanço do esquadrão que me precedia, os cavalos do meu começaram também a avançar a passo.

Sete!

Todos os oficiais estavam à frente dos seus esquadrões, que iam acelerando o passo pouco-a-pouco.

Aproximava-se o momento supremo da despedida, da morte...

Troquei um olhar de adeus com os meus camaradas, agachados, encolhidos, espada prolongada com os pescoços dos cavalos, para que algum lampejo da lamina não denunciasse a nossa presença, abafados os passos dos cavalos pelo ribombar da artilharia e crepitar da fuzilaria, que agora tínhamos mesmo por sôbre as nossas cabeças no alto da colina de Mramor,

avançávamos os 16 esquadrões com a comoção a embargar-nos soluços na garganta, marchando já a galope, quando para a nossa frente, a requinta do comando, estridente, aguda como silvo de serpente, cortante, nos arripiou as carnes, tocando à carga.

Num relâmpago quatro mil espadas se erguem no ar lampejantes, em faixas de prata, ao sol magnifico dêsse dia de Novembro e os nossos cavalos, picados desapiedadamente nos ilhais, arrancam para a frente em saltos de feras, devorando o terreno que se sumia debaixo das suas patas, ao mesmo tempo que ecoou por todo o vale, dominando até o próprio troar da artilharia, um grito unísono: ¡Viva a Sérvia!

O que então se seguiu não tem descrição fácil.

Do cabeço de Mramor a fuzilaria por descargas, a artilharia, abriam claros na infantaria búlgara que avançava sempre e que tinha já quasi atingido a falda do outeiro quando a testa dos nossos esquadrões surgiu na curva do vale, numa conversão admirável sôbre a esquerda.

Como seara que oscila batida pelo vento, a infantaria inimiga vacilou um segundo; um estremecimento atravessou de um ao outro extremo as suas filas de batalhão, e a confusão do momento, quiçá o terror sob o nosso ataque de flanco, contra que não podiam desenvolver-se fácilmente, agitou toda a massa dos atacantes, cuja marcha para a frente parou de súbito.

Os nossos esquadrões avançavam rápidos como relâmpagos, o terreno desaparecia nos nossos flancos e a distância encurtava-se rápidamente emquanto que do alto Mramor o fogo se suspendia de repente e o rufar à carga dos tambores da nossa infantaria retumbava pelo vale.

Eram algumas companhias sérvias que desciam a secundar a nossa acção.

Neste instante, no amplo vale de Mramor, onde a batalha parecia ter-se suspendido como por encanto, eu só ouvia o resfolegar violento dos cavalos e o rufar dos tambores da infantaria que a toda a extensão da colina ia acompanhando esta cavalgada da morte no nosso avanço pelo sopé da montanha, como maior incitamento à vitoria.

Os búlgaros tentavam ainda mudar de frente por uma conversão de poletões e algumas descargas partiram a curta distância, incertas pela dificuldade da manobra e terror dos soldados, colhidos de surprêsa por onde menos o esperavam.

Alguns dos nossos cavaleiros do 1.º esquadrão aí morderam a terra para sempre, mas a estreita faixa que nos separava do inimigo, desapareceu e a cavalaria sérvia entrava pelo seio da infantaria adversa, desorganizando-a, tresmalhando-a, acutilando-a, amalgamando-a sob as patas dos cavalos e o fio das suas espadas.

Avançávamos sempre, acutilando à esquerda e à direita, quando senti o meu cavalo baquear debaixo de mim fulminado pela baioneta de um soldado búlgaro que o atravessára pelos peitos e que dum salto se esquivára a ser apanhado pela queda do animal.

Vi diante de mim um colosso de olhar de louco, esbugalhado, bôca semi-aberta, bonet enterrado até à nuca, o capote rasgado, a espingarda cruzada ameaçadoramente dois metros apenas adiante do meu peito.

Olhamo-nos rancorosos, procurando adivinhar as intenções um do outro.

Eu encontrava-me numa posição difícil, com o meu cavalo morto atrás de mim.

Puz-me em guarda diante do búlgaro.

A algumas dezenas de metros ao nosso lado a luta continuava fragorosa, no retinido dos metais, no acutilar dos soldados, nos relinchos dos cavalos que pareciam responder aos toques de clarim e ao rufar dos tambores que redobravam de fúria à medida que os búlgaros recuavam diante de nós.

Saltei sôbre a direita, ao mesmo tempo que dirigi com a minha espada uma estocada ao meu adversário, para lhe reconhecer os movimentos e colocar-me em melhor posição.

O búlgaro fez um passo à retaguarda medindo-me a toda a altura, carrega sôbre mim em três ou quatro estocadas, que me obrigaram a recuar alguns passos, defendendo-me com a espada e tropeçando nos cadáveres que juncavam o chão.

Eu não podia defender-me vantajosamente do meu adversário, melhor armado do que eu, e percebi que êle procurava tirar todo o partido dessa circumstância, procurando atingir-me com saltos e botes sucessivos.

Casualmente, numa parada, o punho da espada prende-se no cordão do revólver que descaíra no cinturão para a frente e de que no empenhado da luta me não recordava.

O búlgaro perseguia-me com o seu ataque cerrado, mantendo-me eu sempre na defensiva, saltando à retaguarda, à direita ou à esquerda, pisando armamentos, cadáveres e moribundos.

Vagarosamente, tiro o revolver, simulo uma estocada, o búlgaro pára e apontando-lho à cabeça a metro-e-meio de distância, estendo-o no solo com uma bala na testa.

O gigante, erguendo os braços, larga a espingarda e, rodopiando um pouco sôbre si-mesmo, abate-se pesadamente sem um gemido.

A carga ia já longe.

Os búlgaros, levados de roldão pelo vale, ennovelados diante dos nossos esquadrões, abandonavam o terreno juncado de cadáveres e de feridos que os maqueiros procuravam já por todo o campo.

Avançávamos, emfim.

De Mramor partiam ainda algumas colunas a reforçar a acção da cavalaria e ocupar o bosque próximo, em cujo cerrado se ouvia já o tiroteio ao longe.

Parti a correr pelo campo.

Alguns cavalos vagueavam em correrias doidas pelo vale.

Outros, feridos, pareciam estátuas imóveis no meio da carnificina.

Cheguei-me a um: cabeça pendida para o chão, olhar amortecido; caíam-lhe as rédeas ao longo do pescoço e tinha a mão direita um pouco levantada. Verifiquei. Estava partida.

Era um lindo exemplar de batalha.

Alguns passos ao lado, um oficial estendido de bruços, jazia. Apalpei-o, voltei-o, estava morto. Era um capitão do 11.

Tirei a pistola, encostei-a à cabeça do cavalo e desfechei.

O cavalo caíu para o lado como uma rocha que se volta, e não se mecheu sequer.

Continuei a correr.

Para mim dirigia-se à desfilada, espantado, com as rédeas embrulhadas nas mãos, orelhas afiladas, outro animal.

Chamei-o. Fui devagar para êle; o cavalo parou. Afaguei-o. Deixou-se agarrar. Passei-lhe a mão pelo pescoço ensopado. Uma das ancas estava empapada em sangue: um leve ferimento, de baioneta, certamente.

O cavalo estremecia, inquieto. Voltava-se para todos os lados, orelhas fitas ao menor ruído.

Os arreios estavam intactos. Ao lado, pendia aìnda a baínha da espada do cavaleiro a que pertencêra. Pela marca da manta, pude ver que era do 10.

De-vez-em-quando soltava relinchos estridentes, como que a dar sinal aos companheiros que perdêra.

Montei-o de um salto e parti na direcção que a carga levára.

Atravessamos o lugar da acção galgando constantemente montes de cadáveres da infantaria búlgara, cujos batalhões ali ficaram dizimados, rostos empastados de sangue, inchados, rasgados de alto a baixo, nas mais hediondas posturas, nos mais maquiavélicos esgares em que o último arranco da morte os deixára, olhos baços, escancarados para o céu, na derradeira súplica em que se lhes apagou o último sôpro da vida.

Galopei ao acaso.

Vìnha para a retaguarda a primeira escolta de prisioneiros.

Era do meu regimento.

O oficial que a comandava, cabeça amarrada em um lenço, a perna da calça ensopada em sangue, prolongou o seu cavalo com o meu e apertamo-nos num abraço febril.

— Escapaste?

— Aìnda fiquei para outra. Vi-te cair com a tua montada.

— ¿E a carga?

— Épica! Um pavor! Alastramo-nos na planície como vaga assoladora. Foi medonho!

— O campo para aí está juncado.

— ¿Vais reunir-te ao regimento?

— Vou; até à vista.

A escolta tinha seguido e o meu bravo camarada esporeou o cavalo para a retaguarda.

Segui a trote largo, até encontrar a cavalaria que avançava ainda.

O bosque à direita estava ocupado pela infantaria que descêra de Mramor.

Encontrei o meu regimento em Jezevatz. A povoação fôra abandonada pelos búlgaros.

Mil preguntas nos saltaram mútuamente aos lábios. Abraçávamo-nos, apertando-nos com frenesi contra os peitos, as lágrimas a borbulharem nos olhos.

— Dos nossos?

— Poucas baixas, relativamente.

— ¿O capitão Lanovitz?

— Caíu varado por uma bala.

— ¿O nosso coronel?

— Com duas ameixas no corpo, mas sempre à nossa frente. Recolheu à ambulância. Não corre perigo imediato.

— ¿E o nosso major?

— São como um pêro. Berrava como um possesso na frente do esquadrão. Foi duma valentia admirável. Parecia um rapaz.

—¿E tu como escapaste, depois que o cavalo se te chapou?

— Coitado! chapou-se... com uma baioneta cravada no peito até ao guarda-mão.

O mastodonte do búlgaro queria espetar-me como espetou o cavalo, mas antes que o fizesse espetei-lhe eu uma bala na testa.

— ¿O teu cavalo é praça?

— Andava vagueando no campo. Aquilo é um horror!

— A ceifa foi quasi completa.

— ¿E o tenente Montovsky?

— Teve o cavalo morto debaixo dêle. Toda a carga lhe passou por cima. Era um bravo. Tinha acendido o cachimbo ao começar a carga, e durante toda ela despedia alternadamente, com a mesma cadência, espadeiradas para um lado e bafuradas de fumo para o outro.

Quedamos em silêncio alguns momentos, concentrados na vaga recordação dos camaradas mortos, tão cheios de esperanças aìnda poucas horas antes.

Caía a tarde.

Para reforçar alguns dos pontos ocupados, parte da nossa cavalaria apeára.

A derrota dos búlgaros enchia-nos de orgulho. Tinham sido doze batalhões destroçados, qùasi aniqùilados no vale de Mramor. ¿Seria o reacender da nossa boa estrêla? ¿A sorte das armas mudaria?

Mudará certamente, se os aliados chegarem a tempo.

A nossa vitória póde mudar a face da luta.

¿Onde se encontrarão as tropas aliadas?

Sabíamos que tinham tomado contacto com os búlgaros, mas nada constava da sua acção no sector que ocupavam.

Quem sabe? Póde ser que a nossa vitória se reflita por aí abaixo e com o ascendente moral adquirido...

Toca a comandantes de esquadrão.

Que haverá?

Longos minutos de impaciência se passam.

Chegam os capitães.

?...

Montar a cavalo e seguir imediatamente pela estrada de Prichtina...

— Mas então? ...— arrisquei.

— Continuamos a retirar...

— Mas então, ¿somos vitoriosos e retiramos?!...

— A ordem é terminante, devendo abandonar-se as posições ocupadas, a coberto da noite.

—¿Mas para que vencemos, então? ¿para que nos sacrificaram?

—?...

O capitão seguiu, encolhendo os ombros; os outros oficiais do esquadrão seguiram-no. Senti-me abatido, desanimado, e fiquei, sòsinho, abstracto, estúpido, sem pensar em nada, sem coligir ideias de nada.

Ao escurecer o esquadrão estava a cavalo, sem toques, sem vozes de comando.

Fomos os primeiros a iniciar a marcha.

Seguimos silenciosos.

Era já noite cerrada quando passamos de novo em Mramor, como derrotados, quando horas antes ali estivéramos como vencedores.

Senti que começava a apossar-se de mim o desânimo e a descrença.

Conservamo-nos à retaguarda da nossa linha e em 6 ocupávamos Pokupiie, onde nos mantivemos até 10.

Dos aliados nada. Esperávamos em vão.

Os búlgaros e os alemães avançavam. Como de costume, os austríacos patinhavam na mesma fronteira.

A 10, ordem de retirada.

Os búlgaros avançavam no sul de uma maneira deveras inquietadora e as nossas forças do 3.º exército eram impotentes para fazer frente a três exércitos búlgaros.

A nossa situação agravava-se de momento-a-momento.

Em 11 atingíamos Studevatz, no entroncamento da estrada de Kruchevatz.

Ali encontramos o mesmo êxodo interminável do povo sérvio diante da invàsão.

Pelos fugitivos soube que toda a nossa primitiva linha fôra abandonada e estava já em poder dos alemães.

A 12, Kursunlya.

Resistência. Terreno magnífico para a defesa. *Raides* de cavalaria sôbre o inimigo.

¿Ficaremos por aqui?

13 de Novembro. Vem-se concentrado a infantaria e ocupando posições já préviamente escolhidas.

Combates parciais por toda a parte; o meu grupo combateu a pé, nas alturas de Turchitz.

Os búlgaros atacam furiosamente.

Noite inquieta.

De quando-em-quando tiroteio vivo nas linhas.

Passou-se toda a noite à vela.

Manhã nevoenta e fria.

Começa o bombardeio.

Ordem de montar a cavalo e ocupar Sania.

Na estrada desembocam de todos os lados os pobres camponeses escorraçados dos seus lares pelo invàsor.

A fila das carripanas é interminável, no meio dos desgraçados rotos, andrajosos, com os saquitéis à cabeça ou às costas, senhoras com as toucas já deformadas pelo tempo e os sapatos de tacão alto já gasto pelas longas caminhadas da fuga.

Criaturas doentes, macilentas, enfraquecidas pelas marchas e pela fome, encostam-se a outras que as ajudam com esfôrço a continuar a via dolorosa que para tantos terminou com a morte ao longo das estradas.

Soldados feridos, convalescentes, misturavam-se com

o povo que fugia e aumentava momento-a-momento à medida que retirávamos, dificultando a marcha das colunas e comboios militares.

Aumentava a confusão; era o princípio da debandada.

A pequena povoação é por toda a parte um aglomerado de gente que se empurra, se acotovela, se esmaga, na ânsia de conseguir qualquer recurso que lhe permita continuar a fuga.

Do sul continuavam a chegar as mais dosoladoras notícias.

Os búlgaros avançavam ininterruptamente e a tenaz que nos preparavam fechava-se de facto de dia para dia.

Os aliados continuavam no doce *corro a salvar-te* da sua inacção, imobilizados no Vardar sem se saber por quê.

Quando chegarem será tarde.

Prossegue a retirada.

Os búlgaros acossam-nos sem descanso. Temos já perdido bastante material na retirada, que se precipita de hora para hora.

Dia 15. Puvavitza. Dissipou-se o nevoeiro que ha três dias nos envolvia.

Canhoneio formidável para os lados de Novi-Bazar; grossas colunas de fumo se levantam em diversas partes por todo o horizonte.

Tiroteio de vanguardas.

As colunas de fumo transformam-se à noite em colunas de fogo que iluminam toda a nossa frente.

Chegam mais fugitivos.

Interrogamo-los.

E' Sania, é Lukovo, é Lebane que ardem.

Com alguns camaradas contemplamos entristecida-

mente as enormes fogueiras que põem no espaço o simulacro de fantásticos fogos de bengala.

Àlerta, alta madrugada.

Fogo vivo sôbre a nossa direita.

Partem tropas de refôrço. Rebenta o canhoneio inesperadamente já qùasi na nossa retaguarda.

Montamos rápidamente e partimos para o sul.

E' a batalha que recomeça.

Luta-se em Orlian furiosamente; chegamos a tempo.

Todo o meu regimento apeia para reforçar as linhas da infantaria.

E' manhã; o fogo prolonga-se. Ocupo com o meu esquadrão uma ravina dominando magníficamente as posições inimigas.

Fogo vivo!

Acende-se a acção; apeia-se outro regimento de cavalaria que chega. E' o 7.

A artilharia inimiga atira a grande distância; o seu fogo é ineficaz.

Chegam reforços da infantaria.

Uma bala vem partir-me os copos da espada e esfacelar-me a mão direita, que ato no meu lenço.

O fogo dos búlgaros aumenta também. Recebem reforços; a artilharia ocupa novas posições e vareja-nos.

Retiramos precipitadamente de todas as posições.

A avalanche inimiga aumenta e a nossa retirada, tão serêna, tão disciplinada até aqui, começa a semelhar-se a uma fuga.

Ordem de marchar para Prichtina.

Tropeçamos na estrada com o amontoamento contínuo dos que fogem.

Já não é só a estrada que trasborda no êxodo em massa da população aterrada diante dos invàsores, cu-

jos actos de barbaridade, cujos crimes de toda a espécie, passam de bôca-em-bôca.

Por todos os caminhos, através dos campos, marcham grupos mais ou menos numerosos de desgraçados que não sabem para onde vão.

Começam a faltar os víveres.

Entramos em Braina pela noite.

O meu regimento está já todo esfacelado. O 3.º e 4.º esquadrões ficaram para trás com ordem de proteger a retirada.

O 2.º fôra o que mais sofrêra em Mramor e o 1.º tivera bastantes feridos em Orlian.

Doenças, cansaço, falta de alimentação, deixaram para a retaguarda bastante gente.

O 7, com outras fôrças, marchára de Orlian para Mitrovitza, afim de sustentar a retirada das nossas fôrças que evacuavam Novi-Bazar.

Braina abandonada.

Casas desertas, ruas sem ninguêm.

Apossamo-nos de várias habitações para acantonar.

Tinha começado a chover.

E' a primeira vez desde Kralievo que durmo de baixo de telhas, bem abrigado.

Encontramos alguns colchões que nos foram fôfa e esplêndida cama.

Reùnimo-nos todos os oficiais do grupo na mesma casa.

Somos aìnda 9, dos 15 do 1.º grupo que partimos de Slovatz, séde do nosso regimento.

Abrigam-se os cavalos e cada um procura nas casas desertas o melhor confôrto, no vácuo da sua qùasi nudez, na desolação do seu abandôno.

E' uma terra morta, agora envolta no luto negro da noite e por cujas ruas só passa, dos seus antigos po-

voadores, algum cão vàdio que ali ficou aferrado à casa de seus donos.

Casa modesta mas limpa, a que nos coube em sorte.

Por toda a parte móveis escancarados, gavetas abertas, tudo vazio.

Cadeiras em desalinho; algumas caídas pelo chão.

Ao lado de um bêrço, no chão, uma touquinha de rendas que a precipitação da fuga ali deixára.

Contemplamos a desolação daquela casa, onde cada móvel, cada porta, cada cadeira tombada e até a touquinha de rendas do bébé desconhecido, nos testemunhava, nos apontava, num protesto mudo mas eloqùente das suas gavetas e portas escancaradas, como bôcas hiantes, o terror, a precipitação, a loucura da fuga dos espavoridos habitantes da povoação abandonada.

Surpreendi lágrimas a borbulharem teimosamente nos olhos de todos.

Todos tínhamos deixado alguêm, algum ente estremecido, ou pais, ou filhos ou espôsas, de que não tivéramos mais notícias.

— Vamos! ¿Que é isto? bradou o capitão Paulovosko, chamando-nos à realidade e despertando-nos daquele torpor.

— Precisamos tratar de nos instalar, de comer e de dormir.

Lá fóra a chuva fustigava os vidros...

Sargentos e ajudantes sobem de-vez-em-quando a escada, trazendo comunicações ou pedindo ordens.

Tinham chegado mais umas companhias de infantaria.

Um cabo sobe apressado a escada.

— Que ha?

— Meu capitão! Saiba V. Ex.ª que se concontraram uns velhotes numa das casas em que entramos.

Estão qùasi mortos e não podem comer do que lhes demos.

O médico do grupo, que era um dos nove, eu e outro camarada partimos, levando alguns recursos da caixa de farmacia. Entramos numa casinha pequena, em cuja saleta de entrada um grupo de soldados comentava o caso.

Num quartosito interior, estendidos em uma cama modesta, dois vèlhinhos, olhos semi-cerrados, parecia já não verem nada em tôrno dêles.

O médico apròximou-se. Auscultou-os. Viviam.

Estavam gelados, todavia.

Com bastante custo conseguiu chamá-los à vida.

— ¿Por que ficaram?

—¡Somos tão vèlhinhos! ¿Para onde íamos? ¿Quem nos levaria, se já mal podemos andar? Tenho 76 anos... a minha pobre companheira 70.

— Era preferível terem partido em algum carro, a ficarem inteiramente sós.

— Oh, não! Íamos morrer pelo caminho, de frio ou de fome.

¿Qual de nós primeiro? Só Deus o sabe.

¿E como havíamos de deixar-nos, separar-nos, nós que nem um só dia nos separamos em mais de 50 anos de casados?

— Ah, não! não! não nos separem.

— Deixem-nos, deixem-nos, suplicava a vèlhinha em voz mal perceptível,— deixem-nos ficar.

— Preferimos ficar. Foram umas horas de sofrimento; já tinham passado, já nada sentíamos e morreríamos juntos, como juntos vivemos. Morreríamos um quando o outro, sem que eu ou ela tivéssemos de chorar a perda sem remédio de qualquer de nós.

Quando os búlgaros viessem, estaríamos já mortos.

Somos tão vèlhinhos, tão vèlhinhos, repetia a pobre, como eco do marido.

Morreríamos sem o sentir e íamos pedir a Deus misericórdia para os sérvios.

— Mas nós não queremos deixá-los morrer, disse o dr. Lotz.

— Hão-de viver para assistir aìnda à vitória dos sérvios, acrescentei eu; os aliados veem em nosso socorro.

— Os aliados! repetiu êle com um relâmpago no olhar, para logo baixar a cabeça que abanou incrédulamente: — Os aliados!... chegarão muito tarde.

Mas, não; não nos tirem daqui.

— Não, não, deixem-nos na nossa casinha, repetia a tremer a assustada criatura.

— É a nossa casa; é metade da nossa alma. Nunca saímos dela. Aqui casámos, aqui nasceram os nossos filhos, todos mortos na guerra. Na de ha três anos, dois; nesta, o único que restava.

Estamos sós. Queremos morrer aqui, morrer com o nosso lar, morrer na nossa terra, morrer com ela. Deixem-nos ficar.

E tremiam-lhes os queixinhos afilados, muito engelhadinhos, a abafarem soluços, a humedecerem-se-lhes os olhos.

E repetiam os dois:

— Deixem-nos morrer aqui!

*

Logo de manhã vivo tiroteio nas avançadas.

Tinham chegado ordens do comando para retirar imediatamente sôbre Prichtina, abandonando a aldeia.

Montamos a cavalo e seguimos a passo; chovia fortemente...

Num dos carros de esquadrão, em uma encherga, embrulhados em alguns cobertores, os dois vèlhinhos da vespera, que só com dificuldade se conseguiu arrancar da sua casinha, chorando como duas criancinhas.

A 20 de Novembro entramos em Prichtina.

A cidade abarrotava de tropas e de civis.

Largos, praças, ruas, pejadas de comboios militares e de baterias de artilharia, mal permitiam, no meio da multidão que se esmagava por toda a parte, o movimento das tropas que chegavam.

Em todos os rostos se lia a ansiedade e o pavor.

Chovia, mas o movimento nas ruas não afrouxava, procurando todos assegurar os meios necessários de continuar à trágica debandada.

As entradas da cidade estavam cobertas de caravanas, veículos de toda a espécie que aguardavam apenas a carga de mantimentos e agasalhos julgados indispensáveis para se porem a caminho; mal uns partiam, outros chegavam.

Falava-se em resistência.

Pareceu-me pouco provável, dada a falta de recursos com que marchávamos.

Os búlgaros, dizia-se, haviam suspendido a marcha à espera de reconstituir as suas unidades e reabastecer-se de víveres e munições.

Bem, descansaríamos um pouco das marchas ininterruptas de ha vinte dias.

Noite tormentosa de inverno. A chuva torrencial caía sem descanso. Fui aboletado com outro camarada por uma família de modestos proprietários que nos trataram com o maior carinho. Contamos-lhes os incidentes da nossa retirada e preguntei se não abandonavam a cidade.

— Contamos com a lealdade das leis da guerra. É

impossível sair daqui com cinco filhos crianças. A mais velha tem 16 anos apenas.

Deitámo-nos cedo. O meu quarto um *bijou*. Bibelós, flores, bordados; no toucador, frasquinhos de cheiro, pomadas para a pele. Leito de madeira, pequeno, fôfo, bem agasalhado. Era sem dúvida o quarto virginal da filha mais velha dos donos da casa.

Emfim, uma noite em cama rica, com cobertores e lençóis.

Deitei-me e adormeci como uma pedra.

Poucas horas teria dormido quando violentos toques de corneta me despertaram.

Tocava a unir acelerado.

¿O que seria?

Pareceu-me sentir tiros de canhão. Salto da cama e corro à janela.

Era de-certo uma verdadeira batalha; o tiroteio prolongava-se em toda a frente leste da cidade.

No interior da casa havia já um reboliço e fortes pancadas na porta do meu quarto me chamavam. E' o tenente Krotezeky. Abro.

—¿O que ha?

— O alferes Morkz trouxe agora mesmo ordem imediata para concentração na praça de Amurat. Os búlgaros atacam em grande fôrça. E' preciso retirar imediatamente. Combate nas avançadas...

—Retirar imediatamente... retirar sempre...

Vesti-me em poucos minutos, despedimo-nos dos nossos hospedeiros que choravam aflitivamente.

— ¿O que será de nós, agora?

— Tenham coragem... Havemos de voltar... Deus é grande...

— Adeus... adeus... Até à volta! até breve...

Partimos a correr.

A aglomeração de tropas e de fugitivos nas ruas era cada vez maior.

— ¿Mas onde é a praça Amurat?

Seguimos ao acaso, na corrente dos que corriam também.

Um vento frio cortava-nos as faces e grossas nuvens negras passando vertiginosamente no espaço, anunciavam-nos a aproximação da tempestade.

A fuzilaria era formidável.

Sentia-se o canhão mais longe.

No escuro daquela noite, naquela balbúrdia das ruas, em que todos caminham sem saber para onde, todos preguntavam sem ninguêm saber responder, sem ordem, sem comando, sem chefes os soldados, sem soldados os chefes, pressentindo por toda a parte o avanço do inimigo cujo fogo parecia cada vez mais próximo, eu tive num momento a ante-visão do que ia ser a continuação dessa retirada trágica sob os temporais do inverno, sem exército organizado, sem víveres, sem munições, sem agasalhos e no meio de uma multidão aterrada de milhares de fugitivos, que pejava as mesmas estradas e nos embaraçava os movimentos.

Conseguimos chegar à praça Amurat.

Encontravam-se já ali algumas fôrças de infantaria, companhias de diversos regimentos.

Chegam alguns grupos de cavaleiros.

Aguardamos ordens.

Não ha quem as transmita.

¿O quartel general, que faz?

¿Quem nos comanda?

Ninguêm sabe, ninguêm responde...

Ao nosso lado uma multidão apavorada precipita-se para a estrada de Prizerende.

Desembocam massas escuras de fugitivos de todas

as ruas. O choque com os que passam é brutal. Rompe-se caminho a murro, vocifera-se, grita-se, pragueja-se.

Como lava negra de vulcão, a massa que debanda vai deslizando interminávelmente diante de nós, que continuamos a esperar sem saber o quê.

No meio da multidão distinguem-se pequenos troços de fôrças que debandam.

— E nós? pregunto para um oficial de infantaria que passa açodado, ha ordens? ¿avançamos para a linha de fogo?

— Não sei nada. Parece que chegou um oficial com ordens; vou ver o que ha. E partiu a correr por entre a multidão que cruzava a praça.

O fogo aumentava de momento a momento e o ribombar da artilharia aproximava-se.

No escuro da noite, entre a massa movediça de gente que se cruzava numa confusão inconsciente de quem não sabe o que pensa, o que quere, o que ha-de fazer, notavam-se de onde a onde os canos das espingardas de soldados tresmalhados que não tinham regimentos, nem comandos, nem oficiais.

Conseguiu-se chamar alguns e reùni-los às poucas fôrças que ali se encontravam: umas cinco companhias de infantaria de vários regimentos, alguns soldados de artilharia e do meu grupo uns cem soldados, a que se haviam juntado mais alguns de outros regimentos cujo paradeiro se desconhecia.

Dos nove oficiais estávamos apenas quatro.

Um movimento de vai-vem, como vaga que avança vagarosamente para a praia, sacode sucessivamente todas as filas das fôrças ali reùnidas. Tudo se movimenta num gesto de impaciência. Procura-se ver mas nada se distingue.

Começa outra vez a chuviscar.

O mesmo oficial volta; dirige-se para nós.

— Então?

— Tudo perdido!... Chegou o major Kerstolozop. Retiramos imediatamente para Prizerende. A Sérvia perde-se...

— ¿E dos aliados?... preguntei por... preguntar.

— Dormem o sono dos bemaventurados, a admirar em interjeições de muita simpatia por nós, a nossa trágica resistência, e discutem ainda plácidamente quando estamos já à beira do abismo que vai subverter toda a Sérvia, se devem socorrer-nos, como e por onde.

— Que inconsciência e que dolorosa desilusão.

— E' outra tragi-comédia como a dos Dardanelos.

E seguiu a passar a ordem de marchar imediatamente.

Montamos rápidamente a cavalo.

O canhoneio parecia estender-se em tôrno da cidade, no intuito evidente de a cercar e aprisionar as importantes fôrças que calculavam ali deviam estar reùnidas.

Pusemo-nos em marcha, cautelosamente para não atropelar a interminável fila de fugitivos que abandonava Prichtina.

Era esta a única estrada que nos restava; a cidade estava qùasi cercada. A chuva apertava cada vez mais; começava a trovejar e aquela marcha de fantasmas negros, noite ainda, sem se ver o terreno que se pisava, orientados apenas no meio de uma multidão que fugia apavorada, pelos relâmpagos do canhoneio ou das descargas da trovoada, tinha alguma coisa de lúgubre, de infernal ou de dantesco.

A resistência era por toda a parte a mesma.

Mas era impossível resistir sem recursos, e a Sérvia esgotára já todos os seus.

Pressentia-se perfeitamente a marcha envolvente dos búlgaros pelo sul.

Era preciso retirar, retirar sempre, rápidamente.

Na escuridão só podíamos avançar gritando constantemente aos que caminhavam a nosso lado ou à nossa frente, para não os atropelarmos.

A marcha era a um-de-fundo, por não permitir outra formatura a aglomeração de gente por toda a extensão da estrada.

De quando em quando sentíamos gemidos, soluços, que partiam do escuro, da multidão, misteriosos, sem se ver de onde, sem se saber de quem.

As bátegas de água eram ininterruptas, encharcando a estrada esburacada em muitos pontos pela contínua passagem de carros.

Amiude homens e cavalos chapinhavam nas poças onde se atolavam até aos joelhos.

Só os relâmpagos de longe-em-longe nos iluminavam trágicamente o caminho desconhecido que todos nós pisávamos no silêncio e recolhimento das grandes dores.

Vamo-nos distanciando do canhão, e do oriente começavam a levantar-se os primeiros claros da madrugada.

Era preciso caminhar, marchar sem descanso, para levantar em toda a parte a barreira da resistência que já agora iria até à morte.

Tanto pela direita como pela esquerda, sentíamos ao longe o ruído próprio de fôrças que caminhavam em retirada também.

A chuva alagava-nos e tremíamos de frio sôbre os selins dos cavalos.

À medida que nos afastávamos ia-se desacumulando a estrada e nós pudemos trotar um pouco, para

aquècer os animais que escorriam água debaixo dos nossos capotes encharcados.

A pouco-e-pouco foi clareando a manhã.

Ao longo da estrada iam-se delineando os vultos dos fugitivos, as suas carriolas, e aos lados, os cabeços, as ravinas, os pricipícios, as altas rochas, iam aparecendo como no revelar de uma chapa fotográfica em que a imagem vem pouco-a-pouco tornando-se mais nítida.

Tudo caminhava apressado; sentia-se a aproximação dos búlgaros que nos seguiam de perto e pela fila interminável dos fugitivos, como linha telefónica ao longo da estrada, tinha percorrido célere toda aquela via dolorosa do exílio, a notícia de que o inimigo estava já a entrar em Prichtina e seguia em perseguição dos fugitivos.

Era preciso caminhar, afastar-nos, ganhar dianteira ao invàsor para ficar fóra do alcance das suas garras.

Propalava-se pela estrada que os desgraçados que tinham sido alcançados, foram logo fuzilados.

À medida que clareava, apressava-se a fuga; podia-se caminhar melhor.

Os pobres fugitivos, instigando-se uns aos outros, qùasi corriam, fustigando os animalejos, esqueléticos, que já mal podiam andar de fome e de cansados.

Mas era preciso caminhar sempre, não perder um minuto, pôr entre os que abalavam e os que os perseguiam a barreira da distância.

Dia claro.

Amparando-se uns, arrastando-se outros, cabeças pendidas para os peitos, chorando alguns a amargura sem remédio da sua desdita; todos certamente com a imagem do seus lares destruidos, dos que já perderam, mortos na guerra, estampada nos olhos, caminhava qùasi já automáticamente toda essa infeliz gente,

onde havia desde o pobre trabalhador rural, desde o humilde artista das cidades, até às altas classes da aristocracia sérvia, surpreendida pela guerra, que tudo lhes levou, deixando-os tão pobres, como os que já nada tinham.

Caminhávamos ha seis horas sem descanso.

A chuva parava para dar lugar a um frio enregelante que nos cortava as faces.

Alguns desgraçados, impossibilitados de caminhar, subiam, revezando-se, para os seus carrinhos, cujas pilecas mal podiam com a carga.

Um pobre velho caíra por terra enteiriçado de frio; esforçam-se por fazê-lo caminhar, amparando-o, empurrando-o, sustendo-o qùasi a pêso.

Não podia; as fôrças tinham-se-lhe esgotado.

Vi ainda quatro homens levantarem-no em pêso e trazerem-no.

Cansados, exaustos pelas longas caminhadas, qùasi desfalecidos, outros, sentavam-se ou deitavam-se pelas beiras da estrada, pelas rochas, absolutamente indiferentes a tudo.

— Vamos, coragem! diziam-lhe os que passavam, tentando reanimá-los, encorajá-los.

— Não posso mais. Eu fico.

— Mais um esfôrço, nós ajudamos, vá, a caminho.

E lá conseguiam arrancar alguns à apatia inconsciente, qùasi idiota dêstes infelizes.

Um soldado do meu esquadrão levava nuns alforges sôbre a garupa do cavalo, duas criancinhas de quatro a cinco anos, com que os pais já não podiam.

Estes, caminhavam aos lados do animal, amparando dum e doutro lado o precioso fardo.

Outro pusera à sua frente uma vèlhinha qùasi entorpecida, semi-louca de pavor, chorando aflitivamente pelos filhos que não mais vira.

Dois outros levavam entre os seus cavalos, de pé, nos estribos que lhes cederam, um garotelho, de onze ou doze anos, que jurava formalisadíssimo, tirar de búlgaros, austríacos e alemães, solene vingança.

E por toda a estrada, auxiliando-se, animando-se, encorajando-se mútuamente, os mais admiráveis rasgos de abnegação, de amor, de patriotismo, de humanidade, repetindo-se, dessa pobre gente que fugia deixando para trás a alma retalhada por sofrimentos de toda a espécie, pelas maiores angústias.

Alguns soldados de infantaria levavam dois-a-dois, mulheres e crianças sentadas nas suas armas, que suspendiam dos ombros pelas bandoleiras.

Homens do povo carregavam aos ombros, ou sós ou com auxílio de outros, velhos pais, mães idosas, espôsas, filhas, criancinhas que nada às vezes lhes eram e de cujas famílias se não sabia.

E a marcha continuava assim, lenta, dolorosa, triste, como cortejo fúnebre em que todos nós caminhássemos para a morte, para a própria sepultura.

Caminhávamos ha sete ou oito horas sem descanso.

Procurava-se um local onde povo e tropa pudesse bivacar por algum tempo, o necessário para se cozinhar alguma leve refeição e comer-se alguma coisa quente dos já raros mantimentos.

Um movimento, como de uma sacudidela, agita lá desde a retaguarda a coluna dos fugitivos.

Todos levantam as cabeças, todos olham, todos se interrogam no gesto mudo de um olhar de susto, e instintivamente apressam o passo.

Perto divisava-se uma clareira ampla, nas rochas, ao lado da estrada.

Todos põem com ansiedade ali, o consôlo de um pouco de descanso; sente-se a languidês própria das

grandes aspirações realizadas; um alívio animador que a alguns fez até subir aos lábios um pálido sorriso.

Mas havia qualquer coisa.

Ao longe, nas sinuosidades da estrada, percebia-se a mesma agitação, que vinha fazendo estremecer a longa fila e chegava até nós.

Tinha razão de ser.

O tiroteio estraleja repentinamente, com violência, à nossa esquerda e à retaguarda.

E' o pânico, é a loucura da fuga.

Todos se precipitam para a frente numa correria doida; empurrando-se, puxando-se uns aos outros, arrastando-se qùasi pela estrada fóra.

A infantaria que nos acompanha à retaguarda, avança imediatamente em atiradores.

Faço partir alguns homens a cavalo, para observar o inimigo e apeio o resto para reforçar a infantaria.

Tudo continua a correr.

Sigo para a retaguarda, com os meus homens montados.

O tiroteio prolonga-se para o sul.

Encontramos duas companhias que avançam ao longo da linha de fogo.

Falo com um oficial.

—Os búlgaros lançaram para a frente alguns batalhões para cortar a nossa retirada, envolvendo-nos.

—¿Ha fôrças para o sul?

—Parece que o nosso 3.º exército retira em ordem de Kumanovo e em ligação com o 2.º

—Sigo com os meus homens em observação; servir-lhe-hemos de esclarecedores.

—Marcho na sua retaguarda.

—Adeus.

—Seja feliz.

Parti a galope. O fogo distanciava-se. Meia hora depois encontrei forças do 18 de infantaria em reserva, que não tinham intervido.

— Que houve? preguntei a um capitão, com a cabeça envolta em ligaduras.

— O cêrco de que o inimigo não desiste. Quer aniquilar-nos.

— Mas retirou?

— Retirou. A perseguição parece que é feita com fôrças pouco numerosas. O grosso do exército avança mais à retaguarda.

— ¿ A que fôrças pertence?

— A nenhuma organização tática. Abandonamos, um esquadrão do 7 e umas seis companhias do 31 de infantaria, Prichtina, sem sabermos para onde, como marchavam e com que objectivo, o restante da nossa 2.ª divisão. O major Savoff que apareceu por acaso, perdido na multidão que abandonava a cidade, tomou o comando e como havia ordem de retirar pela estrada de Prizerende, abalamos logo que vimos a impossibilidade de esperar mais tempo ordens que não chegavam.

— Ha fôrças do 6 na minha brigada... Foi ferido?

— Do 6?! E' talvez o 2.º esquadrão do meu grupo que não conseguiu reùnir-se-nos em Prichtina. Fui ferido em Braina. Coisa de pouca importância... as costas da mão esfarrapadas...

Chega ordem de retroceder.

Despedimo-nos e corto a direito pelo campo a apanhar a estrada mais adiante, seguido dos meus homens.

Encontrei na estrada a infantaria e o meu esquadrão apeado. Os cavalos marchavam mais adiante.

Segui para a frente ziguezagueando por entre os fugitivos que com dificuldade se afastavam.

Uma carreola e o cavalo que a tirava, atravancavam a estrada, caídos por terra.

Embrulhos, roupas, comestíveis, espalhados pelo chão.

Um grupo cercava o carrito, empregando esforços inauditos para erguer êste e o cavalo.

Baldados esforços. O animal jazia qùasi sem vida, esgotado pelas marchas e pela fome.

Segui para a frente; alguns passos andados um estalido sêco indicou-me que uma bala pusera termo aos sofrimenros do pobre animal.

Uma multidão cai em cima do cadáver para lhe aproveitar as carnes.

Ao lado da estrada, outro grupo cava com baionetas, paus e mãos uma cova, para um desgraçado que terminára ali tambêm a triste odisseia. Uma mulher jóven e formosa, abraçada ao cadáver, pede que a matem e a sepultem ali com êle.

Não ha arrancá-la do corpo gelado do marido.

Chega a morder, num acesso nervoso de desespêro, os que a seguram. Por fim arrastam-na. Desgrenhada, rasgada, voltada para trás, resistindo aos que a levam, chama em gritos ferinos, roucos de esfôrço, por um nome que mal se compreende.

Mais umas dezenas de metros.

Outro grupo.

Ajoelhado cerca o cadáver de uma menina, estendido no chão, sôbre um farrapo de manta.

Deveria ter oito ou nove anos.

Silenciosos, mãos postas, apertadas contra o peito, na atitude de resignação, dos que já não sentem a esperança de remédio para o seu atrós agonizar.

Parei, contemplando a desolação sem igual que se estampava naqueles rostos, vincados pelo sofrimento.

¡Que fundos sulcos não lhes deixavam as lágrimas pelas faces abaixo!

Olhos no céu, punhos cerrados, premidos contra a garganta, agitando-lhe convulsivamente o peito em solavancos desordenados, a catadupa de soluços que em silêncio procurava devorar consigo mesma, uma mulher ainda nova, trinta anos talvez. A mãe, sem dúvida.

A estátua da desolação, a imagem da dor que artista algum era capaz de traduzir no escopro ou no pincel, tão grande, tão desoladora, tão angustiosa se gravava no rosto dolorido da desgraçada criatura.

Apeei-me. Pedi-lhes que se afastassem, que era urgente caminhar.

Eu sepultaria a criancinha.

Levantaram-se como autómatos. Cabeça baixa todos, na mesma atitude a mãe.

Vi-os seguir quasi cambaleantes. Chamei dois soldados com a ferramenta dos sapadores.

Abri eu mesmo, com outro, a pequenina cova. Peguei no cadáver, beijei os cabelos loiros da pobresinha, embrulhei-o bem na manta e depu-lo cautelosamente no fundo.

Um dos soldados fizera uma cruz com dois galhos de árvore que pôs à cabeceira do minúsculo coval.

*

Pela tarde começou a nevar. O frio era intensíssimo.

De quando-em-quando, lá muito para a retaguarda ou sôbre os nossos flancos, ouvia-se o tiroteio.

O círculo em torno de nós avançava connosco.

A onda dos fugitivos que fôra rareando à medida que avançávamos, com os que caíam exaustos de fôr-

ças, com os que se extraviavam, com os que iam morrendo, com os que não podiam resistir a tais privações, aumentava agora de novo com a chegada de bandos enormes que desciam de Novi-Bazar, de Sienitza e de Mitrovitza.

Traziam a notícia desoladora de que os austro-alemães desciam em grandes massas para o sul, depois de ocuparem estas cidades.

Nós tudo ignorávamos. Isolados completamente das restantes fôrças, batíamo-nos com os olhos vendados, tendo apenas em vista retardar o avanço do inimigo, defendendo até ao último extremo o solo querido da Pátria.

Iam-se-nos os olhos para o sul, numa súplica muda, sempre à espera de ver um milagre que nos salvasse, débilmente esperançados ainda em que os aliados talvez chegassem a tempo se nós resistíssemos mais, resistíssemos sempre.

Noite de gêlo.

A neve caía abundantemente em farrapos enormes; atingia-nos já os tornozelos.

O grande lençol de neve cobria a perder de vista todo o campo, como mortalha imensa onde ia ser envolto o cadáver enorme da velha Sérvia.

Ao longe ribombava o canhão e em toda a linha do horizonte uma auréola avermelhada, nos mostrava onde acabava a terra e onde começava o céu, como se estivesse despontando uma colossal aurora boreal.

Era o incêndio que alastrava por todo o país, como parte mais indispensável do cortejo satânico dos generais búlgaros.

Paramos um instante a olhar êsse espectáculo estranho, silenciosos, depois abstractos, alheados do vai-vem que nos cercava, emquanto o clarão avermelhado

se nos ia transformando na longa fila de tochas de um imenso funeral em que a nossa alma ia a enterrar.

Despertei do torpor. Fomos seguindo a passo.

Covas escuras se abriam de quando-em-quando na brancura da neve.

Eram cadáveres dos que baqueavam na trágica odisseia da retirada sérvia.

Em uma, dois corpos enlaçados: um homem e uma mulher. A neve ia-os cobrindo, amortalhando no mesmo alvo lençol de morte em que ia escondendo aos nossos olhos toda a terra adorada da Sérvia.

¡Que dor! ¡Que mágoa imensa! ¡Que apertar do coração eu senti dentro do meu peito ao ver a desolação da enorme planície branca, ao pressentir o momento em que havia de ser estrangeiro, foragido em terra que não era a minha! Senti vontade de chorar e dei livre curso às lágrimas, aos soluços.

A manhã veio, como as outras, lenta, branca, fria...

Esqueletos de bois e de cavalos, mostravam-nos a fome, nossa companheira, arrancando aos cadáveres dos animais, a carne com que havia de prolongar o martírio dos que fugiam.

Do lado de Katcharnit começava a sentir-se troar o canhão, cuja voz potente nos chegava aumentando de momento-a-momento.

Era ininterrupto o canhoneio que ouvimos durante todo o dia e parecia apròximar-se de nós à medida que nos afastávamos.

Outra noute que cai, envolvendo-nos de novo no seu gélido manto de luto.

Descansamos uns momentos; alguns fugitivos encostavam-se aos nossos cavalos para se reanimarem com o seu calor.

Ouviu-se o canhão toda a noite.

Amanheceu outra vez.

Alcançamos uma longa fila de carros grandes que marcha vagarosamente na nossa frente.

Teem todos a bandeira da Cruz Vermelha.

Passamos ao lado.

Dentro, gemidos, gritos, ais, choros.

Leva feridos e doentes.

Vai quasi só guiado por enfermeiras e dois ou três médicos.

Muitas daquelas caminham a pé para dar o seu lugar nos carros aos fugitivos exaustos.

A ventania é furiosa.

Rajadas de neve cobrem-nos completamente e as pobres mulheres, envergando os seus amplos capotes brancos, encostam-se mais para os carros, para fugir à violência da tempestade.

O vento assobia lúgubremente nas raras árvores que encontramos e a marcha de tropas, de fugitivos, de animais, é retardada impacientemente pela ventaneira que faz redemoinhar em tôrno de nós avalanches de neve.

O canhão troa sempre.

Sente-se agora também ao norte.

¡O cêrco, sempre o cêrco, sempre o fantasma do assédio, da capitulação, da desonra que nos persegue por toda a parte!

Chegam mais fugitivos de todos os caminhos que entroncam na estrada.

Fogem aterrados.

Na fila dos que já vinham, estabelece-se de novo o pânico.

Fugir! Fugir!

Marginamos o Drina. Alguns quilómetros adiante, a ponte.

O terror apossa-se de todos. Todos correm, todos bradam que fujam!

—¿Mas o que ha?

Disponho os meus homens e mando um pelotão à descoberta.

Partem a trote. Momentos de impaciência...

Como o estalar prolongado de um trovão, uma descarga sôa a dois quilómetros, ecoando sinistramente pelas encostas do Drina.

Os búlgaros! Os búlgaros!

Uma onda de loucura se apossa de toda aquela gente que foge espavorida, repetindo o grito de terror — os búlgaros! os búlgaros!

Tudo se precipita arrastando carros e cavalos, de nada valendo as minhas exortações de prudência e as próprias disposições que tomei para fazer frente ao inesperado ataque do inimigo.

O pelotão recuára, apeára e avançava de novo, tiroteando com o inimigo e sustentado por outro que mandei em refôrço. Mas a debandada era pavorosa e ao estralejar do combate prolongado por alguns infantes que da retaguarda avançaram logo a sustentar os meus homens, vinha juntar-se o ruído fragoroso do Drina, precipitando-se convulsivo de rocha-em-rocha, sob a ponte de Prizerende.

O leito apertado do Drina, cavado no local a mais de 60 metros de profundidade, é um abismo onde as neves derretidas das montanhas veem lançar-se aumentando o caudal potente do rio que, sob a ponte de Prizerende, ruge ameaças em fúrias de leão raivoso espicaçado pelo ferro em braza do domador.

A ponte de madeira não terá mais de 40 metros, equilibrando-se em valentes sôbre as rochas num verdadeiro milagre de engenharia.

Numa vertigem de pavor, a turba lança-se para a ponte, que se atulha, oscila, treme, verga, sustenta-se algum tempo e por fim se desapruma, estala, desconjunta-se, esmigalha-se, precipitando no abismo, num grito arripiante, todos os desgraçados que a pejavam.

Recuam horrorizados os que ainda vão na estrada...

Num alto, sobranceiro à ponte, estabeleci-me defensivamente.

Somos 108 homens de cavalaria, e 39 de infantaria.

Resto eu apenas para comandá-los.

Abandonamos os cavalos e defendemos a posição até dar tempo a que os fugitivos pudessem passar três quilómetros mais ao norte em outra ponte improvizada.

Encolhidos nas rochas que oferecem óptimos abrigos, fazemos frente aos búlgaros que nos atacam furiosamente.

Fogo pela retaguarda dos búlgaros!...

São as nossas companhias de infantaria, que se haviam distânciado para a retaguarda e correm em nosso socorro.

Apanhado entre dois fogos o destacamento inimigo que viera a marchas forçadas com o objectivo de nos cortar a passagem na ponte do Drina, debanda em desordem, deixando bem patente na neve o preço por que pagou a audácia.

Mas não havia tempo a perder. O destacamento incomodar-nos-ia e era urgente atravessar o rio.

Sinto-me exausto.

Reuno os últimos recúrsos da minha vontade, da minha inergia e consigo colocar todos os fugitivos na outra margem pela ponte improvizada ao norte da que abatêra.

O comboio da cruz vermelha é o último a passar.

Atravesso depois, com o meu bravo e disimado esquadrão.

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

Sinto-me abater.

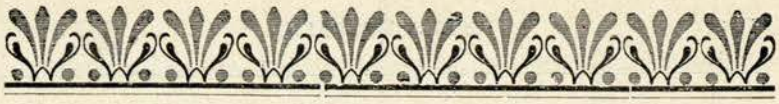
Não póde mais, a mais esforçada inergia e valentia, quando se atravessa a pátria numa retirada sangrenta como a nossa, sempre de resistência em resistência, de desilusão em desilusão, de desastre em desastre, de derrota em derrota,— a mais bela página da nossa história! — para por fim se sentir isolado, só, desconhecido, abandonado em terra de exílio.

Vou pedir um lugar nos carros das ambulâncias.

Os meus nervos, o meu organismo, o meu cérebro, a minha alma não podem mais.

Adeus, Sérvia! ¡ó Pátria idolatrada a quem não mais tornarei a ver! Sinto a ambição de morrer contigo, já que não pôde salvar-te o sacrifício de tantos que deposeram a vida no sacrossanto altar da tua Liberdade. Mas sinto o império do Dever que me ordena que não abandone os bravos que comigo procuraram defender-te até ao último extremo.

Sinto que a cabeça me estala, que se me esmaga o peito sob o pêso da dor imensa de te abandonar sem poder salvar-te, e, entre a mágoa sem remédio de perder-te e o Dever de me arrancar à volúpia de me sentir amortalhar sob a tua terra bemdita, eu não sei se a loucura virá antes, apagar-me nos olhos, esbater-me na memória o teu nome idolatrado de Mãe e o meu orgulho inegualável de ser teu filho.



XI

A maior dor humana

A minha espôsa, Maria José Brito e Beça

HAVIAM-SE casado ha pouco ainda e adoravam-se, essas duas criaturas para quem o céu parecia tão risonho e a quem o destino marcára todavia uma tão curta existência.

Ela tinha uns vinte anos apenas. Alta, franzina, delicada, um rosto oval branco de neve, emmoldurado nuns formosíssimos cabelos acastanhados, era, sem possuir o que se chama uma verdadeira beleza, uma das mais lindas raparigas da sua aldeia, que à fragilidade do seu organismo, aliava a doçura do seu coração, a delicadeza dos seus sentimentos, a candura da sua alma.

Chamava-se Camila e um dia, loucamente enamorada, entregára-se finalmente de alma e coração ao moço, vizinho dela, que soubera captar-lhe a simpatia e a quem êle tambêm elegêra como rainha no altar da sua alma.

Êle, empregado nos caminhos de ferro, era um rapaz forte, espadaúdo, esbelto, trabalhador, honesto, leal, co-

ração aberto a todos os grandes sentimentos e tendo, na rudeza da sua pequena ilustração, compreendido que a noiva que Deus lhe deparára, era como a roseira delicada e frágil a quem o destino dava um esteio seguro para a amparar e proteger. Tinha uns 25 anos e chamava-se José Lourenço de Queirós.

Pouco tempo se namoraram, e os dois viviam venturosos na sua casinha modesta, muito caiada, muito branca, toda cercada de roseiras, de trepadeiras, de dálias, que a Camila tratava com o maior desvelo.

A existência do feliz casal decorria suave e côr-de-rosa, entre o cumprimento dos deveres profissionais do marido, sempre impaciente pela hora do regresso ao lar e a ansiedade da espôsa, procurando no lavor da casa o esquecimento do tempo que estava separada dêle, para correr ao seu encontro numa louca expansão de beijos e de carinhos, como criança amimada que só de carinhos vive.

Um dia, porêm, a serêna existência dêsse lar todo amor foi vigorosamente abalada, e a alegria, a ventura, a felicidade, o sorriso constante de duas almas que só viviam para sorrirem uma para a outra, apagaram-se para sempre e a alegre casinha, o ninho florido dêsse par sempre noivo, reflectia também a transformação por que haviam passado os seus habitantes.

José Lourenço recebêra abruptamente ordem para se apresentar no regimento a que pertencêra e que ia marchar para a França. O organismo delicado de Camila não pôde suportar o golpe e a pobre rapariga, desbotadas as faces que só a ventura da sua felicidade còravam, caíu num abatimento profundíssimo a que nem as suas débeis forças podiam opor-se, nem ela fazia por reagir.

Tentou ainda iludi-la o marido:

— Ia de prevenção para Lisboa; era possível aìnda ficar; seria talvez até o mais certo.

Camila não se deixou iludir e a despedida forçosa daqueles dois entes que se adoravam, tão estreitamente unidos, foi como o despedaçar de duas almas fundidas numa só e que por isso não poderiam resistir à violenta amputação.

¡Pois se os dois apenas tinham uma só alma!

Dividi-la era matá-los.

*

* *

Chegou o dia da partida.

Camila escondia as suas lágrimas por todos os cantos para não fazer sofrer o espôso da sua alma; tentava até fazer subir aos lábios o seu sorriso de outr'ora sem que conseguisse iludi-lo.

— Tu sofres, minha Camila!

— Não! Mas tenho tanta pêna que te vás agora!

E os lábios tremiam-lhe a sustar as lágrimas que teimavam em vir molhar-lhe o rosto que ela escondia no seio do marido, arquejantes os dois, a sufocarem de soluços que ambos procuravam reprimir na angustiosa dor de se iludirem um ao outro.

— Isto não é nada! Isto passa.

— Sossega. Eu hei-de voltar... Talvez que até nem chegue a partir...

— Talvez... Talvez... Oxalá...

Concluía a desditosa, a sumirem-se-lhe as palavras, qùasi a desfalecer, encostada ao peito do marido.

*

* *

.....

—Até à vista, Camila! Até à volta, amor!...

—Adeus, José! Não torno a ver-te...

Um silvo da locomotiva, o resfolegar brutal do monstro de ferro e o pobre militar partia para longe pagar à pátria o seu tributo de sangue.

Um último beijo que lhe atirou aìnda, e a trista tombou como uma massa inerte nos braços das amigas que a acompanhavam.

A casinha branca da Camila transformára-se em poucos dias.

A triste, esquecêra as suas flores sempre viçosas, as suas janelas sempre abertas, o seu sorriso tão comunicativo, a alma de todo aquele ninho de amor e as flores secaram, as janelas nunca mais se abriram e o seu sorriso tão meigo, tão bondoso, apagou-se para sempre nos lábios descòrados da desventurada espôsa.

Triste e só, escondia-se com as suas lágrimas e as suas saùdades, fugia de que a vissem, de que lhe falassem, para poder chorar à vontade a saùdade imensa que a consumia e que dia-a-dia a mortificava mais.

Recebeu as primeiras cartas. Em vez de lhe mitigarem o sofrimento da sua qùasi viùvez, mais lhe exacerbaram a nostalgia do espôso, avivando-lhe a saùdade dos momentos ditosos passados junto dêle na retribuìção mútua dos seus afectos e do seu amor.

Poucas semanas volvidas a pobre da Camila não parecia a mesma.

As faces encovadas e macilentas, os seus lindos olhos amortecidos, sem brilho e sem calor, sempre marejados de lágrimas; corcovára um pouco o dorso franzino, custando-lhe qùasi a conservar-se de pé.

No entanto o antigo ferro-viário batia-se nas trincheiras da Flandres como um valente e com os olhos d'alma

postos no rincão da sua Pátria, onde deixára o seu maior afecto, só esperava o tempo necessário para obter a licença regulamentar que lhe permitisse vir a Portugal estreitar ao peito a espôsa estremecida, saciar emfim num prolongado beijo as saùdades imensas da sua adorada Camila.

O valente soldado batêra-se já durante nove mezes como um leão e a almejada licença é-lhe concedida finalmente.

Parte imediatamente para Portugal e com tanta mais impaciência quanto ha já tempo não tinha notícias dela e as suas últimas cartas repassadas de saùdade e de tristeza, lhe confessavam «que se sentia abatida e doente, que morria de saùdades, que já não tinha lágrimas para chorar... que não podia mais... que não sabia se poderia resistir até ao fim do seu doloroso martírio. Sentia-se morrer lentamente e receava que êle não chegasse a tempo de lhe dar com a luz dos seus olhos, com o calor dos seus beijos, a vida que lhe fugia».

O pobre moço nem por um momento pensou que as cartas da espôsa, tão repassadas de dolorosa ternura, fôssem uma aproximação sequer da verdade, mas impacientava-o a última falta de notícias.

— Como lhe disse que ia, talvez não escreva por isso — desculpava êle.

E partiu para Portugal.

*

* *

A comoção que agitou o denodado militar, ao transpor de novo a fronteira da sua Pátria, não ha palavras com que se descreva, mas essa alegria, essa ansiedade,

essa impaciência de chegar de-pressa como que o assustava, sobressaltava-o.

Queria chegar de-pressa e arripiava-se de ver a velocidade do comboio que o levava para a sua terra por que ansiava e onde lhe parecia ter receio de chegar, emfim.

E à medida que o rápido do Douro o apròximava do Marco, sentia que se lhe apertava o coração, sentia suores frios e irritava-se consigo mesmo por esta contradição inexplicável que o fazia impacientar por chegar de-pressa e não chegar nunca; que o irritava por que o comboio não chegava ao seu destino e porque marchava tão velozmente.

Mas, emfim, na sua rápida carreira, o tempo voava com a locomotiva e o José Lourenço chegou por fim ao berço seu natal onde anseava estar ha muito e onde ao mesmo tempo receava entrar.

Na *gare* multidão de amigos, de conhecidos, de vizinhos.

Circunvagou olhares ansiosos por sôbre a multidão que aguardava silenciosa e triste. Todas as caras conhecidas, todos os rostos amigos ali estavam, só faltava o da espôsa, o da sua Camila, que era a primeira que êle quisera ver e que não viera esperá-lo, a êle que nela pensava dia e noite, que para ela só vivia, que por ela só viera.

E a espôsa, a sua adorada espôsa, a luz do seu olhar, a alma da sua alma, o seu amor, não viera, não estava ali, não quisera ser a primeira a aparecer ao bravo soldado, em terra da Pátria, a oferecer-lhe o seu seio amante para mitigar-lhe as saùdades das suas campinas, da sua aldeia e da mulher amada.

Abraçou uns, abraçou outros, apertou a todos, para todos olhando ansioso, no rosto de todos procurando

ler a explicação da estranha ausência de sua espôsa, com mêdo de preguntar, de saber a verdade, de ter emfim a explicação daquele receio de chegar, daquela dolorosa ansiedade de querer chegar de-pressa sem chegar jàmais.

—¿E a Camila?—arriscou por fim.

Ninguêm respondeu à pregunta medrosa do triste ferro-viário e o grupo encaminhou-se para a casinha do soldado que êle encontrou vasia e abandonada.

Camila, a espôsa do desventarado militar, não pudera resistir ao abalo da partida do marido; a sua organização delicada e sentimental não pôde suportar a tristeza do isolamento e finára-se de saùdades, longe do seu José, sem os carinhos do seu espôso que adorava com toda a sua grande alma de mulher, longe do seu amor, triste e só no isolamento da sua casinha tão alegre, tão cheia de flores, e de que ela foi a última rosa a emmurchecer.

O abalo causado no infortunado espôso foi tanto mais violento quanto mais estranha foi a aparente serenidade com que recebeu a fatal notícia.

Mergulhado na sua dor pediu que o deixassem só e momentos depois dirigiu-se pela rua mais escusa ao cemitério da aldeia.

Guiou-o o coveiro à campa da desditosa Camila, a quem a sua grande alma matára, tão nova aìnda, e então a sua dor foi maior que as suas fôrças.

O alentado moço sentiu-se vergar, cambalear e foi encostado ao coveiro que ajoelhou sôbre a terra aìnda húmida, coberta de flores que lhe escondia para sempre o mais puro afecto da sua alma, o único amor da sua vida.

Cruzou as mãos violentamente apertadas sôbre o peito, como a conter o coração, que parecia saltar-lhe

com soluços; esteve assim longo tempo; depois murmurou:

—Senhor! Senhor! ¿por que m'a roubastes? ¿por que a matastes?

O coveiro assistia com os olhos razos de água a esta scena de dor.

Fez um movimento de cabeça para se abstrair à comoção e escondeu por um instante os olhos húmidos no seu lenço de côr.

Repentinamente um estampido sôa junto de si e, voltando-se rápido, encontra o valoroso soldado, que não tremêra nunca diante das baionetas inimigas, estendido de bôrco sôbre a sepultura da espôsa, tendo aìnda apertada na mão a coronha da pistola com que se aniquilára.

Agarra-o pelo peito, chama-o, volta-o; respira aìnda.

No sitio onde o peito batêra, a terra estava ensopada em sangue.

Chama-o de novo; grita por socorro. Não responde.

Do peito, à altura do mamilo, saía-lhe um fio vermelho de sangue; a bala varára-lhe o coração.

XII

O Blockhaus de Neuve-Chapelle

Ao coronel de infantaria Augusto César de Madureira Beça.

A resistência dos alemães na frente inglesa era formidável e ha tempo já que os soldados de Jorge V não tinham ensejo de se assinalar num brilhante feito de armas.

Sôbre a frente francesa a luta era constante e, passo-a-passo, em assaltos irresistíveis, em *corps-à-corps* furiosos, em cargas assombrosas de lendária heroïcidade e de épica valentia, os soldados franceses iam pouco-a-pouco expulsando o inimigo comum do território que pisava.

Entre La Bassée e La Lys, os ingleses, auscultando-as insistentemente, na ânsia de se baterem também, de mostrar que a sua coragem, a sua valentia, o seu patriotismo nada deve aos seus camaradas do continente, encontram finalmente a 12 de Março o ponto vulnerável das linhas inimigas e sem hesitação, lançam-se ao assalto numa carga irresistível a que os ale-

mães teem de ceder impotentes para deter o avanço dos soldados ingleses no seu arranco sôbre as suas trincheiras.

A carga é irresistível.

Os ingleses avançam contínuamente esmagando todas as fôrças que ousam tentar deter-lhes a gloriosa marcha.

Urge preparar a defesa à retaguarda para deter a onda que ameaça causar nas linhas teutónicas estragos irreparáveis. Dois ou três kilómetros à retaguarda, a aldeia de Neuve-Chapelle. Fortificam-se os alemães, transformam as casas em pequenos redutos, abrem-lhes sèteiras, guarnecem-nas poderosamente e esperam aí a chegada dos seus temíveis adversários.

Mais à retaguarda, numa colina em rampa escalvada, um chàlé acastelado de muros espessos e sólidos, dominando a povoação e toda a região adjacente.

Rápidamente, os alemães abrem-lhe fossos largos em tôrno, protegem-no com grossos muros de sacos de areia, sèteiram-no até ao telhado, guarnecendo-o de metralhadoras e de canhões de tiro rápido. O elegante castelo de recreio está em poucas horas transformado numa fortaleza a valer, num *blockhaus* formidável.

Entretanto os ingleses avançavam sempre.

As defesas de Neuve-Chapelle são atacadas com o mesmo entusiasmo que as trincheiras anteriores; as primeiras casas são abatidas a tiros da sua artilharia ligeira e as outras, assaltadas uma a uma, são sucessivamente tomadas e a aldeia, após encarniçado combate, fica por fim em poder dos filhos da grande Albion.

Mas estes não param e na sua frente estende-se agora a rampa do *chateau* e lá no alto, vomitando fogo, o formidável *blockhaus* em que os alemães o transformaram.

Suspendem os atacantes um momento, surpresos da situação, como para observar a responsabilidade da emprêsa.

E' ao regimento de Midlessex que incumbe o assalto da temível posição e, sem vacilar, sem hesitar um momento, lança-se ao assalto numa correria doida, as armas em suspensão, as baionetas brilhando sob o sol ardente dêsse memorável dia 12 de Março de 1915.

Do *blockhaus,* porêm, a metralha varre a encosta por onde sobem a descoberto os bravos de Midlessex.

A morte ceifa-os às dezenas; a subida é longa e o castelo parece um incêndio vomitando fogo por toda a parte.

Numa dobra do terreno o regimento abriga-se um momento.

Por sôbre as suas cabeças sibila a fuzilaria como uma verdadeira cortina de aço.

O imprudente que tente erguer-se cai morto.

A situação é terrível e insustentável.

Retirar era uma covardia, avançar era morrer.

Num momento os sapadores do regimento arreiam as suas mochilas e mesmo deitados cavam rapidamente a primeira trincheira, baixa ainda, mas o bastante para começarem outro trabalho de sapa para a frente, mais profundo, em zig-zag.

São duas, são três, são seis, são dez minas que avançam para o *blockhaus* rápidamente, como dez serpentes zigzagueando na planície.

Percebem-nas os de dentro e sentem com horror o fim que os espera.

Metralham a trincheira que avança em colubritas rápidamente. Em vão.

O terreno esboroa-se aqui e ali, mas o avanço prossegue.

Chegam emfim aos sacos de areia, furam-nos, atingem os alicerces da construção e encostam-lhe cuidadosamente as cargas de dinamite.

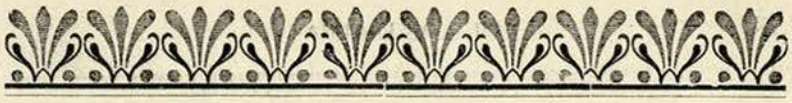
Os próprios sacos de areia que serviam aos prussianos para a defesa, servem agora aos ingleses para o ataque.

Tudo pronto.

O *blockhaus* continua a vomitar metralha; os das trincheiras, agachados, esperam o momento do assalto; na retaguarda um batalhão de carabineiros irlandeses para reforçar o regimento de Midlessex tão duramente experimentado.

No meio do crepitar da fuzilaria que continua, um toque de clarim vibra como um prenúncio de morte, e ao mesmo tempo, nos alicerces do castelo, a dinamite deflagrando, explodindo, abala a construção que se fende, se desapruma, se esbarronda, sepultando nos escombros entre nuvens de fumo e de pó quasi todos os seus defensores.

O regimento de Midlessex lançando-se então ao assalto das trincheiras avançadas do castelo, conclue com o aprisionamento de toda a sua guarnição a brilhante vitória de Neuve-Chapelle, que lhe fez cair nas mãos entre os dias 10 e 12 de Março, cêrca de 3:000 prisioneiros, e em que êle principalmente se cobriu de glória.



XIII

A Feiticeira de Crignols

A' Ilustre escritora e delicada poetisa,
Ex.ma Sr.a D. Luthegarda de Caires.

PAULO e Lena amavam-se desde crianças, desde que a sua educação começou quàsi paralelamente, entre a franca amizade de duas famílias que se estimavam.

Amaram-se sem o sentir e o primeiro rebate dos seus corações só o notaram quando, num regresso de férias, os dois se sentiram còrar, ao lançarem-se correndo nos braços um do outro.

Só depois é que ela reparou que Paulo já não trazia calção, ao mesmo tempo que se esquecêra também de que ela já não usava as saias pelo joelho.

Os pais enlevavam-se no parzinho encantador dos filhos, quando os viam pelo jardim, como dois irmãos, correndo, brincando, jogando-se flores e beijos, na pureza ideal das suas almas sem mancha, beijos como só sabem dá-los os que se amam como êles se amavam, beijos inocentes, beijos puros, em que só entrava o aroma dos lábios e o arfar do coração.

Anos volveram.

Paulo havia entrado na Escola de Saint-Cyr e com cêrca de 23 anos, devia concluir nesse Junho o curso que o promoveria a *sous-lieu-tenant*.

Madalena, ou antes Lena, como lhe chamavam, tinha 19 e era aìnda a mesma criança simples e ingénua como no primeiro dia em que a fez còrar na *gare* de Bagneuls o beijo habitual do estudante, no seu regresso do liceu.

Mignone, franzina, estatura esbelta e delicada, corpo flexível e ondulante como um vime que oscila sob a pressão da aragem, olhos rasgados, muito vivos, muito expressivos, branca de neve, o cabelo de um loiro doirado que lhe formava como que uma auréola em tôrno da galante cabeça, Lena, dir-se-ia um anjo que descesse do céu à terra, onde mal parecia pousar os pés pequeninos quando andava.

O enlace dos dois enanamorados jóvens devia realizar-se logo após a promoção do nosso *san-cyriano*, que se encontrava em férias de Páscoa quando começa o meu episódio.

A alegria e felicidade de Lena não tinha limites, mas de-vez-em-quando, o seu olhar tão franco, tão vivo, onde transparecia toda a ventura que lhe ia na alma, tomava de repente uma expressão de vaga tristeza, de dolorosa preocupação e não raro duas lágrimas teimavam em aflorar às suas pálpebras de veludo, que só com grande esfôrço as não deixavam deslizar pelas faces de onde a linda côr rosada tentava também fugir.

Paulo não dava limites à sua preocupação, rodeando a noiva de carinhos e atenções.

—¿O que tens, Lena?

—Não sei. Veem-me às vezes pensamentos tão tristes...

— Que loucura! a dois dias da nossa felicidade. Atira para longe os teus pensamentos tristes e afoga no meu olhar ansioso, o teu olhar tão meigo, que é toda a vida do meu.

— Foi um pressentimento mau. Se soubesses o que me passou pela cabeça... Olha, só me dá vontade de chorar.

— Vamos, sossega e conta-me o teu pressentimento.

— Não, não é nada. Tolices. Não falemos mais nisto.

— Pois bem, não falemos, ¿mas prometes-me não tornar a consentir essas ideias, que entristecem o teu olhar, que sobressaltam o teu coração, que descoram os teus lábios?

«Eu quero sempre no teu olhar a vida que o meu lá vai beber; quero no teu coração o plácido palpitar do nosso amor; quero nos teus lábios a linda côr vermelha que os meus beijos nêles deixam, Lena.

— Oh, bravo! Dir-se-ia que vais fazer-me versos! E eu gosto tanto de versos!...

«Mas já passou tudo. As tuas palavras apaixonadas devolveram-me a felicidade por momentos apenas suspensa. Já não é nada. Já lá vão os maus pressentimentos. Naufragaram no mar encapelado do nosso amor. — E acrescentou com gaiata atitude:

— Poesia com poesia se paga, sr. Poeta.

Mas Lena continuou um tanto abstracta, como se a preocupasse uma ideia qualquer.

Paulo saíu pouco depois, ficando de voltar no dia seguinte, não deixando todavia de o impressionar também a preocupação, que não lhe passou despercebida, de Lena.

Ou distraídamente, ou intencionalmente, Paulo voltou nessa tarde ainda a casa da noiva, onde lhe disse-

ram que Lena saíra a dar um passeiosinho, pois tinha estado todo o dia bastante agitada e nervosa.

Saíra com a preceptora, que ficára em casa depois de completar a sua educação.

—¿E para onde iriam?—preguntou impaciente e apreensivo.

—Para onde foram não sei; mas elas saíram pela porta do jardim.

Paulo dirigiu-se ao jardim, onde o hortelão lhe disse que as vira tomarem para os lados da estrada de Crignols.

—¿Saíram ha muito?

—Ha meia hora talvez.

—O jóven cadete partiu na direcção indicada, mil pensamentos a revolverem-lhe o cérebro e relembrando um-a-um todos os episódios da manhã, a agitação de Lena, a sua distracção, a fórma quasi comprometida como se despedira dêle, todos os mais pequenos pormenores a que ia dando já vulto e exagerando a importância no seu cérebro escandecido.

E preguntava a si próprio:—¿O que quererá dizer tudo isto?!...

Caminhava apressadamente monologando a meia voz, quando as primeiras casinhas da aldeiasita de Crignols se lhe depararam e lá ao longe, ao fundo da estrada, que era também a única rua da povoação, lhe pareceu ver dois vultos dobrar a esquina duma casa e desaparecer rápidamente do lado direito da estrada.

Paulo deitou a correr e pouco depois voltava a mesma esquina onde os vultos se sumiram.

Quarenta ou cinquenta passos adiante de si Lena e a preceptora batiam à porta duma casita mais do que modesta e a surprêsa das duas ao verem Paulo foi enorme.

Lena, pregada ao chão, não sentiu fôrças para se desculpar.

A preceptora sentia que lhe faltava o terreno sob os pés.

— ¿Que quer isto dizer? — preguntou friamente Paulo.

— Perdoa-me, Paulo, não resisti à tentação...

— À tentação... mas...

Nesta ocasião a porta da casita entreabriu-se e uma vaga figura de mulher a confundir-se com a escuridão de dentro, preguntou em voz velada:

— Que desejam?

— ¿Mas isto que é?

— A bruxa de Crignols, Paulo. Perdoa-me. São as minhas apreensões, são os meus pressentimentos, são os meus sonhos maus que me trouxeram até aqui. Perdoa-me, meu Paulo.

Paulo sentiu-se vacilar entre a censura, o perdão e a própria curiosidade do que seria uma bruxa, a famosa feiticeira de Crignols, de que tantas vezes ouvira falar, e que nunca vira.

A voz da velha, preguntando de novo o que queriam, tirou-o da perplexidade, ao mesmo tempo que Lena respondia:

— Ouvi-la.

O vulto olhou por momentos o parzinho cuja silhueta se cortava nítidamente na luz mortiça daquele cair lento de tarde e abriu por fim vagarosamente, dizendo:

— Podem entrar.

Muito aconchegada ao noivo, Lena e Paulo entraram na baiuca da velha, uma pequena saleta mal iluminada por uma candeia de azeite.

Lena circunvagou os olhos em tôrno, nada vendo de estranho por que a pequena quadra se diferençasse

de qualquer repartição de casa pobre de aldeia. Mas o seu espírito obsecado fazia lhe ver já monstros e fantasmas pelos recantos escuros da saleta, cabeças de diabos saindo detrás das arcas ou espreitando por debaixo das mesas.

Paulo pressentiu-a apavorada pela fôrça com que se lhe agarrava ao braço e se encostava a êle, e sossegou-a.

A bruxa era uma vèlhota corcovada, de olhar penetrante e luminoso, mas sem o aspecto repelente que geralmente se liga a estes entes abjectos.

—¿Que desejam, pois?—preguntou em voz já trémula. ¿Estão para casar, pois estão? Deus os faça felizes, mas vejo tão perto a tempestade...

Lena lançou um rápido olhar de espanto para o noivo e aconchegou-se mais ao seu braço protector.

A velha ficou um momento calada; parecia concentrar-se, encolher-se. Depois disse:

—Vejo bem a capela do teu noivado. É pequenina e linda; muito branca, com muitas flores; de cada lado tem um cipreste.

«Ao longe acastelam-se nuvens, que avançam rápidamente. Ouço já o trovão, e os relâmpagos cortam o espaço por todo o horizonte. É a tempestade que se apròxima.

—¿E que significa essa tempestade?—preguntou Paulo à bruxa.

—Que desaparecerás para salvar a França, com tantos outros, no turbilhão que ela vai levantar.

Lena deu um grito, agarrando-se nervosamente ao noivo e exclamando:

—Não! Oh! não! Tu não desaparecerás, Paulo!

—Vamos, sossega! Isto não tem valor algum. Vamos embora. Pois tu crês em bruxas?

—Não sei o mal que esta mulher me fez; não sei se creio, se não.

— ¿Que loucura foi esta de vir aqui?

— Nem sei, mas tenho tido pressentimentos tão horríveis...

— Vamos. Junto de mim que só de ti bebo a vida, amparada no meu peito, onde um coração só bate por que bate o teu, ¿ porque não has-de robustecer na minha a tua felicidade e andas a procurar por tuas próprias mãos a desventura que te fere a vida, a tristeza que te empana o olhar?

— Tens razão; eu nem sei porque me deixo arrastar por estas ideias tristes, mas às vezes não sou superior à acção que sôbre mim exercem os pressentimentos que me assaltam.

Vinham os dois caminhando vagarosamente pela estrada.

O sol declinára no ocidente e a luz opalina da tarde ia dando aos campos aquele ar recolhido e triste do crepúsculo, aquele aspecto sentimental e religioso dos poentes sôbre a natureza a adormecer.

O sinosito da tôrre da igreja de Crignols bateu lentamente as Avè-Marias, cujas badaladas sonoras e plangentes se perderam em ritmos da sua voz moribunda, pelas quebradas do vale.

Próximo, uma rapariguinha que passava num caminho escuso da aldeia, cantou numa toada triste, em que parecia transparecerem lágrimas:

Minha mãe quando eu nasci
Olhando p'ra mim chorava,
Por não saber, coitadinha,
A sorte que Deus me dava.

— Ouviste? exclamou Lena baixinho para o noivo.

— Sim, ouvi, é bonitinha a voz da rapariguita, mas tem ar de triste,—respondeu êle, como que não entendendo a intenção da pregunta.

— O meu coração palpita-me desgraça. ¿Sabes qual é a capelinha que a feiticeira viu onde iamos casar?

— Não, não sei.

— E' o nosso mausoléu, do cemitério de Bagneuls.

— Mas que loucura, Lena! ¿O que foi que te pôs nesse estado de superstição e de terror?

Ao longe a voz maviosa e triste da rapariga começou a ouvir-se e Lena exclamou:

— Escuta.

E a voz cantou assim:

Chorava ela por mim
Não sei porquê, chorei eu,
Parece que adivinhava
A sorte que Deus me deu.

— Vês? ¿Não é o que eu te digo?

Paulo concentrou-se tambêm sob a má impressão do que êle a si-próprio chamava meras coincidências, e quasi sem trocarem mais palavra, chegaram já noite a casa, onde os esperavam impacientes.

*

* *

Um mês depois, Prinzip assassinava em Serajevo o arquiduque herdeiro da Áustria. Em Julho esta enviava à Sérvia o seu *ultimatum* e pouco depois declarava-lhe guerra.

Os acontecimentos precipitavam-se e Paulo recebia em Saint-Cyr a seguinte carta da noiva:

«Querido Paulo:

«Não sei que fatalidade pesa sôbre mim que nem o doce lenitivo das tuas cartas tão animadoras consegue arrancar-me a esta apreensão que me esmaga e me tira a vida.

«Sinto-me abater sob a pressão desta ideia que me mata e que nada é capaz de afastar de mim.

«O meu coração chora por ti, mas o meu pensamento não abandona esta obsessão do que nos reservará o futuro que vejo tão nublado diante de nós.

«¿O que sucederá com o que vai por toda a Europa?

«É a tempestade que se apròxima! A velha tinha razão!

«¿Lembras-te do canto da rapariguinha? Nunca mais o esquèci:

Minha mãe quando eu nasci,
Olhando p'ra mim chorava,
Por não saber, coitadinha,
A sorte que Deus me dava.

«¿Qual será a minha?

«Ir noivar, certamente, na capelinha branca do cemitério de Bagneuls, para onde levarei de ti apenas o nome que ha tantos anos escrevi no meu coração.

«Aspirações, sonhos, esperanças, ideais que juntos acalentámos e juntos vimos crescer, a que juntos demos calor, vida, aroma, tudo fenecerá sob a predição maldita da velha que com tão segura mão traçou o meu destino.

«¿Porque deveria ser eu tão desgraçada?

«Sinto-me hoje excitadíssima. A voz da bruxa não me sai dos ouvidos e vejo constantemente nuvens pesadas e negras no horizonte, que, todavia, o sol lindo da nossa terra doura e ilumina.

«Termino por hoje. Escrever-te-hei àmanhã carta mais longa.

«Beijo-te com toda a minha alma.

Tua, *Lena.*»

*

* *

No dia seguinte ao da recepção desta carta Paulo era incluido na famosa *Promoção da Luva Branca,* e partia para Bagneuls a despedir-se dos seus.

Oito dias depois os exércitos alemães pisavam terra francesa e Paulo encontrava-se já na fronteira encorporado no batalhão 56 de caçadores alpinos.

O que foi a despedida dos desventurados noivos não é fácil descrever-se.

Paulo só conseguiu desprender-se dos braços da sua prometida quando a síncope veio coroar a sua dor imensa, muito superior às suas fôrças.

A pobre menina ficou doente, exclamando ao voltar a si: — É a tempestade que chega; é o meu noivado na capelinha branca do cemitério de Bagneuls que se apròxima.

Entretanto os alemães prosseguiam no seu avanço sôbre Paris, até que a primeira batalha do Marne os atirou d'escantilhão para a fronteira e a acção formidável da artilharia francesa os obrigou a enterrar-se no solo, para poderem resistir-lhe.

Era a guerra de trincheiras que começava.

Paulo escrevia com regularidade, mas a pobre Lena não podia conformar-se com o seu forçado e tão prolongado afastamento e a sua organização franzina e delicada começava a ressentir-se da profunda tristeza de que nada conseguia arrancá-la.

Lena era como aquelas delicadas flores de estufa que a falta do calor ambiente estiola e mata rápidamente. Loucamente apaixonada pelo seu noivo, só o seu imenso amor era a razão de ser da sua vida e Paulo, como que o sol que lhe aquècia a existência.

Mas a intensificação da campanha cujas linhas de batalha se prolongavam já da Suíça ao Mar-do-Norte, iam tornando as cartas de Paulo mais irregulares, mais espaçadas e mais pequenas.

Lena sofria em silêncio, mas os vestígios do seu sofrimento iam deixando de dia para dia mais profundos sinais no seu débil organismo.

A guerra prolongava-se, as cartas de Paulo eram cada vez mais raras e a desditosa sentia-se definhar longe do noivo a quem escrevia páginas dolorosas repassadas da angústia do seu viver longe dêle, no sobressalto contínuo de não tornar mais a vê-lo, roubado ao seu amor por alguma bala inimiga.

As cartas de Lena chegavam sempre ao seu destinatário com a tinta espalhada e meio apagadas as palavras, das lágrimas què a triste noiva sôbre elas chorava ao escrevê-las.

Paulo animava-a com a promessa de uma próxima licença que não se atrevia a pedir na grave conjuntura que atravessava a defesa da sua Pátria.

Colocado entre o amor da noiva e o amor da Pátria, Paulo sofria tambêm, sabendo-se o culpado dos sofrimentos de Lena, receoso de retirar ao seu país, à França, o concurso da sua acção, da sua energia, dos seus recursos de chefe já diversas vezes postos em destaque e louvados nas ordens do seu batalhão.

Colocado entre o amor e o Dever, Paulo tinha horas horríveis de que só conseguia libertar-se lançando-se nos *raids* das *terras de ninguêm,* nas ciladas e surprê-

sas às trincheiras inimigas para que tinha um especial génio organizador.

Um dia chegou em que a carta de Paulo se demorou mais que de costume.

Lena sobressaltou-se e a sua exaltação aumentava à medida que novos dias passavam sem notícias.

Tudo isto a abatia mais e a pobresinha sentia que não podia resistir se tal situação se prolongasse muito.

Por fim, a carta veio. Quàsi três semanas sem notícias, a algumas horas de comboio, apenas, do noivo estremecido.

Dizia assim:

«Minha adorada Lena:

«Posso emfim dar-te notícias minhas, depois de um interregno forçado de vinte dias.

«Perdoa-me se te fiz mal.

«Estou ainda no hospital de ....., onde me trouxeram dois ferimentos no último ataque dos alemães a Douaumont.

«Foram os primeiros que recebi e bem os digo: o forte continua em nosso poder.

«Foi um horror!

«Eu encontrava-me com o meu batalhão em P., na primeira linha, quando se deu o formidável bombardeamento, a que toda a resistência seria inútil.

«Era um dilúvio de granadas de todos os calibres, rebentando por toda a parte fragorosamente, destruindo, esfacelando tudo, abrigos, trincheiras, redutos, e abrindo no terreno covas como crateras de vulcões.

«Mortos e feridos caíam a cada passo e os nossos maqueiros, em rasgos de abnegação como nunca vi, procuravam salvar os que tombavam, caindo êles próprios também para nunca mais se levantarem.

«Por toda a parte se resistia furiosamente aos alemães que avançavam já ao assalto.

«Tivemos de recuar.

«Numa cova de morteiro, um capitão, sòsinho, vi fazer frente a um batalhão, manobrando uma metralhadora com a serenidade dum santo!

«O batalhão inimigo teve de ser reforçado para vencer a colina onde o bravo oficial resistiu até ao último cartucho.

«Caíu prisioneiro.

«Retiramos assim, em ordem, a princípio, mas as barragens obrigaram-nos a fraccionar-nos e a breve trecho cada um procurava como podia sair daquele inferno.

«Foi nesta ocasião que me atingiu no peito o segundo estilhaço duma granada que rebentou a trinta ou quarenta metros à minha frente.

«Caí, quàsi a perder o acôrdo de mim, mas o horror da situação deu-me alento para reùnir as minhas fôrças derradeiras e fui-me arrastando como pude, procurando com a mão e com as próprias roupas estancar o sangue que mas ensopava.

«Andei assim alguns centos de metros, e fui por fim cair exausto junto de uma maca de rodas, abandonada, onde senti gemer.

«As fôrças abandonavam-me pouco-a-pouco; começava a anoitecer; o bombardeio terminára; comecei a sentir que me invàdia aquela lacidão de membros, aquele abandôno da própria vontade que deve ser o precursor da morte; abri aìnda os olhos; escurecêra; em volta tudo silêncio; ouvi aìnda o moribundo da maca, dizer baixinho: «mamã... mamã...» e perdi a noção das coisas, certo de que seria aquela também a minha última noite.

«Só voltei a mim já no hospital.

«Não posso continuar. A minha desvelada enfermeira veio proibir-me de continuar a escrever.

«Dentro de alguns dias devo sair daqui.

«Beijo-te apaixonadamente.

Teu, *Paulo.*»

P. S.— «E' possível que me seja concedida uma licença para convalescer em casa. Anseio pelo dia feliz em que possa estreitar-te ao peito e encher-te de beijos.— *P.*»

*

* *

Dez dias depois Paulo, já tenente, chegava a Bagneuls para convalescer do grave ferimento recebido e dirigia-se imediatamente a casa da sua noiva, que encontrou em um estado de abatimento assustador.

A pobre criança nem fôrças tinha para expandir a sua felicidade, o seu contentamento e, ora chegava a extremos de alegria e de ternura, ora caía em uma espécie de tristeza letárgica de que a custo a arrancavam.

Durante dois meses de licença do jóven tenente, Lena reanimou-se todavia bastante, mas a partida de Paulo arremessou-a de novo para a sua cadeira de doente de onde raras vezes saía, mergulhada numa indiferença por tudo que a cercava, por todos que a rodeavam, que tanto preocupava os desgraçados pais e de que só as cartas do noivo a faziam sair.

Mas era sol de pouca dura. Lia e relia a carta, chorava sôbre ela lágrimas a escaldar, beijava-a com transporte e guardava-a depois no seio até vir nova carta que substituisse a anterior.

A débil compleição de Lena não era de molde a

resistir a tão violento embate do Destino e a pobre menina ia-se definhando pouco-a-pouco de saùdades do noivo e de pavor pela sua sorte.

Paulo recolheu ao seu batalhão na zona de Verdun, e meses depois começava o grande ataque da famosa praça de guerra pelas tropas do Kronprinz.

O que foi essa luta de gigantes, não está aìnda esquècido por ninguêm dos que a acompanhavam dia-a-dia nos telegramas da frente de batalha.

O batalhão 56 de caçadores, comandado pelo bravo coronel Driant, e a que pertencia Paulo, achou-se logo desde os primeiros dias do ataque nas linhas da frente.

Todavia o avanço dos alemães só lento-a-lento se fazia, pagando por um preço monstruoso cada palmo de terreno onde punham os pés.

A luta em frente e em tôrno dos fortes de Thiaumont, Douaumont, Vaux, Damloup, Moulainville e outras, atingia proporções gigantescas nunca previstas, pela ferocidade e persistência, de qualquer dos exércitos em guerra.

Lena não tornou a receber notícias do noivo e o seu estado agravou-se desesperadoramente. Ora caía em profundas madorras e prostrações de dias inteiros, ora se desfazia em convulsões de lágrimas a que sucediam exaltações que chegavam ao desespêro.

Na sua angústia intraduzível, Lena amaldiçoava o povo que tanta desgraça provocava e a sua maldição vinda da suprema aflição de um peito que se despedaçava, não podia deixar de encontrar eco na justiça imanente que tantas vezes se manifesta.

Era o brado de justiça de um anjo ferido de morte e Deus não podia ficar indiferente à voz de um anjo.

*
* *

São passados qùasi cinco meses.

Diante do forte de Douaumont, na orla do bosque de Caures, o 56 de caçadores acabava de substituir outra unidade esgotada pela luta constante e a vigilância permanente dos parapeitos.

As medidas de precaução eram rigorosíssimas; mas não foi preciso prolongar muito a tensão nervosa das espectativas da incerteza.

O ribombar do canhão de grosso calibre não se demorou, e pouco tempo depois o concerto horrisonante do bombardeio era geral em toda a linha de ataque.

A chuva de projécteis caía ininterruptamente em explosões formidáveis, desmoronando trincheiras, abatendo abrigos, esbarrondando redutos, desfazendo ligações, esmagando cúpulas, polverizando homens e armas, cavando no terreno crateras de vesúvios fumegantes, despedaçando tudo quanto fôsse elemento de resistência, muros, cestões, sacos, abatises, tudo impotente, sob a massa de ferro que os alemães atiravam sôbre as posições de Verdun.

Na depressão aìnda aproveitável das trincheiras arrazadas, o 56 de caçadores, agachado, cosido com a terra, homens e oficiais alapardados no pó do desmoronamento, apertados, amalgamados uns contra os outros, esperavam na tensão nervosa dos momentos decisivos o golpe de misericórdia que os aniquilaria ali, inertes, imobilizados, sem ao menos poderem morrer lutando.

As horas sucediam-se e o canhoneio continuava.

Comunicações cortadas. Telefone inutilizado, nem

podiam pedir ordens, nem comunicar a sua terrível situação.

A impaciência começou a dominar todo o batalhão. Olhos espavoridos, cravados nos seus oficiais, como na pavorosa interrogação de um esfôrço supremo, escancarados para o inimigo que não afrouxava na sua sanha de devastação, o batalhão inteiro pedia, numa súplica muda aos chefes, ali, como êles, esmagados contra o solo, antes a morte gloriosa contra os canhões prussianos, do que o estado vizinho da loucura em que acabaria por lançá-lo o horror interminável daquela morte aos bocadinhos.

Era preciso sair daquele inferno de fogo antes que se enlouquecesse sob a acção deprimidora daquela avalanche de ferro.

O coronel Driant, compreendendo todo o horror do prolongamento desta situação e as suas desastrosas conseqüências no moral do batalhão, convida um homem que queira procurar o corte das linhas telefónicas para restabelecer as comunicações.

O primeiro sinal foi o de Paulo que, arrastando-se pelas depressões das covas, partiu radiante à procura do fio condutor, do fio de que estava prêsa a sorte do batalhão, a sorte dos seus companheiros de trincheira, inteiramente separados do resto das posições.

A soldadesca sabia-o e era preciso actuar antes que do bravo batalhão se apossasse o desespêro que conduz à morte ingloria ou à loucura, sabendo-se separado, abandonado, irremediávelmente perdido no meio da tempestade de aço e de fogo que o envolvia.

Havia doze horas que o furacão de metralha passava no seu furor de destruição.

Paulo perdeu-se momentos depois no mar encapelado do solo revolvido, onde o explodir das granadas

levantava nuvens de terra como a poalha branca da espuma das ondas, que o vento leva.

Todos o seguiram com os olhos até desaparecer, rastejando, a poucos metros de distância.

Momentos de ansiedade se seguiram.

O bravo oficial levára comsigo as esperanças do batalhão, semi-louco de pavor sob a toalha de balas que ha doze horas lhe passava a alguns palmos apenas acima da cabeça.

Driant experimentou o telefone.

Nada!...

Que aconteceria?!

Contavam-se os segundos que passavam e cada minuto parecia uma hora.

Ao longo da trincheira, seiscentas cabeças, emergindo da massa negra dos uniformes negros dos caçadores, tinham os olhos, fuzilantes como carbúnculos, cravados no braço de Driant que empunhava a maneta do minúsculo aparelho.

Mais duas voltas!...

Nada!!!...

¿Teria ficado o bravo tenente esmagado na explosão de alguma bomba?

Cinco minutos...

Esperam.

Vê-se, isócrono, pausado, o solevantar de leve dos dorsos dos soldados, respirando a custo.

Dez minutos...

Driant chama...

Mais um momento...

A campainha do telefone toca!

—*Vive la France!!!*... brada fóra de si um cabo que se ergue de salto para tombar redondamente fulminado pela comoção.

Um gesto rápido de Driant mantêm o batalhão na mesma posição e fala para o comando pedindo ordens para sair dali, por ser insustentável a situação moral e material do batalhão.

— Mantenha-se!...

— À baioneta! à baioneta! pede a meia voz o batalhão inteiro.

Driant chama de novo:

— Impossível sustentar mais tempo esta situação, ou endoideceremos todos sem glória para a França.

O bombardeio começava a afrouxar, e Driant insistiu de novo:

— O batalhão pede para carregar à baioneta.

A voz de Driant ouvia-se nas primeiras filas, que ratificaram o pedido, logo repetido por todo o batalhão a meia voz:

— À baioneta! à baioneta!

Driant toca de novo:

— O bombardeio cede. O batalhão insiste. Urge levantar o moral abatido pela situação.

— Carregue!

— Driant endireita-se; infla o peito em haustos de mais ar; olha o batalhão num sorriso que todos traduzem pelo seu desejo satisfeito, segura pelo fuste a espingarda que jàmais deixou, sobe de um salto aos restos do parapeito esbarrondado e sob a metralha que o cerca e a que parecia invulnerável, brada pausadamente ao batalhão:

— *Mes enfants! Nous allons avoir l'honneur de charger!*

Um oficial inteiramente coberto da terra revolvida pelo canhoneio surge de repente na trincheira e, arrancando a espada, brada dos seus soldados:

— *En avant!...*

Era Paulo.

Como vaga que surge repentinamente no seio do mar, o batalhão, baionetas flamejantes ao sol, sai da trincheira aos gritos de Viva a França! e lança-se sôbre as posições alemãs.

*

* *

Dois dias depois começava a contra-ofensiva francesa e os alemães perdiam em duas semanas todo o terreno que lhes levára cinco meses a conquistar com seiscentas mil baixas.

Do 56, baqueára na famosa carga qùasi metade do seu efectivo e com esta, o bravo coronel Driant que no bosque de Caures rendeu a vida em holocausto à Pátria, fazendo calar as baterias alemãs.

Passados dias atravessava apressadamente as ruas de Bagneuls um jóven capitão envergando o uniforme já gasto de campanha e ia bater impaciente à porta de uma casa de simples mas bela aparência.

Abriram de dentro e o oficial precipita-se para as escadas que subiu quatro-a-quatro, surgindo de surprêsa numa salasinha onde era evidente o recolhimento de todos os que nela se achavam.

— Paulo! bradaram qùasi a um tempo os circunstantes, levantando-se e correndo para o militar.

— És vivo, meu filho!

Mas havia um não sei quê de constrangido em todos aqueles rostos, uma expressão de sofrimento em todos aqueles olhares, vestígios de lágrimas em todas aquelas faces.

Sobressaltado, pressentindo qualquer coisa de grave mas sem se atraver a imaginar o que fôsse, entre os

abraços de uns, os beijos de outros, da família toda, que parecia estar já a encorajá-lo para uma fatalidade de que êle não sabia ainda a desoladora extensão, Paulo circunvagou os olhos pelo aposento e preguntou por fim:

— E Lena?

À sua pregunta feita receosamente, respondeu o silêncio aterrador de todos, que não se atreviam a defrontar o olhar interrogador, ansioso, do oficial.

— Ninguêm me responde!...

— Paulo, exclamou em voz trémula o pai de Lena, apertando ao peito o noivo de sua filha: — a sua adorada Lena, a minha desditosa filha, morreu!

* * *

Não falarei do sofrimento do noivo da pobre Lena, encerrado dias sucessivos no que devêra ser o quarto do seu noivado, o ninho do seu amor, e onde exalára o último suspiro, beijando as suas últimas cartas, a desventurada menina, vítima inocente imolada aos sonhos da criminosa ambição dêsses bárbaros do século vinte.

Quando conseguiram arrancá-lo dali, Paulo envelhecêra, como se tivessem passado por êle, nesses vinte dias de tortura, vinte anos da sua existência.

Acalmára um pouco o seu desespêro impotente contra as injustiças do céu e consentiu emfim que olhassem pelo seu estado de saúde, bastante abalada pelo inesperado golpe da morte da noiva estremecida.

Foram passando, lentos, no meio da dolorosa tristeza de todos, que a recordação constante da pobre morta não deixava afrouxar, os dias, na casa dos pais

de Lena, outrora tão alegre, tão cheia de luz e de vida e agora tão triste como os seus tristes e desolados moradores.

Paulo, num recolhimento contínuo dos seus pensamentos, das suas amargas recordações, parecia, todavia, mais resignado com a fatalidade que lhe roubára a sua prometida; e um dia, a mãe de Lena entregou-lhe um pequeno volumesinho, atado com uma fita côr de rosa, dizendo-lhe:

— E' para si. E' a última recordação que lhe deixou essa infeliz criança, que tanto o amava e que só para si vivia, Paulo, que só por si morreu. Foi atado ainda por ela. São as últimas cartas que lhe escreveu, mas que já não mandávamos para o correio porque o julgávamos morto ha muito...

«Leia-as um dia, se tiver coragem para recordar nelas a voz da minha pobre filha, os beijos que nelas lhe deixou a sua infeliz noiva.

Paulo revolveu o pequenino masso, cuidadosamente, entre os dedos, emquanto duas lágrimas lhe rolavam pelas faces e não teve coragem de desatar o laço que as mãos delicadas e já quasi frias de Lena, puderam ainda dar tão carinhosamente.

Esteve assim bastante tempo, contemplando a última dádiva da sua desventurada noiva; depois, sem desfazer o conjunto, amorosamente, conseguiu tirar do masso um bilhete dela que beijou enternecidamente e leu:

«Alvoreceu hoje mais cedo no meu quarto; como me entristece êste sol que mo invade e de que tu não podes partilhar, Paulo.

«¡Como me fazem mal estes dias tão claros, tão lindos, sem ti, meu adorado noivo!

«Dizem que a luz é vida. Mas a mim falta-me a

luz dos teus olhos, falta-me o calor da tua voz, e é por isso que esta me mata longe de ti.

«¡Tanto sol e como a tempestade estua no meu peito, que tem devastado tão impiedosamente!

«A tempestade! Como ela estalou violenta e desapiedada sôbre nós! Como falou verdade a bruxa de Crignols, cuja voz me persegue por toda a parte com o seu vaticínio de morte.

«¿Quando virás, Paulo? ¡Que saùdades de ti! das tuas cartas ao menos...

«¡Que vácuo no meu peito!

«Vem de-pressa, meu noivo, oh meu amor! que me sinto morrer.

«22 de Fevereiro.»

— Vinte-e-dois de Fevereiro! O dia da carga do bosque de Caures! — disse Paulo para si.

— O dia da tempestade!

— Também eu me senti ali morrer e a tempestade poupou-me.

«Só te roubou a ti, oh minha noiva.

Cuidadosamente, Paulo, introduziu de novo o bilhete de Lena no masso, levantou-se a abafar na garganta os soluços que lhe saíam do peito em catadupa e saíu de casa onde lhe faltava o ar, onde lhe parecia que asfixiava.

Recolhido em amargas recordações o bravo de Verdun, foi caminhando pela estrada, vagarosamente, relembrando na consoladora amargura de momentos felizes evocados, na doce ternura de reviver êsses dias fugidios dum passado tão curto, tão venturoso e tão desgraçadamente fadado, os momentos felizes que passára junto de Lena.

E ia, nesse suplício que é o maior consôlo dos infelizes, reconhecendo lugares, recordando factos, vi-

vendo dolorosamente momentos ditosos da sua vida, que a tempestade da guerra, que a velha de Crignols lhe vaticinára, tão impiedosamente despedaçou.

A tarde ia caíndo.

Nos campos em volta ia-se fazendo o silêncio percursor da noite, só se ouvindo já pelos caminhos rodeiros, o chiar de algum carro que recolhia ao estábulo.

Aqui e àlêm o pipilar da passarada que regressava aos seus ninhos ia também afrouxando e Paulo sentiu-se sòsinho na estrada, diante da vastidão imensa do infinito, nesse estado de espírito que nos obriga a elevar a alma até Deus, quando o bater das Avè-Marias no sinosito da aldeia de Crignols, repercutindo-se pelas quebradas do valesinho até morrer docemente ao longe, lhe arrancou o desabafo do seu sofrimento represado em soluços que lhe apertavam a gargaganta em lágrimas a escaldar que lhe deslizavam em fio pela face.

Depois sossegou um pouco, parecendo-lhe ouvir ao longe uma canção que se recordava de ter ouvido já.

Aplicou o ouvido e de facto, um fiosinho de voz inda qùasi infantil, cantou de novo:

Chorava ela por mim
não sei porquê, chorei eu,
parece que adivinhava
a sorte que Deus me deu.

Paulo reconheceu a canção que ouvira já, efectivamente, no dia em que regressára com Lena da sua fatídica visita à bruxa de Crignols e ficou ali, prêso ao solo, procurando reter diante de si a imagem da noiva que se lhe fôra materializando ante seus olhos, a sorrir-lhe meigamente, envolta no seu véu virginal, emquanto

que a rapariguita desconhecida cantava o versosinho que Lena já lhe repetira numa das suas cartas tão cheias de receios e de sustos.

*

* *

Paulo recolheu já tarde a Bagneuls.

A imagem de Lena aparecendo-lhe na estrada de Crignols, onde ambos receberam a sua sentença de morte, parece que reanimou Paulo que parecia quasi conformado com a perda da noiva.

As duas famílias ficaram um pouco supreendidas, achando mesmo pouco natural a atitude do oficial.

Declarou que partia no dia seguinte para a frente de batalha, não havendo razões que o demovessem.

Logo de manhã cedo foi ao cemitério de Bagneuls levar flores a Lena e despedir-se dela.

Horas depois partia e no dia seguinte recebiam-se na desolada casa do jóven oficial de caçadores as suas primeiras notícias.

«Estou na primeira linha. Encontro-me em Ypres. A luta é constante e homérica. Não ha descanso. Batemo-nos sem tréguas e sem quartel. Não tenho tempo para mais. Adeus, talvez para sempre. Beija-os pela última vez o seu filho

Paulo.»

Os pobres velhos caíram aniquilados. Compreendiam agora a rápida e estranha resignação do filho.

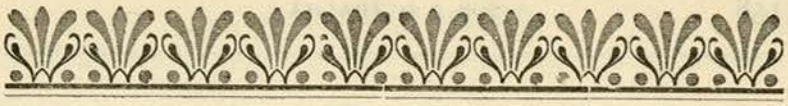
*
* *

Lutava-se em toda a frente com verdadeira fúria.

Os alemães encerrados no círculo de ferro que por toda a parte os apertava, sentiam-se como o toiro encurralado que marra doido de pavor por todas as paredes da prisão, sem conseguir romper a muralha que lhe levantavam em volta.

Tintas de sangue, fazendo emergir aqui e àlêm a cabeça esqùálida dos cadáveres que a corrente arrastava, as águas do canal do Yser, lodosas, revolvidas pelo explodir das granadas, pelas lutas corpo-a-corpo no leito destruido, eram o cemitério de milhares de bravos que ali levantaram com o fôsso sangùíneo do canal, a muralha a sangrar dos seus peitos de valentes, que os prussianos não conseguiram escalar.

Dias depois os jornais incluiam nas listas de oficiais desaparecidos nos ataques do canal de Ypres o nome do capitão Paulo Derblet.



XIV

A morte do Sudanês

ENTRÁRA no hospital com o arcaboiço de gigante meio despedaçado pelos estilhaços duma granada que lhe rebentou aos pés, quando o seu batalhão carregava, à baioneta, sôbre as trincheiras alemãs. Tinha sido um valente nessa carga memorável que pôs os prussianos em debandada, loucos de terror diante do furioso ataque dos atiradores senegaleses, émulos de glória dos seus irmãos de armas europeus.

Vinha quasi desfalecido o valoroso soldado negro, que no delírio da febre pedia que lhe trouxessem a espôsa que abandonára na aldeia natal, para vir em auxílio da mãe Pátria ameaçada por um exército a quem êle, o sudanês, viria dar exemplo de grandeza de alma e de civilização.

—Ya macache, Ehr-Madhou queria ver Anoumá! — pedia êle a todos os momentos, entre as incoerências da febre em que ardia.

Ehr-Madhou, o negro moribundo, fôra entregue aos cuidados da mais carinhosa das enfermeiras, que desde os primeiros momentos pôs nesses cuidados para com o soldado ferido todos os tesouros da sua grande alma de mulher, num desvêlo de todos os instantes físicos e morais do que ia exalar o último alento longe dos seus, mas para quem, mesmo na inconsciência da febre, iam todas as súplicas

Irene, a enfermeira do senegalês, era uma das mais brilhantes actrizes da Comédia Francesa, e logo que o médico acabou de ver o mutilado combatente, interrogou-o sôbre o seu estado.

— Pouco poderá durar — respondeu êle no tom de voz desiludido de quem não pôde encontrar uma esperança para tentar salvar o infeliz doente.

«Alguns dias apenas, algumas horas talvez e tudo estará acabado — acrescentou depois de um breve silêncio, apertando a mão à actriz-enfermeira e saindo rápidamente.

Entretanto o tratamento começou e a alma sensível do negro compreendeu de-pressa que Irene era talvez o anjo da despedida que Mahomet mandava para junto do seu leito de morte a recolher-lhe o alento derradeiro.

À aproximação da enfermeira o seu rosto iluminava-se e na imobilidade já qùasi cadavérica do corpo hororrosamente rasgado pelos estilhaços da granada, concentrava toda a vida que aìnda lhe restava, na contracção entre risonha e dolorosa das faces, no brilho dos seus olhos, onde transparecia toda a gratidão da sua alma reconhecida.

— Anoumá branca... Anoumá branca...! — dizia êle na sua voz qùasi a apagar-se, como se visse na dedicada enfermeira a imagem saùdosa da espôsa longínqua.

A todo o instante, o soldado repetia essa expressão carinhosa e a jóven actriz pôde entender emfim o íntimo significado dêsse nome tão grato para o sudanês, que via na sua solicitude de enfermeira carinhosa, o reflexo da espôsa — Anoumá — que êle não mais tornaria a ver.

E, num requinte de generosidade, o grande coração dessa parisiense, que deixava o luxo do seu palacete de actriz notável pelo hábito de enfermeira, soube responder, iludir a última e realizável aspiração de Ehr-Madhou, deixando-se chamar pelo nome da ausente, deixando que o pobre talvez amasse nela a sua companheira distante.

Mas o sudanês, mau grado os seus cuidados e as tentativas do médico, sentia-se morrer a pouco-e-pouco, perdendo lentamente as fôrças de dia para dia.

Volvidos quatro ou cinco dias no hospital, o negro, ardendo em febre contínua, vivia já numa espécie de sonho constantemente povoado das recordações do seu país natal ou pelas scenas da guerra.

Então procurava, tateando no ar, as mãos brancas de Irene que apertava nas suas, queimadas ao sol do equador, aconchegava-as ao peito, beijava-as em brandos transportes de ternura, chamando a dedicada enfermeira pelo nome da espôsa que não esquècia:

— Anoumá blanche! Petite Anoumá blanche! — e duas lágrimas enormes resvalavam ardentes pelas faces tisnadas do negro, que ficava assim longo tempo nestes arrancos de ternura, cuja ingénua ilusão a generosa Irene lhe consentia e lhe afagava com lágrimas também, diante do duplo sofrimento do moribundo negro.

— Ti, ti... petite Anoumá — repetia êle num balbuciar que já mal se ouvia.

O delírio do sudanês aumentava, o desenlace não podia estar longe e entre as incoerências dos seus sonhos de febre, falando alto, o pobre guerreiro falava também das suas recordações de África, do seu país, da terra em que nascêra.

*
* *

Minorar o sofrimento do doente era a preocupação da boa Irene, que uma recordação súbita ilumina o rosto num sorriso de satisfação.

Chama uma servente, dá-lhe instruções e expede-a com urgência.

No silêncio quasi sepulcral do quarto ouvem-se apenas os gemidos do negro, entrecortados pelos sonhos do seu delírio.

Irene, ao menor ruído exterior, voltava a cabeça para a porta como quem espera com impaciência a chegada de alguêm.

Irene afagava entre as suas pequeninas mãos as de ébano de Ehr-Madhou, que continuava a delirar sob a pressão da febre que o abrazava. Mansamente a porta entreabriu-se e a cabeça da mensageira de Irene apareceu sorridente com uma interrogação no olhar.

Irene, a quem uma expansão de indizível contentamento se desenhou no rosto, fez-lhe sinal que entrasse.

Atrás da servente entrou uma mulher de côr, jóven ainda, sudanesa também, como o valente que se finava.

Os braços nus, cheios de braceletes dourados, o colo coberto de fios de contas, de crescentes e enormes argolas nas orelhas, adornos dourados no cabelo e nos vestidos de côres vivas, a negra, formosa no seu tipo

característico de *foula,* linhas regulares, o rosto correcto, grandes olhos sobressaindo no fundo escuro das faces, veio pôr uma nota de singular contraste naquele quarto silencioso onde a morte adejava impaciente ha cinco longos dias.

Fôra Irene que, conhecendo-a dos *boulevards* e dos casinos onde vendia águas e confeitos, se lembrára de a chamar para dar ao pobre soldado africano a última ilusão do seu país na hora extrema da sua morte.

Falou-lhe ao ouvido e a negra, com as lágrimas nos olhos, ao compreender a missão do último consôlo que vinha ali trazer, começou a cantar a meia voz, na língua de seus pais, na música do seu país, entrecortados de soluços, os versos dolentes e semi-religiosos da sua terra longínqua:

Kamé té balandri fagaï
Enna Kamé Rab Pharaun
Kamé Monché, ekbé Mahomé
Enta adé liass gatarbé Issa!

Ao ouvir o canto misterioso que assim o chama ainda à vida, Ehr-Madhou tenta, num esfôrço supremo, abrir os olhos embaciados que já quasi não viam, estende os braços, quer falar, ilumina-se-lhe o rosto numa expressão de pungente alegria, de êxtase, e fica imóvel depois, magnetizado por êsse canto que o enleva e só pôde dizer, ao acabar a canção:

— Ti, ti... petite Anoumá!... — e as lágrimas deslizaram-lhe em fios pelas faces.

—Oui, segredou-lhe Irene e a negra repetiu-lhe:

— Oui, Ehr-Madhou.

Piedosa mentira! Irene compreendendo que o doente, na febre do seu delírio, mal antevendo já por entre as névoas da morte a escurecer-lhe os olhos, o rosto da

sua compatriota, julgou ver na negra a própria espôsa, a sua lembrada Anoumá, segredou-lhe esse *sim* que era uma piedosa mentira, mas que era o último momento de felicidade do pobre soldado.

— Canta, canta — pede abafadamente o senegalês.— E a negra canta maviosamente o canto de morte dos atiradores do Senegal, evocando os vastos campos do seu país, as suas aldeias, os seus ribeiros.

Com os olhos fechados, Ehr-Madhou escuta, imóvel, a respiração qùasi imperceptível, já qùasi fóra da vida, o canto consolador da negra, cujas notas dolentes lhe caíam como bálsamo divino na alma despedaçada.

— Assim... assim... Tão lindo... o canto da morte...

E a voz morria-lhe na garganta, a apagar-se, a apagar-se, de momento a momento.

Irene, pálida pela comoção, assistia, encostada à cabeceira do moribundo herói, a êste agonizar lento e doce, no íntimo consôlo da sua grande alma de mulher, de poder dar ao desventurado negro, uma última visão do seu país, tão longe dêle.

— Anoumá, eu cacei leões — diz num cicio o agonisante.

E a negra canta os cantos guerreiros das grandes caçadas de leões do seu país.

— Eu agarrei crocodilos...

E a jóven senegalesa canta as montarias aos terríveis anfíbios.

A contracção de gôzo ia desaparecendo do rosto esqùálido de Ehr-Madhou que nada mais pediu quando a rapariga acabou a sua última canção.

Ficou assim um momento.

Irene apròximou-se, segurou-lhe a mão em que êle tentou ainda apertar a mão breve da sua enfermeira e, num último esfôrço, disse ainda :

— *Qué Pharaun, mouché, Mahomé et Issa, soient sur ti... Anoumá... Ti bonne... femme... tirailleur... ti... Anoumá... blanche...*

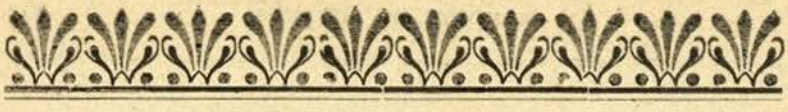
E ficou imóvel.

Depois, a doce expressão de consôlo foi-se apagando no rosto do negro, e uma leve contracção de lábios veio indicar que o desventurado morrêra.

As duas mulheres inclinaram-se então sôbre o corpo do negro, depondo-lhe a sudanesa um beijo na fronte, dizendo:

— Pela minha irmã negra Anoumá!

Irene, a actriz-enfermeira, enxugava duas lágrimas também na grande satisfação dêsse sublime milagre de caridade, dando ao pobre soldado negro até à morte a ilusão do seu país e mais aìnda a da espôsa amada, a de Anoumá, que a sua alma sensível não esquecêra.



XV

Kultur!

A Guedes de Oliveira.

I

A invàsão da Bélgica

DEBATIAM-SE nos últimos dias de Julho as derradeiras tentativas de paz após os acontecimentos de Serajevo, e a Bélgica, absolutamente segura de que a fé dos tratados é alguma coisa para as nações que prezam o seu carácter, confiava que o tratado que lhe garantiu a sua neutralidade seria respeitado por aquelas que o assinaram, empenhando o seu nome num compromisso de honra pela integridade do seu território.

Mas, os tratados para os povos como a Alemanha, são *farrapos de papel*, e a Alemanha, pois, arrancou a sua espada, rasgou com ela o nome com que subscrevêra o tratado de neutralidade e invàdiu a Bélgica... porque precisava. Era a primeira prova da *Kultur* que

estava assombrando o mundo e cuja aparente elevação moral tão rápidamente se desfez, mostrando o reverso vil e feroz, sua verdadeira face.

— A Alemanha tinha necessidade de invàdir a Bélgica, dizia-me M.elle Cristina Hausmann, ilustrada e jóven senhora alemã com quem falei sôbre a guerra.

— Mas não podia, ou pelo menos não devia.

— Mas precisava e isso basta, retorquiu altivamente.

Era o carácter colectivo de um povo a manifestar-se pela bôca de uma formosa e inteligente rapariga de 20 anos!...

*

* *

Na noite de 3 para 4 de Agosto de 1914 atravessavam as primeiras colunas a fronteira belga, tendo Liège como objectivo e, logo a poucos quilómetros de Verviers, o primeiro esquadrão de hulanos que pisára o solo da Bélgica, é surpreendido por um esquadrão de lanceiros belgas que o ataca inopinadamente, o destroça e obriga a uma vergonhosa fuga.

As primeiras honras da recepção estavam feitas.

A seguir Visé: o combate foi rude e os alemães batidos pela pequena fôrça de defesa da localidade, não podendo passar o Mosa cujas pontes improvisadas os belgas lhes destruiram por três vezes, tornearam a posição e atravessaram o território holandês ao sul de Maestrich, penetrando no coração do pequeno país.

Mas Léman bate-os em Fleuron primeiro e junto aos muros de Liège depois.

Tal resistência desconcertou os alemães. Então mostraram êles o terceiro aspecto da sua fisionomia moral; e a série de ignomínias e de vilezas começou a a dar a essa *Kultur* o verdadeiro brilho da sua civiliza-

ção, da sua elevação moral e intelectual: a côr brilhante do sangue dos assassínios, das châmas dos incêndios, das descargas dos fuzilamentos, dos saques, dos roubos, das violações!

E' certo que a Alemanha tinha assinado a convenção de Haya.

¿Mas que é a convenção de Haya para a Alemanha?

O mesmo *farrapo de papel* que a neutralidade da Bélgica e a nossa incontestável posse de Kionga.

*

* *

Começa então a dolorosa odisseia do povo belga.

A primeira resistência foi em Visé. Seja Visé a primeira a saciar a sanha alemã.

Aprisionam onze belgas de mais consideração na cidade, obrigam o povo a reùnir-se na praça, e diante de todos, *para dar exemplo,* os onze desventurados são fuzilados.

Emquanto a pequena população era obrigada a reùnir-se na praça e quando julgava que a ferocidade da horda ficaria satisfeita, gritos lancinantes partem de diversas ruas. Alguns soldados tinham sido incumbidos de incendiar várias casas na ausência forçada dos seus habitantes, rompendo os incêndios por toda a parte emquanto junto aos cadáveres dos onze assassinados um grupo de oficiais ria francamente da horrorosa surprêsa daquela gente que corria como louca a acudir aos seus lares já pasto das châmas!

A onda alastrava e com ela o saque, o assassínio, o incêndio.

Em Soisson, o guarda de um palacete é morto à

baioneta por um grupo de soldados, a quem êle tentou resistir, que saquearam a casa e a incendiaram depois.

Em Olne, o cura Reusonnet, o secretário da câmara Fondacir e outro infeliz, que os alemães lobrigaram espreitando a uma janela à passagem de um batalhão, foram arrastados de casa, espancados e fuzilados na rua.

Em Foret, um camponês e um filho foram fuzilados porque se acercaram de um canhão prussiano; dois filhos de outro lavrador, Delbaux, foram fuzilados não se sabe porquê.

O professor Rongy foi obrigado a pisar a bandeira da sua pátria e fuzilado em seguida, obrigando a presenciar o assassinato à espôsa e quatro filhos, o mais pequenino dos quais ela erguia nos braços acima da cabeça, em gritos lancinantes, na tentativa baldada de comover os soldados do imperador Guilherme.

¿ Porque assassinavam os soldados do mais... civilizado dos países europeus, esta gente?

Foi na marcha de Foret para Liège que os alemães iniciaram um sistema de guerra inteiramente novo, para maior honra do seu nome, para maior glória das suas façanhas, fazendo pela primeira vez marchar na sua frente grupos de civis, mulheres e até crianças de 14 ou 15 anos, para poderem, ao abrigo desta muralha viva, avançar impunemente, certos de que os soldados belgas não fariam fogo sôbre as suas próprias espôsas, mães e filhos!

No grupo que de Foret foi obrigado a seguir na frente dos alemães, figurava o cura da aldeia, que não podendo caminhar como êles queriam, pela sua avançada idade, foi empurrado às coronhadas, até que caíu morto no meio do caminho, onde o abandonaram.

De Foret á Saint-Hadélin foi uma carnificina!

Granja por onde passassem, destruiam, matavam, incendiavam!

Sessenta e um desgraçados foram assassinados em requintes de barbaridade, que só por si bastam para fazer a auréola de glória de um imperador e do seu império. Famílias inteiras foram mortas nestes sessenta e um crimes.

Uma infeliz rapariguinha de 17 ou 18 anos, desmaiada com coronhadas e abandonada na estrada, quando veio a si encontrou-se sob os cadáveres do pai, da mãe, de uma irmã e dois irmãosinhos que os bandidos no antegozo do seu pavor, lhe deitaram sôbre o corpo, propositadamente.

Uma das crianças agonizava ainda quando ela recobrou ânimo!

Um horror de banditismo e de ferocidade.

Em todas as direcções, por todos os caminhos, a onda devastadora e mortífera alastrava como a lava de vulcão, por toda a parte deixando indelèvelmente vinculados os vestígios seguros, incontroversos, inapagáveis, da acção do invàsor, da passagem dessa... *kultur* alemã, orgulho de uma raça, glória de um povo, vaidade de um monarca!...

Essa *kultur*, que devia ser a auréola a impor ao mundo o país que iluminasse com a sua luz suave e fascinante, será todavia tão sòmente o estigma, o ferrete a arregoar-lhe as faces com a nódoa dos seus crimes, será a fogueira a patentear inexorávelmente as manchas que, sob o manto de uma civilização fictícia, encobria êsse povo irremissìvelmente posto à margem da História.

No facho de luz auroreal, nêsse esplendor de glória que já começa a envolver os campos de batalha, dos que lutam pela Justiça, pela Razão, pela Verdade,

que fite, se póde, os olhos, o chefe espectaculoso dessa vilipendiada Germânia, e lá verá batidos pelo sol da verdadeira civilização, um a um, todos os crimes que o seu génio maquiavélico soube preparar e a sua hipocrisia soube esconder durante tanto tempo.

*

* *

Kultur!

¿Mas o que é a *kultur?*

E' a civilização.

¿E o que é a civilização?

Ah! — Civilização não é só o estado próspero, económico e financeiro de um país; não é só o seu largo desenvolvimento comercial e industrial como fontes de economia e riqueza; não é só o conjunto de maravilhas que tem constituido os progressos das sciências e das letras, da mecânica, da química, da física, da electricidade, da matemática e da náutica; não é só o espírito inventivo que tem criado os colossos industriais de Essen, de Dresde, do Creusot e outros; que tem produzido as grandes invenções e os grandes inventores; que constrói pontes, túneis e máquinas; que rasga nas entranhas da terra as galerias das minas; que fende o espaço com as agulhas das tôrres de cem, de duzentos e de trezentos metros de altura; que lança nos mares os paquetes de 40:000 toneladas e os couraçados de 1:500 homens de guarnição; que criou o navio submarino e o navio aéreo e que inventou o canhão de 42.

Civilização não é só a exterioridade dos grandes palácios, dos soberbos monumentos, das largas avenidas, de majestosos edifícios; a aridez scientifica das

universidades e dos liceus; não é só o telégrafo, os caminhos de ferro de cem quilómetros à hora, a invenção de Mac-Adam nas estradas modernas, as obras hidráulicas dos grandes portos de mar, os progressos da medicina, da cirurgia, da botânica, da etnografia, da antropologia, da antropometria.

Não! Civilização não é só isto!

Civilização é luz! — mas a luz da alma, luz do bem, luz da verdade!

Civilização é amor — amor da justiça, amor da humanidade, amor da razão!

Civilização é sentimento — sentimento da honra, sentimento do amor pátrio, sentimento dos actos generosos, sentimento das grandes acções do altruísmo, da magnanimidade, da caridade!

Civilização é educação — educação dos sentidos, educação do espírito, educação da vontade!

Civilização é beleza — é beleza moral, beleza das acções alevantadas e nobres, beleza da fé no triunfo da Justiça, na emergência da Verdade, na fôrça invencível da Razão!

Civilização é o gérmen da bondade, é o espírito da rectidão, é a noção da justiça pouco a pouco infiltradas, diluidas na alma das crianças, durante o período escolar infantil. E' a formação da sua alma, preparando-a para receber com entusiasmo as acções boas, os actos generosos, as demonstrações da bondade, da filantropia e repelir com repugnância a maldade, o cinismo, a hipocrisia, a doblez, a mentira, a má-fé, a ignomínia, a covardia, a traição, o crime, emfim, em todas as suas desgraçadamente múltiplas manifestações. E' a moldagem do seu carácter de futuros cidadãos pelos sãos princípios da honra, do bem, do brio, do respeito mútuo, da eqùidade, da moral, do dever,

da Verdade, finalmente, pois na Verdade, só na Verdade, estão concretizados, fundidos, dissolvidos todos os princípios de filosofia moral que podem criar o homem bom, o homem recto.

¿E como foi que a *kultur* alemã implantou na alma dos alemães tão sagrados princípios?

Assim:

*

* *

A notícia da derrota de Visé chegou rápidamente às tropas alemãs da retaguarda e o desfôrço não se fez esperar.

Batice, a pequenina povoação tão laboriosa, foi incendiada inteiramente com as suas fábricas de tecidos e de brinquedos.

Hervé, cidadesinha de 4:000 habitantes, reflectia momentos depois da chegada dos alemães, nas águas do Vesdre, as colunas de fogo do incêndio de 300 casas que os soldados *do mais civilizado país* atearam e viam arder com gritos de alegria.

O governador militar alemão mandou prender em suas próprias casas a gente mais grada da desgraçada cidade. Eram 47 pessoas. Mandou-as depois formar na praça e acto contínuo fuzilou-as sumáriamente!

Em Soumagne, outra pequena vila próxima de Hervé, a soldadesca ébria atirava nas ruas por divertimento sôbre os desgraçados habitantes que fugiam espavoridos ou casualmente chegavam às janelas. Neste curioso passatempo os soldados de Sua Majestade Guilherme II mataram 122 pessoas!!! Depois agarraram um grupo de 60 e fuzilaram-nas em massa na praça de Fons-Leroy. Após, por divertimento ainda, faziam covas aonde enterravam as suas vítimas, de

cabeça para baixo, deixando-lhe os pés dois palmos de fóra!

Quanta grandeza d'alma não patenteiam por esta fórma ao universo assombrado, os exércitos da culta Alemanha!!!...

Em Barchon fecharam um pobre rapazinho de 14 anos numa casa e em seguida incendiaram-na!

Todas as povoações que tinham a desgraça de ficar no itinerário dos exércitos invàsores, sofreram mais ou menos a sorte de Visé, de Soumagne, de Hervé, de Battice, de Foret, de Olne e de tantas outras.

A 9 de Agosto os alemães entram em Liège, emquanto que importantes colunas iam ocupando posições avançadas.

Em Lisneau uma destas colunas é atacada por fôrças belgas e destroçada com mortos e feridos.

Socorrida horas depois, o seu furor caíu sôbre os míseros habitantes da povoação, sendo fuzilados uns poucos e incendiadas várias casas.

Numa destas, degolaram os donos e lançaram os cadáveres no incêndio, diante dos dois filhos das vítimas!

Sôbre o cadáver de um oficial alemão, morto na refrega, obrigaram todos os homens válidos a jurar, de joelhos, o respeito e obediência à dominação alemã!

As mulheres e crianças obrigaram-nas a passar, aterradas, por diante das suas metralhadoras carregadas, a que um soldado simulava estar a premir o gatilho para fazê-las voar em pedaços.

Na marcha de Lisneau ataram às carretas das metralhadoras alguns desgraçados a quem obrigaram assim a acompanhá-los fustigando os cavalos e, para variar de fórma, alguns foram atados pelos pés! Estes morreram logo arrastados com a cabeça pelas calçadas,

os outros foram encontrados mortos também pelo caminho, onde iam sucumbindo às atrocidades e à fadiga!

E a vaga rubra continua assim!...

II

Dinant

Jàmais poderão registar os anais da humanidade maior libelo acusatório, mais colossal sucessão de delitos do que os que o mundo um dia poderá ler quando a luz da história se projectar inexorável e acusadora sôbre a horrorosa série de crimes que o... *mais civilizado dos povos* tem perpetrado para fazer a guerra no século XX, depois das convenções de Haya e de Berne que estabeleceram como princípio sagrado a respeitar universalmente, que *a guerra não tem por fim destruir, matar, mas apenas pôr o adversário fóra de combate.*

A lealdade com que os plenipotenciários da Alemanha assinaram os dois célebres tratados que foram considerados como duas das mais gloriosas conquistas da humanidade no caminho do Direito, veio mostrá-la, pouco tempo volvido, a guerra actual, onde a Confederação do Rheno entrou com a surprêsa da sua famosa declaração:

Tratados são farrapos de papel e a Alemanha só reconhece os que subscreve com a sua espada!

*

* *

Dinant foi talvez a mais desventurada cidade da Bélgica, aquela onde os soldados alemães — que de soldados só o nome teem — cometeram crimes mais hediondos, exerceram vinganças mais ferozes, onde tripudiaram mais bestialmente, saciando nos desmandos da ferocidade sangùinária e sensual, a sêde de vingança que dos revezes anteriores lhes acordou a formidável derrota que adentro dos seus muros lhes infligiu o exército francês que acudira pressuroso ao apêlo de socorro dêsse povo incomparável.

A 15 de Agosto, os prussianos foram pela primeira vez expulsos de Dinant por uma divisão de couraceiros e dragões que, a marchas forçadas, se dirigia em socorro de Liège.

Era tarde, porêm.

Liège estava em poder dos alemães e a divisão retirou ocupando Dinant.

A 21, à tarde, o exército da *Kultur* apresentava-se de novo diante de Dinant em grande fôrça, retirando os franceses para a outra margem do Mosa.

Começava o martírio; começava a vingança.

Dinant tinha recebido de braços abertos os franceses que seis dias antes a socorreram e tinha de pagar caro essa ostensiva prova de simpatia pela França.

A cidade estava desocupada; os franceses tinham retirado, mas era necessário impor à população as excelências da *Kultur*: foi bombardeada!

Seguidamente, de manhã, entraram os alemães em automóveis blindados e armados de duas metralhadoras cada um.

Conforme avançavam pelas ruas iam disparando para ambos os lados especialmente para o interior das casas pelas janelas do rés-do-chão.

Tão *nobres* combatentes assassinavam assim nos próprios leitos, num sistema de ataque à altura do carácter dos atacantes, muitos dos indefesos habitantes.

Ocupada a cidade, foram logo aprisionadas 500 pessoas indistintamente: homens, doentes, velhos, mulheres e crianças!

Para saciar a sua sanha e cevar os seus instintos de selvageria, tudo lhes servia.

Nos arredores de Dinant sucedia o mesmo. Em Auresaume, Leffe e Neffe foram presos 800 desgraçados e fuzilados imediatamente em processo sumário. Os 500 de Dinant foram encerrados na abadia de Premonteuse e aí os *cavalheirosos* oficiais do exército alemão entretinham os seus ócios a preparar scenas de terror para os seus prisioneiros.

Todas as manhãs os desgraçados eram acordados e mandados formar no claustro ou na cêrca para serem fuzilados e, depois de os fazerem esperar entre gritos lancinantes, entre soluços de desespêro na despedida dos que eram pais, filhos, espôsas, mães, irmãos, estreitando-se uns aos outros, no último abraço, no último beijo, os brilhantes e nobres comandantes, vinham declar entre gargalhadas, que tinha chegado ordem de perdão.

No dia seguinte a scena repetia-se entre as galhofas dêsses carrascos militarizados que buscavam os motivos da sua infernal alegria entre as lágrimas e sofrimentos dos seus semelhantes!

A tão angustiosos momentos de pavor não resiste a alma delicada de uma mulher, amparada num corpo igualmente delicado e débil.

Algumas enlouqueceram, outras,— quatro, que se encontravam em adiantado estado de gravidez, deram à luz, ali mesmo, diante dos canos das espingardas erguidos para elas na esfíngica atitude ou de uma palhaçada a mais dessa fracção do exército da *Kultur*, ou de uma tragédia horrorosa cuja mutação de scenário dependia apenas de um gesto, de um momento de boa ou má disposição dêsses *tughs* do ocidente.

Um dia a tragi-comédia repetiu-se, mas então puzeram a um lado os homens e a outro lado as mulheres. Eram 153 os separados.

Repetem-se as mesmas scenas, as mesmas vozes de comando, as mesmas armas carregadas, apontadas...

Mas quando todos êsses infelizes esperavam ver aparecer mais uma vez, pelo hábito, o oficial palhaço que sempre concluia a odiosa scena com a ordem de reservar o fuzilamento para o dia seguinte, a voz de fogo partiu sêca, serena, fria e os 153 desgraçados caíram banhados em sangue entre o alarido angustioso das pobres mulheres, dos velhos, das crianças a quem, num requinte de inegualável crueldade, prepararam, por tão maquiavélica fórma, a surprêsa do assassínio dos maridos, dos filhos, dos pais e dos irmãos.

Mas não terminára a infâmia.

De entre êsses desgraçados alguns ficam apenas feridos e seis nem feridos haviam sido, tendo caído arrastados pelo pavor e pela queda dos companheiros juntos. Percebendo-o, a fera agaloada, avançando até próximo dos corpos inanimados, exclama:

— Os que vivem estão perdoados.

¡Oh triste ilusão dos que julgaram um pouco do sentimento da generosidade nos soldados alemães!

Levantam-se uns, arrastam-se outros para as pobres mulheres que correm sufocadas de lágrimas para

êles, para os poucos que um milagre salvára, e quando julgam poder estreitar aos peitos a estalar de dor, os pobres que julgavam salvos, ou ir recolher o último suspiro dos que se arrastavam quàsi moribundos para terem ao menos a dita de morrer com a cabeça encostada a um peito amigo, a voz de *fogo!* sôa de novo e os tristes iludidos caem também para sempre como os seus companheiros de infortúnio!

*
* *

Entretanto, na desgraçada cidade tripudiava em ânsias de ferocidade, de depravação, o resto da horda.

Começára o saque e o santo-e-senha dos *hunos* era sòmente: a bolsa, a vida e a honra.

No Banco Henri, o director e um filho foram mortos a tiros de revólver por um oficial alemão a quem negaram declarar onde se encontrava a caixa forte.

M. Poncelet, negociante estimadíssimo em Dinant, querendo sair da cidade com sua espôsa e seis filhos menores, foi agarrado com a família e mandados fuzilar acto contínuo!

A um momento de vacilação dos soldados diante de tal monstruosidade, respondeu o oficial que os comandava, rebentando a cabeça a tiros de pistola, ao infeliz negociante, diante da espôsa e dos filhinhos aterrados!

M. Himers, pelo mesmo motivo foi fuzilado diante da espôsa que o acompanhava.

Fugindo a tanto horror, umas vinte mulheres e crianças conseguiram sair da cidade, escondendo-se debaixo dum pontãosito, ao sentirem o tropel de uma fôrça em marcha.

Desgraçado refúgio!

Já a distância, numa volta da estrada, alguêm da fôrça viu o grupo, e o *brilhante* oficial que a comandava, entendendo que aquele era para êle o momento de uma heroicidade, que diante dos regimentos belgas ou franceses não podia tão fácilmente cometer, mandou assestar-lhe uma metralhadora que em alguns segundos reduziu o desventurado grupo a um montão de cadáveres.

¿E os estupros de crianças, e as mulheres violadas, e as infâmias sôbre elas cometidas, os ultrages, os actos de sàdismo dêsse exército de bandidos sôbre as desventuradas mulheres de Dinant?

—E' preferível calar sôbre a conduta dos soldados e os atropelos de que as fizeram vítimas — diz Blasco Ibáñez na sua monumental *História da Guerra de 1914.*

III

Libelo esmagador

O libelo acusatório da civilização alemã não está concluido ainda. O que era a educação rígida, ferina, refractária a sentimentos de humanidade e a sentimentos de honra; o que era a alma tôrva, erma de emoções alevantadas e nobres, estéril de amor, estéril de carinho, estéril de bondade, alheia a sentimentos de Justiça e Equidade, fechada sistemática e indiferen-

temente aos princípios sacratíssimos do Direito e da Razão, surda ao respeito e ao culto da Verdade, do exército alemão; o que era emfim essa *Kultur* que pretendia impor-se e impor o predomínio dos seus instintos ferozes e sangùinários, sôbre a educação moral e sentimental dos outros povos, ha-de mostrá-lo mais tarde êsse libelo já hoje colossal e pacientemente organizado por todos os que, conhecedores dos actos de feroz banditismo dos soldados alemães, os vão comunicando às comissões internacionais encarregadas de instruir o processo que, no ajuste de contas final, ha-de servir para condenar à execração do mundo inteiro, o povo réu consciente e confesso de tantas iniqùidades, de tantas baixezas, de tantas violências e vilanias, de tantos e tão monstruosos crimes.

*
* *

Kultur!

Civilização alemã!

O mais elevado grau de perfeição moral, intelectual e material a que um povo póde chegar!...

Era a *Kultur!!!*

E a *Kultur* saqueia, devasta, usa granadas incendiárias e gases asfixiantes, rouba, violenta mulheres, comete a suprema covardia de colocar diante das suas fileiras os prisioneiros civis, mulheres, velhos e crianças, afunda navios-hospitais, fuzila enfermeiras e — ó maior das ignomínias! — os seus próprios doentes, os feridos, moribundos, que se bateram como leões, dando em holocausto à sua pátria, o seu sangue e a sua vida, enterra-os ainda vivos!!!

O espírito mais maquiavélico — que não seja o de

um alemão — não conceberia tão monstruoso meio de poupar tempo para ganhar vantagens.

Mas concebeu-o o génio alemão, êsse génio inegualável de malvadez; esse génio requintadamente diabólico, em que a fecundidade da inventiva se alia à volúpia da maldade, ao delírio da violência.

Para o alemão o que urge é proceder sem perda de tempo, sem reparar em obstáculos, esmagando tudo, lançando mão de todas as armas, mesmo as mais traiçoeiras e desonrosas, utilizando todos os meios, mesmo os mais vis e contrários a todas as leis da honra e da generosidade, a todos princípios de humanidade e de sentimento.

Ganhar tempo é o seu principal objectivo.

Ela o diz: o seu segrêdo está na rapidez vertiginosa dos seus movimentos.

¿Ha feridos condenados, despedaçados, moribundos; ha desgraçados que vão morrer escoados do sangue que deixaram pelas trincheiras onde defenderam o seu país; ha infelizes com os membros e o corpo retalhados pelas granadas, queimados pelo incêndio da fuzilaria que o adversário ateia em seu tôrno, mas onde ainda palpita um coração que amou, que recorda numa última agonia o lar, o berço em que nasceu, a família, a pátria, emfim, em cujo altar veio sacrificar tudo: esperanças, ambições, a própria vida?

Ha! — mas inúteis agora, ocupando tempo e lugar inútilmente, por cuja morte se espera impacientemente para prosseguir.

¿Porque não ha-de pôr-se logo um ponto final a essas semi-existências de agonia e de sofrimento, a essas criaturas que só servem de embaraço e de tropêço às operações?

¿Pois não será ainda uma vitória do génio satânico

alemão, ganhar o tempo que inútilmente se perde com esses desventurados?

Sem dúvida!

Então, em vez duma enxerga onde estendam a amálgama dos membros destruidos, em vez do braço carinhoso da enfermeira que lhes ampare a cabeça ao soltarem o último suspiro, dê-se-lhes a cova, imediatamente, onde vão acabar no estertor horroroso da asfixia, com a bôca atulhada de terra e os olhos a saltar das órbitas no terror da mais pavorosa das mortes, êsse resto de vida que à Alemanha em nada já é útil!

E' inacreditável de monstruosidade, de crueldade!

E todavia assim é.

¡Os alemães enterraram ainda vivos alguns dos seus próprios feridos, moribundos!

*

* *

M. G., burgo-mestre duma vilasinha belga das margens do Lys, foi chamado a depor no libelo sem precedentes, em que o mundo se arvora em juiz acusador de um povo inteiro, que não soube honrar a missão civilizadora que lhe fôra confiada.

Um dia foi-lhe ordenado que mandasse abrir uma vala na retaguarda das linhas alemãs.

O burgo-mestre obedeceu, começando logo a abertura dum enorme buraco sob a direcção de um oficial alemão.

Ao longe crepitava o estalejar da fuzilaria e, terminada a luta, aparecia momentos depois no local onde acabava de ser aberta a vala uma carroça pejada de corpos humanos, a monte.

À sua aproximação os operários sentiram erguer-se-

-lhes os cabelos involuntáriamente. Da carroça parecia sairem gemidos, ais, gritos abafados... Sem uma palavra, o soldado que a guiava, apròximou-a pela retaguarda da beira da enorme cova, desatrelou-lhe o cavalo, desprendeu-lhe a tampa e levantando-a na frente despejou no fundo dêsse túmulo improvisado a sua fúnebre carga, como quem descarrega entulho.

Mas então o assombro dos pobres trabalhadores petrificou-os nos seus próprios lugares!

Eram na verdade gemidos, gritos, súplicas, protestos, uivos que saiam da carroça e que agora nitidamente cortavam o ar, soturnos, lúgubres, arripiantes, saindo do fundo da cova onde acabava de tombar a amálgama de cadáveres e moribundos!

Eram pedidos de socorro dos que julgavam ter sido levados por engano, eram gemidos de dor dos que já não tinham fôrças para gritar, eram súplicas dos que julgavam encontrar compaixão no coração endurecido pelos crimes, dos oficiais alemães, eram gritos de pavor, eram rouquejos de raiva impotente dos que compreendiam, emfim, o horroroso destino que lhes estava reservado!

No próprio carro tinham vindo algumas sacas de cal viva, que o oficial, diante dos olhos esbugalhados dos aterrados trabalhadores, ordenou despejassem dentro da cova...

À odiosa ordem ninguêm se mexeu, todos presos ao terreno, os membros entorpecidos, retezados pelo assombro.

— ¿Por que esperam? — exclamou o agaloado carrasco.

— Mas, meu tenente — arriscou a medo um dos cabouqueiros — estão ali, por engano, certamente, alguns homens vivos!

E a sua mão trémula apontava um dos moribundos que, sobre o monte de pedaços humanos, os olhos a saltarem das órbitas, o terror estampado nas faces de moribundo, os braços já sem fôrças, tentando erguer-se num último gesto de misericórdia, pedia mais com o gesto que com a voz que mal se lhe ouvia, que o não matassem assim!

E do monte, de todos os lados saíam mãos suplicantes, afloravam rostos apavorados em esgares de loucos, escancaravam-se bôcas hiantes, remechiam-se pedaços de corpos, braços sem mãos, troncos sem braços, membros sangrentos, mas todos, todos, pedindo misericórdia, soluçando compaixão, tentando fazer brotar da alma dêsse chacal fardado uma scentelha de dó, todos afirmando, ao aviso do operário belga, que sim, que estavam vivos, que não tinham temido a morte diante do fogo infernal do inimigo, na luta à baioneta ou à granada, mas que não lha dessem, que a não mereciam ali, enterrados vivos, êles que se tinham batido como valentes... Que os deixassem morrer vendo o sol e vendo a luz, sôbre o solo abandonados, mas que não os enterrassem vivos!

—¿Que esperam?—repetiu mais alto o oficial, acendendo um cigarro—Cumpram a minha ordem!

—Senhor tenente—replicou o generoso belga—eu não posso cumprir tal ordem e não a cumprirei!

—E eu quero que a cumpra e não tem que discutir. Paga-se-lhe, é para obedecer—retorquiu o alemão em voz intimativa.

—Guarde o seu dinheiro, passarei mesmo sem êle.

—Basta!—berrou a fera, puxando do seu revólver que apontou ao operário—Ou vai já para o fundo da cova fazer companhia aos outros.

O operário ficou imóvel, sentiu o prussiano armar

o gatilho do revólver, hesitou ainda, lembrou-se da ameaça do chacal que atiraria com êle mal ferido para o montão de moribundos e o faria também sepultar em vida e, ajudado por outro companheiro, despejou horrorizado a saca de cal no fundo da cova.

Ao seu contacto sôbre as carnes rasgadas dêsses desventurados, os lúgubres gemidos dos moribundos, num momento reanimados sob a acção cáustica da cal, recrudesceu, para declinar após, uns mortos de pavor, outros abafados pela terra que, sob a ameaça do revólver dêsse verdugo dos seus próprios compatriotas, começou a cobrir rápidamente os tristes que entre os maiores horrores da guerra, não puderam supor, decerto, que essa *Kultur* de que êles talvez se tivessem orgulhado, lhes reservasse como prémio da sua abnegação e valentia a morte horrorosa dos enterrados vivos!

XVI

Portugal... e a Espanha, na Grande Guerra

É óbvio, e está já mais que debatido e demonstrado, que Portugal tinha de tomar parte como beligerante de facto, ao lado das nações aliadas, na Grande Guerra de 1914, porque os seus superiores interêsses assim o exigiam.

A sua beligerância, porêm, foi combatida dentro do país e olhada com emulação, com inveja, com escárneo, por algumas nações entre as quais se salientou a... *nossa irmã* Espanha.

No *Blanco & Negro* e na *Esfera,* crònistas e caricaturistas de pouco talento e infeliz inspiração, procuraram meter Portugal a ridículo, servindo-se para isso dos motivos mais banais, o que só teve o merecimento de pôr bem em destaque a pobreza de espírito dos caricaturistas da *Esfera* e a grande simpatia que merecemos a *nuestros hermanos del Manzanares*...

Paralelamente seguia a sua publicação regular a *História Ilustrada de la guerra de 1914*, de que é autor o notável escritor espanhol D. Vicente Blasco Ibáñez, cuja leitura, bem como a de muitas outras publicações francesas, inglesas, italianas, brasileiras, eu seguia dia-a-dia com o maior interêsse e entusiasmo pela vitória dos aliados, para mim absolutamente incontestável desde o dia em que a Inglaterra declarou guerra à Alemanha.

As probabilidades da beligerância do nosso país aumentavam de momento a momento. Em várias revistas exclusivamente destinadas às notícias da guerra eu encontrára já referências a essa probabilidade e até reportagem gráfica sôbre a preparação das nossas tropas, embarque de contingentes para a luta já travada nas nossas colónias da África, fotografias dos nossos estadistas, etc.

Tudo isto era conhecidíssimo da Espanha e tão conhecido que as suas ilustrações ai procuravam os temas para muitas das suas... *brilhantes* páginas cómico-artísticas.

Os números da *História de la guerra* sucediam-se, o nosso país tinha já 40:000 homens em África, e cêrca de 100:000 na França; Blasco Ibáñez enchia páginas da sua História àcêrca dos americanos que ainda estavam na América, àcêrca de umas dúzias de *descendentes* de espanhóis que se encontravam no exército argelino, àcêrca da Grécia que só nos últimos dias da guerra definiu a sua situação e, de Portugal, que banhára já com o seu sangue generoso a *terra de ninguém* na grande luta, nem uma palavra ainda dissera o notável escritor, na sua obra monumental!

Chocou-me a consciente má-vontade que a excepção significava e feriu-me mais essa prova da *simpa-*

tia dos nossos vizinhos, por vir do incontestado talento de um grande escritor, que, na sua missão de historiador, devia estar acima das paixões da parcialidade, que ao historiador nem atenuadas com o ódio de raça ou de nacionalidade podem ser consentidas.

Publicações houve, entretanto, que a Portugal dedicaram números especiais dos seus jornais, ocupando outras, largas páginas de elogio pela sua atitude, de apreciação pela sua acção civilizadora através da História, de estudo do seu povo, instituições, estado económico, etc.

¿Porque se abstinha Blasco Ibáñez de se referir a Portugal, em igualdade de circunstâncias ao que fazia para os outros países?

¿Porque Portugal, apesar-de pequeno, fraco e pobre, teve a hombridade e coragem de marcar logo, desde o primeiro dia, quando ainda se ignorava qual seria a sorte das armas, o seu lugar ao lado dos aliados, podendo ter feito, a exemplo da Espanha, o jôgo de conveniências e de palpite que a fazia sorrir docemente para a França, emquanto *por baixo d'água apertava a mão* aos submarinos alemães?

Se foi por isto, Portugal dispensa os encómios do escritor espanhol, pois a acção dos seus soldados na França e na África ficou suficientemente vincada pelos seus actos de heroísmo e reconhecida por dezenas de publicações históricas que não lhe negaram o lugar de honra a que tinha direito, para que nos preocupemos com o espírito de justiça que determinou tão *leal* e *correcta* abstenção.

Não pude todavia ser superior à indignação que me provocou o manifesto propósito por parte do historiador espanhol de ferir o meu país, que se batia emquanto a Espanha se agachava atrás da sua cómoda

neutralidade, e a êle me dirigi em carta aberta que foi publicada em vários jornais, entre os quais *A Capital, A Montanha, O Século, O Democrata,* etc. e cujo original lhe remeti, *registado,* para Valência.

Transcrevo a carta:

«Ex.mo Sr. D. Vicente Blasco Ibáñez

Valência.

Tenho lido diáriamente a *História da Guerra de 1914,* de que v. ex.ª é autor, e não só esta obra como a grande maioria das publicações que sôbre a conflagração se publicam desde o seu início.

Como não podia deixar de ser, numa publicação paralela aos acontecimentos, v. ex.ª adoptou a ordem cronológica na sua exposição. Atinge o último fascículo publicado nesta data, os acontecimentos do terceiro ano de guerra até Julho de 1917.

Não desconhece v. ex.ª as grandes responsabilidades do historiador e sabe com que rigorosa imparcialidade êle deve subordinar e disciplinar a verdade dos factos. Atinge, como disse, a sua monumental *História de la guerra de 1914,* no fasciculo 155, o período de Julho de 1917 e até esta data, salvo uma referência de seis linhas no 6.º volume, páginas 162, às tropas portuguesas do general Gil: — *que tinham por missão apenas impedir que os alemães transpusessem o Rovuma...,* diz v. ex.ª — A obra de v. ex.ª sôbre a guerra actual, parece mostrar que o seu autor ignora ainda que ha

mais um país em guerra com a Alemanha, que ha mais um povo que da sua diminuta população enviou ao teatro da guerra um exército de mais de 80:000 homens e que ha qùasi meio ano se bate na frente anglo-francesa, exército mais numeroso do que a Espanha mandou para a sua campanha de Melilla, mais numeroso do que o enviado ao Roussillon, e do que o que opôs às invàsões francesas.

E todavia era a Espanha mais populosa nessas épocas do que o é hoje Portugal.

¿Em que se funda o silêncio obstinado sôbre a participação de Portugal na guerra, na grande história que v. ex.ª escreve?

¿Por que razão o mutismo de v. ex.ª àcêrca de um exército de 80:000 portugueses que desde Fevereiro de 1917 se encontra no teatro da guerra, exército àcêrca do qual v. ex.ª não encontrou aìnda uma palavra ao menos para acusar a sua presença em terra de França, v. ex.ª que tão prolixo foi de orgulhosas expressões de patriotismo, referindo-se a páginas 129 do 3.º volume, a um meio cento de soldados argelinos, descendentes dos antigos colonos espanhóis, que por acaso encontrou na sua visita a França, e que distingue com as honras de um parágrafo especial que intitulou — « A Espanha na guerra »?!

¿Em que se funda o seu obstinado silêncio até Julho de 1917, àcêrca da entrada de Portugal na guerra, quando o não poupa para os Estados-Unidos, cuja declaração de guerra à Alemanha é muito posterior à da Alemanha a Portugal, cujos soldados desembarcaram em França muito depois dos soldados portugueses, cujas divisões se encontram aìnda nos seus acampamentos, quando as divisões portuguesas se batem ha já muito tempo nas trincheiras da frente ocidental,

e quando o generoso sangue português tem já regado abundantemente o solo da grande França?

Por quê?

¿Porque Portugal é um país pequeno?

As nações, como os homens, não se medem aos palmos. A própria história lhe dá exemplos frisantes.

¿Por que, pois, a sua má-vontade para com um país que foi colocar-se ao lado da causa que v. ex.ª também defende? E' uma parcialidade que um historiador não póde ter, não deve ter e que o historiador deve desconhecer inteiramente. E todavia, numerosas publicações e notas oficiosas de governos e exércitos assinalam já a situação política e militar de Portugal perante a Alemanha e constatam a acção das tropas portuguesas na frente da batalha!

A entrada de Portugal na guerra não póde v. ex.ª ignorá-la, quando largamente a tão notável facto se teem referido: a *Ilustração Portuguesa, Le Miroir, L'Illustration Française, Le Panorama de la Guerre de 1914, L'Image de la Guerre de 1914,* o *J'ai Vu,* publicações francesas mundialmente conhecidas; o *Espelho,* publicação inglesa em língua francesa e portuguesa; a *Illustrated War News,* a *The Times History of the War,* publicações inglesas; a *La Guerra Ilustrada* espanhola e outras que, tanto pelo artigo como pela gravura, teem feito saber ao mundo que Portugal também enfileirou ao lado dos aliados.

Mas, se v. ex.ª o ignorava, apesar-de todo o mundo o saber, venho eu comunicar-lho para que v. ex.ª repare quanto antes a falta que cometeu para com um pequeno mas heróico povo, que para a civilização concorreu com os homéricos factos que a História Universal lhe aponta e v. ex.ª não desconhece. Portugal, posto que pequeno, tem sido um dos grandes obreiros

da civilização e como tal, e pelo esfôrço superior às suas fôrças, que neste momento produz em prol da grande causa dos aliados, não merece que o autor da maior história sôbre a guerra procure lançar sôbre êle a grande sombra do esquecimento, o que àlêm de ser uma injustiça, é um iníquo pagamento dos serviços que a sua atitude e o seu concurso prestam os aliados.

Esperando, pois, que v. ex.ª reparará a falta para com o meu país, subscrevo-me com a mais alta consideração

De V. Ex.ª
At.º Vend.or e Obrig.mo

Porto, 19—1—1918.

Humberto Beça.»

No fascículo 179, oitavo volume — a obra tem nove... — a páginas 100, sob o título comesinho «*Los portugueses ayudam a los aliados*», o escritor espanhol dedica então algumas páginas a Portugal, grande parte transcritas de *L'Illustration,* e em que por si apenas trata da questão política, revolução de 5 de Dezembro e pouco mais. Da acção militar de Portugal na França nem uma palavra.

Que nenhum português esqueça tão grata prova de fraternal amor da... *nação irmã,* da península, para ambicionar quanto antes a... almejada união ibérica.

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

ÍNDICE

	Pág.
Antes de começar	VII
I — Um episódio da guerra	11
II — Suprema dor	15
III — A invàsão	19
IV — O atirador de Verdun	39
V — Nestheroff	41
VI — A administração militar francesa bate-se na batalha da Flandres	46
VII — Ficamos! — 9 de Abril de 1918	52
VIII — Argolado — Um episódio de 1870	57
IX — Col-di-Lana	61
X — A retirada dos Sérvios	68
XI — A maior dor humana	119
XII — O blockhaus de Neuve-Chapelle	127
XIII — A feiticeira de Crignols	131
XIV — A morte do sudanês	157
XV — Kultur!	164
XVI — Portugal... e a Espanha, na Grande Guerra	185

1416604
SOB A METRALHA